

5 DE MAIO DE 2022

DIA MUNDIAL DA LÍNGUA PORTUGUESA

LECTURA CONTINUADA DE LOS LUSÍADAS, DE LUÍS DE CAMÕES HOMENAJE A LOS 450 AÑOS DE SU PUBLICACIÓN (1572-2022)

5 de mayo de 2022. Hora: 11:00- ca. 18:00 (Hora de Madrid).

**Facultad de Filología, Ed. D. Salón de Actos Emilia Pardo Bazán.
Modalidad: Presencial y en línea.**

EDICIÓN PORTUGUESA UTILIZADA

CAMÕES, Luís Vaz de, *Os Lusíadas*, ed. de Álvaro Júlio da Costa Pimpão, apresentação de Aníbal Pinto de Castro, Lisboa, Instituto Camões, 1992 (Con algunas modificaciones).

EDICIONES CASTELLANAS UTILIZADAS

CAMÕES, Luís Vaz de, *Los Lusíadas* (*Alcalá de Henares, Juan Gracián, 1580*), trad. de Benito Caldera, en Elena Soler (coord.), *Los Lusíadas. Poesías. Prosas*, Madrid, Fundación Biblioteca de Literatura Universal, 2007.

CAMÕES, Luís Vaz de, *Los Lusíadas*, trad. de Juan de la Pezuela, Conde de Cheste, Madrid, Imprenta de D. Antonio Pérez Dubruli, 1872.

OS LUSÍADAS

CANTO PRIMEIRO

I, 1 (MINISTRO DA CULTURA)

As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

I, 2 (MINISTRO DA CULTURA)

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando;
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

I, 3 (MINISTRO DA CULTURA)

Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,

Que outro valor mais alto se elevanta.

I, 4 (MINISTRO DA CULTURA)

E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandiloquo e corrente,
Porque de vossas águas Febo ordene
Que não tenham inveja às de Hipocrene.

I, 5 (MINISTRO DA CULTURA)

Dai-me uma fúria grande e sonorosa,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

I, 6 (MINISTRO DA CULTURA)

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade;
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Para do mundo a Deus dar parte grande;

I, 7 (MINISTRO DA CULTURA)

Vós, tenro e novo ramo florescente
De uma árvore de Cristo mais amada
Que nenhuma nascida no Ocidente,
Cesárea ou Cristianíssima chamada
(Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que Ele para si na Cruz tomou);

I, 8 (MINISTRO DA CULTURA)

Vós, poderoso Rei, cujo alto Império
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro;
Vê-o também no meio do Hemisfério,
E quando desce o deixa derradeiro;
Vós, que esperamos jugo e vitupério
Do torpe Ismaelita cavaleiro,
Do Turco oriental e do Gentio,
Queinda bebe o licor do santo rio;

I, 9 (MINISTRO DA CULTURA)

Inclinai por um pouco a majestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo;
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos pátrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

I, 10 (MINISTRA DE EDUCACIÓN)

Es amor de la patria, no movido

De premio vil, mas alto y casi eterno;
Que no es vil premio hacerme conocido
Por el orbe desde el nido paterno.
Oíd, veréis el nombre engrandescido
De aquellos de quien vos sois el gobierno
Y juzgaréis cuál es más excelente
Si ser del mundo rey, si de tal gente.

I, 11 (MINISTRA DE EDUCACIÓN)

Veréis no con palabras lisonjeras,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Loar los vuestros, cual las extranjeras
Musas de engrandecerse deseosas;
Son tan grandes las vuestras verdaderas
Que exceden las hazañas fabulosas
Rugero y Rodamonte, aunque más fuera
Y Orlando, aunque verdad fuera díjera.

I, 12 (MINISTRA DE EDUCACIÓN)

Por estos os daré aquel Nuño fiero,
Que al Rey y al reino hizo tal servicio;
Un Egas, y un don Fuas, por quien de Homero
Bien con razón la cítara codicio;
Pues por los Doce Pares dar os quiero
Los Doce de Inglaterra y su Magrício;
También os doy el nuestro ilustre Gama,
Que toma para sí de Eneas la fama.

I, 13 (MINISTRA DE EDUCACIÓN)

Pues si del francés Carlo y del romano
César queréis, señor, igual memoria,
Ved el primero Alfonso, cuya mano

Escura hace la estranjera gloria;
Y aquel que aseguró del castellano
Su reino con tan próspera victoria,
Y otro Juan de valor claro y distinto,
Y el cuarto Alfonso y el tercero y quinto.

I, 14 (MINISTRA DE EDUCACIÓN)

Ni dejarán mis versos olvidados
Los que en los reinos de la hermosa Aurora
Fueron en armas tanto señalados
(vuestra seña contino vencedora),
Pacheco y los Almeidas respetados
Y temidos, por quien el Tajo llora,
Alburquerque terrible y Castro fuerte,
Y otros en quien poder no tuvo muerte.

I, 15 (MINISTRA DE EDUCACIÓN)

Mientras digo esto –y que de vos no puedo,
Sublime rey, que no me atrevo a tanto-
Tomad la rienda a vuestro reino, ledo
Daréis materia a nunca oído canto.
Sientan el peso ya (que al mundo miedo
Y juntamente cause grave espanto)
De ejércitos y singulares hechos
De Oriente el mar y de Africa los techos.

I, 16 (MINISTRA DE EDUCACIÓN)

En vos los ojos tiene el moro frío,
Y en vos ha su ruina figurado;
El gentil con tan grande poderío
Al yugo muestra el cuello ya inclinado.
Tetis todo el cerúleo señorío

Para vos tiene en dote aparejado,
Que aficionada al rostro hermoso y tierno
Quiere compraros para dulce yerno.

I, 17 (MINISTRA DE EDUCACIÓN)

Míranse en vos desde la gran morada
De los abuelos dos las tan famosas
Almas, una en la paz santa y dorada
Otra por mil batallas sanguinosas;
Y esperan que será en vos renovada
Su memoria y sus obras valerosas,
Y en el templo de eternidad suprema
Silla os guardan, con cetro y con diadema.

I, 18 (MINISTRA DE EDUCACIÓN)

Mas en cuanto este tiempo pasa lento
De gobernar a cuantos lo desean,
Dad vos favor al nuevo atrevimiento,
Para questos mis versos vuestros sean;
Y veréis ir cortando al mar y el viento
A vuestros argonautas, por que vean
Que son vistos de vos en mar airado,
Y acostumbraos ya a ser invocado.

I, 19 (MINISTRO DA EDUCAÇÃO)

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,

Que do gado de Proteu são cortadas.

I, 20 (MINISTRO DA EDUCAÇÃO)

Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em consílio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente.
Pisando o cristalino Céu formoso,
Vêm pela Via Láctea juntamente,
Convocados, da parte do Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

I, 21 (MINISTRO DA EDUCAÇÃO)

Deixam dos sete Céus o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que só co pensamento
Governa o Céu, a Terra, e o Mar irado.
Ali se acharam juntos num momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro têm e as partes onde
A Aurora nasce e o claro Sol se esconde.

I, 22 (MINISTRO DA EDUCAÇÃO)

Estava o Padre ali sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
Num assento de estrelas cristalino,
Com gesto alto, severo e soberano.
Do rosto respirava um ar divino,
Que divino tornara um corpo humano;
Com uma coroa e ceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

I, 23 (MINISTRO DA EDUCAÇÃO)

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros Deuses todos assentados,
Como a razão e a ordem concertavam
(Precedem os antigos mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam);
Quando Júpiter alto, assim dizendo,
C'um tom de voz começa grave e horrendo:

I, 24 (MINISTRO DA EDUCAÇÃO)

«Eternos moradores do luzente
Estelífero pólo, e claro assento,
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente,
Como é dos fados grandes certo intento,
Que por ela se esqueçam os humanos
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

I, 25 (MINISTRO DA EDUCAÇÃO)

»Já lhe foi (bem o vistes) concedido,
C'um poder tão singelo e tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte e guarnecido
Toda a terra que rega o Tejo ameno.
Pois contra o Castelhano tão temido
Sempre alcançou favor do Céu sereno.
Assim que sempre, enfim, com fama e glória,
Teve os troféus pendentes da vitória.

I, 26 (MINISTRO DA EDUCAÇÃO)

»Deixo, Deuses, atrás a fama antiga,

Que coa gente de Rómulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra romana, tanto se afamaram;
Também deixo a memória que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capitão, que, peregrino,
Fingiu na cerva espírito divino.

I, 27 (MINISTRO DA EDUCAÇÃO)

»Agora vedes bem que, cometendo
O duvidoso mar num lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Áfrico e Noto a força, a mais se atreve:
Que havendo tanto já que as partes vendo
Onde o dia é comprido e onde breve,
Inclinam seu propósito e porfia
A ver os berços onde nasce o dia.

I, 28 (SECRETÁRIO DE ESTADO NEG. EST.)

»Prometido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta Lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar quevê do Sol a roxa entrada.
Nas águas têm passado o duro inverno;
A gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.

I, 29 (SECRETÁRIO DE ESTADO NEG. EST.)

»E porque, como vistes, têm passados
Na viagem tão ásperos perigos,
Tantos climas e céus experimentados,

Tanto furor de ventos inimigos,
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa africana, como amigos.
E tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.»

I, 30 (SECRETÁRIO DE ESTADO NEG. EST.)

Estas palavras Júpiter dizia,
Quando os Deuses, por ordem respondendo,
Na sentença um do outro difieria,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baco ali não consentia
No que Júpiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

I, 31 (SECRETÁRIO DE ESTADO NEG. EST.)

Ouvido tinha aos Fados que viria
Uma gente fortíssima de Espanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da Índia tudo quanto Dóris banha,
E com novas vitórias venceria
A fama antiga, ou sua ou fosse estranha.
Altamente lhe dói perder a glória,
De que Nisa celebra inda a memória.

I, 32 (SECRETÁRIO DE ESTADO NEG. EST.)

Vê que já teve o Indo sojugado,
E nunca lhe tirou Fortuna ou caso,
Por vencedor da Índia ser cantado
De quantos bebem a água de Parnaso.
Teme agora que seja sepultado

Seu tão célebre nome em negro vaso
D'água do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portugueses que navegam.

I, 33 (SECRETÁRIO DE ESTADO NEG. EST.)

Sustentava contra ele Vénus bela,
Afeiçoada à gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nela
Da antiga, tão amada, sua Romana;
Nos fortes corações, na grande estrela
Que mostraram na terra Tingitana,
E na língua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina.

I, 34 (SECRETÁRIO DE ESTADO NEG. EST.)

Estas causas moviam Citereia,
E mais, porque das Parcas claro entende
Que há de ser celebrada a clara Deia
Onde a gente belígera se estende.
Assim que um, pela infâmia, que arreceia,
E o outro, pelas honras que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem;
A qualquer seus amigos favorecem.

I, 35 (SECRETÁRIO DE ESTADO NEG. EST.)

Qual Austro fero ou Bóreas na espessura
De silvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura,
Com ímpeto e braveza desmedida,
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto, levantado

Entre os Deuses, no Olimpo consagrado.

I, 36 (SECRETÁRIO DE ESTADO NEG. EST.)

Mas Marte, que da Deusa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia,
De entre os Deuses em pé se levantava:
Merencório no gesto parecia;
O forte escudo, ao colo pendurado,
Deitando para trás, medonho e irado,

I, 37 (VICE-RECTOR REL. INTERN. UCM)

La visera del yelmo de diamante
Un poco levantando, muy seguro
Por dar su parecer, salió delante
De Júpiter armado, fuerte y duro,
Y dando un golpe recio y penetrante
Con el bastón en el asiento puro,
Turbóse el dios, que es adorado en Delo,
Y algo perdió su luz, y tembló el cielo.

I, 38 (VICE-RECTOR REL. INTERN. UCM)

Y dijo: «Luego, oh padre, a cuyo imperio
Todo aquello obedece, que criaste,
Si esta gente, busca otro hemisferio
Cuyo valor y obras tanto amaste,
No quieres que padezca vituperio
Como ha ya tanto tiempo que ordenaste;
Sea a tu oreja el razonar odioso
De quien parece que es tan sospechoso.

I, 39 (VICE-RECTOR REL. INTERN. UCM)

Que si aquí la razón no se mostrase
Vencedora del temor demasiado,
Bueno fuera que Baco sustentase
Los que vienen de Luso su privado;
Mas ésta su intención agora pase,
Que procede de un ánimo dañado,
Que en fin no quitara invidioso celo
El bien que otro merece, y quiere el cielo.

I, 40 (VICE-RECTOR REL. INTERN. UCM)

Y tú, padre de grande fortaleza,
De la resolución por ti tomada
Atrás no vuelvas, que es mostrar flaqueza
Desistir de la cosa comenzada.
Mercurio, pues excede en ligereza
Al suelto viento y la saeta alada,
Encamine esta gente a do se informe
Del Indo y do su perdida reforme.»

I, 41 (VICE-RECTOR REL. INTERN. UCM)

Aquí paró, y el padre poderoso
Consintió, la cabeza algo inclinando,
En lo que dijo Marte valeroso,
Su néctar sobre todos derramando.
Por el camino Lácteo glorioso,
Cada cual de los dioses se apartando,
Todos haciendo sus acatamientos
Se van a los usados aposentos.

I, 42 (VICE-RECTOR REL. INTERN. UCM)

En cuanto esto se pasa en la hermosa

Casa etérea del padre omnipotente,
Cortaba el mar la gente belicosa
Ya dese cabo de Austro y del Oriente,
Entre la etíope costa y la famosa
Isla de San Lorenzo, y el ardiente
Sol quemaba los dioses que Tifeo
En peces convirtió con temor feo.

I, 43 (VICE-RECTOR REL. INTERN. UCM)

Los vientos mansamente los llevaban,
Como a quien tiene el cielo por amigo;
Sereno el aire y tiempo se mostraban,
Sin temor de suceso ya enemigo.
El promontorio Praso, en fin, pasaban,
En la etíope costa nombre antiguo,
Cuando el mar descubriendo les mostraba
Nuevas islas, que en torno cerca y lava.

I, 44 (VICE-RECTOR REL. INTERN. UCM)

Vasco de Gama, el fuerte y valeroso
Capitán que a una empresa tal se ofrece,
De altivo corazón, presumptuoso,
A quien Fortuna siempre favorece,
Para allí estar (no ve razón) ocioso,
Que inhabitada tierra le parece,
Adelante pasarse determina,
Mas no le sucedió como imagina.

I, 45 (VICE-RECTOR REL. INTERN. UCM)

Veis que luego parece compañía
De pequeños bateles, que de aquella
Isla, más junta a tierra parecía

Cortando el mar con vela larga y bella.
La gente se alborozá y de alegría
Sólo sabe mirar la causa della:
«qué gente esta será» -entre sí decían-
«qué costumbres, qué ley, qué rey tendrían.»

I, 46 (EMBAIXADOR DE PORTUGAL)

As embarcações eram na maneira
Mui veloces, estreitas e compridas:
As velas, com que vêm eram de esteira,
Dumas folhas de palma, bem tecidas;
A gente da cor era verdadeira,
Que Faeton, nas terras acendidas,
Ao mundo deu, de ousado o não prudente
(O Pado o sabe e Lampetusa o sente).

I, 47 (EMBAIXADOR DE PORTUGAL)

De panos de algodão vinham vestidos,
De várias cores, brancos e listrados:
Uns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados;
Das cintas para cima vêm despidos;
Por armas têm adargas e terçados;
Com toucas na cabeça; e navegando,
Anafis sonoros vão tocando.

I, 48 (EMBAIXADOR DE PORTUGAL)

Cos panos e cos braços acenavam
Às gentes Lusitanas, que esperassem;
Mas já as proas ligeiras se inclinavam,
Para que junto às ilhas amainassem.
A gente e marinheiros trabalhavam

Como se aqui os trabalhos se acabassem;
Tomam velas, amaina-se a verga alta,
Da âncora o mar ferido em cima salta.

I, 49 (EMBAIXADOR DE PORTUGAL)

Não eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia.
No gesto ledos vêm, e humanamente
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente;
Do licor que Baco prantado havia
Enchem vasos de vidro, e do que deitam,
Os de Faeton queimados nada enjeitam.

I, 50 (EMBAIXADOR DE PORTUGAL)

Comendo alegremente perguntavam,
Pela Arábica língua, donde vinham,
Quem eram, de que terra, que buscavam,
Ou que partes do mar corrido tinham?
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas que convinham:
«Os Portugueses somos do Ocidente,
Imos buscando as terras do Oriente;

I, 51 (EMBAIXADOR DE PORTUGAL)

»Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antártico e Calisto,
Toda a costa Africana rodeado;
Diversos céus e terras temos visto;
Dum Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos e benquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,

Mas no lago entraremos de Aqueronte.

I, 52 (EMBAIXADOR DE PORTUGAL)

»E por mandado seu, buscando andamos
A terra Oriental que o Indo rega;
Por ele o mar remoto navegamos,
Que só dos feios focas se navega.
Mas já razão parece que saibamos,
(Se entre vós a verdade não se nega),
Quem sois, que terra é esta que habitais,
Ou se tendes da Índia alguns sinais?»

I, 53 (EMBAIXADOR DE PORTUGAL)

«Somos (um dos das ilhas lhe tornou),
Estrangeiros na terra, Lei e nação;
Que os próprios são aqueles que criou
A natura, sem Lei e sem razão.
Nós temos a Lei certa que ensinou
O claro descendente de Abraão,
Que agora tem do mundo o senhorio;
A mãe Hebréia teve e o pai Gentio.

I, 54 (EMBAIXADOR DE PORTUGAL)

»Esta ilha pequena, que habitamos,
É em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos,
De Quíloa, de Mombaça e de Sofala.
E, por ser necessária, procuramos,
Como próprios da terra, de habitá-la;
E por que tudo enfim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

I, 55 (Guzmán Palacios)

Y ya que de tan lejos navegades
Buscando el Indo Hidaspe y tierra ardiente,
Piloto aquí tendréis, por quien seades
Guiados por los mares sabiamente.
También será bien hecho que tengades
De tierra algún refresco; y que el Regente
Que esta tierra gobierna, pronto os vea,
Y de lo más preciso se os provea.»

I, 56 (Guzmán Palacios)

A sus barcos, diciendo así, tornóse
El Moro de su gente en compañía;
Y del Caudillo y Lusos apartóse,
Con muestras de debida cortesía.
En tanto Febo al hondo mar llevóse
En carro de cristal el claro día,
Ordenando que en tanto él reposase,
Su hermana el ancho mundo iluminase.

I, 57 (Guzmán Palacios)

Pasó la gente de la Lusa flota
La noche en alegría y descansada,
Por encontrar de tierra tan remota,
Nueva por tanto tiempo deseada;
Y entre sí cada cual advierte y nota
La gente y uso y ropa desusada,
Y cómo los que en secta infiel creyeran,
Tanto por todo el mundo se extendieran.

I, 58 (Guzmán Palacios)

De la luna los rayos rutilaban

Por las plácidas ondas neptuninas,
Las estrellas el cielo asimilaban
A prado de azucenas argentinas;
Y los furiosos vientos reposaban
En las oscuras cuevas peregrinas;
Mas según su costumbre, por cautela,
La gente de la escuadra estaba en vela.

I, 59 (Guzmán Palacios)

Pero así que llegó la luz rosada
Por el sereno cielo a derramarse
Del alba hermosa, abriendo roja entrada
Al claro sol que prueba a despertarse,
Se empieza a embanderar toda la armada,
Y de toldos alegres a adornarse,
Por recibir con fiestas y alegría,
Al Rector de las islas que venía.

I, 60 (Guzmán Palacios)

Venía ledamente navegando
A ver las prestas naves lusitanas,
Con refrescos de tierra, en sí cuidando
Que son aquellas gentes inhumanas
Que las tierras caspianas habitando
A conquistar pasaron las Asianas,
Y por decreto y orden del destino,
Ganaron la ciudad de Constantino.

I, 61 (Guzmán Palacios)

Recibe el Capitán alegremente
Al jefe y su completa compañía;
Dale de ricas piezas un presente,

Que para estos efectos ya traía;
Dulces conservas dale, y dale ardiente
Desusado licor que da alegría;
Nada hay que el Moro con placer no tome,
Y con placer más grande bebe y come.

I, 62 (Guzmán Palacios)

La marítima gente está del Luso
Subida por las jarcias, admirada,
Notando el extranjero modo y uso,
Y la lengua tan bruta y enredada.
También el Moro astuto está confuso,
Viendo el traje y color y fuerte armada;
Y todo preguntando, les decía
Si vienen por acaso de Turquía.

I, 63 (Guzmán Palacios)

Y les dice también que ver desea
El libro que a su ley y fe preside,
Por ver si con la dél conforme sea,
O si moral diversa las divide;
Y porque todo note, observe y vea,
Que le presente al Capitán, le pide,
Aquellas fuertes armas, de que usaban
Cuando con sus contrarios peleaban.

I, 64 (M^a José Gálvez Salvador)

El valeroso Capitán responde,
Por uno que la lengua vil sabía:
Y le hace relacion, y poco esconde,
De su ley, tierra y armas que traía.
Dice que no es su raza la de donde

Procede la impía gente de Turquía;
Y que son de la Europa belicosa,
Y que la India buscan tan famosa.

I, 65 (M^a José Gálvez Salvador)

Que la ley de Aquel sigue, a cuya mano
Obedecen lo oculto y lo visible
De aquel Ser que creó todo lo humano,
Lo que tiene sentido y lo insensible;
Que ofensas padeció y ultraje insano,
Sufriendo inmerecida muerte horrible;
Y, en fin, que desde el cielo bajó al suelo,
Para el hombre subir del suelo al cielo.

I, 66 (M^a José Gálvez Salvador)

«De este Dios-Hombre, altísimo, infinito,
No extrañes que hoy el libro aquí no lleve,
Excusando en papel traer escrito
Lo que estar en el alma impreso debe.
Que veas nuestras armas te permito,
Pues así lo pediste claro y breve.
Las verás amigable, pues espero
Que no las quieras ver como guerrero.»

I, 67 (M^a José Gálvez Salvador)

Esto diciendo, manda a diligentes
Ministros enseñar las armaduras;
Ven arneses y petos relucientes,
Mallas finas, de acero planchas puras,
Escudos de labores diferentes,
Trabucos y espingardas muy seguras,
Arcos y sagitíferas aljabas,

Partesanas agudas, picas bravas.

I, 68 (M^a José Gálvez Salvador)

Las bombas de disparo y juntamente
Las sulfúreas pelotas, tan dañosas;
Pero a los de Vulcano no consiente
Dar fuego a las bombardas temerosas;
Porque el gallardo espíritu valiente,
Entre gentes tan pocas y medrosas,
Para no ser cual es, tiene razones,
Que es flaqueza, entre ovejas, ser leones.

I, 69 (M^a José Gálvez Salvador)

Pero de esto que al Moro se le muestra
Y de cuanto observó con ojo atento,
Le vino al alma cólera siniestra
Y a la mente torcido pensamiento.
Mas en gesto y acción no lo demuestra,
Sino que, con risueño fingimiento,
Blandamente tratarlos determina
Hasta que pueda hacer lo que imagina.

I, 70 (M^a José Gálvez Salvador)

Pilotos luego el Capitán le pide,
Por quien pudiese al Indo ser llevado;
Y dícele que el pago no se mide
Del trabajo que en ello hayan tomado.
Prométeselo el Moro, en quien reside
Tal intención, intento tan malvado,
Que, a poderlo, la muerte, en aquel día,
En lugar de Pilotos le daría.

I, 71 (M^a José Gálvez Salvador)

¡Tal era el odio y malquerer tenaces
Que encendió contra el Luso la venganza,
De la verdad al ver que son secuaces
Que el hijo de David da en enseñanza!
¡Oh profundos arcanos no falaces
A quien juicio mortal ninguno alcanza!
¡Que nunca falte un pérvido enemigo
Aun al que siempre fue del cielo amigo!

I, 72 (M^a José Gálvez Salvador)

Partió en esto y llevó su compañía
De las naos el Moro despachado,
Con engañosa y grande cortesía,
Con aspecto de halago simulado.
Cortaron los bateles la ancha vía
Del conocido mar; y acompañado,
Ya en tierra, de obsequioso ayuntamiento,
Fuese el Moro a su cógnito aposento.

I, 73 (Guillermo Escribano)

Desde su etéreo asiento el gran Tebano
Que del muslo paterno fue nacido,
Viendo que el fuerte pueblo Lusitano
Es al Moro molesto, aborrecido,
En la mente revuelve intento insano
Con que sea del todo destruido;
Y mientras en la mente lo ordenaba,
Consigo estas palabras platicaba.

I, 74 (Guillermo Escribano)

«Está ya decidido por el Hado

Que alcance las victorias más famosas
La fuerte grey del Portugués estado
De las indianas gentes belicosas.
Yo solo, hijo de padre sublimado,
Con cualidades tantas generosas,
¿Sufriré que el destino favorezca
A aquel por quien mi nombre se oscurezca?

I, 75 (Guillermo Escribano)

«Ya los dioses quisieron que tuviese
El hijo de Filipo en esa parte
Tanto poder, que todo lo rindiese
Bajo su imperio el furibundo Marte.
¿Mas hase de sufrir que el Hado diese
A tan pocos tamaño esfuerzo y arte,
Y yo, y el Macedonio, y el Quirite,
Demos lugar al que el honor nos quite?»

I, 76 (Guillermo Escribano)

«No será así, porque antes que llegado
Hubiere el Capitán, astutamente
Le será tanto engaño fabricado
Que jamás toque al suelo del Oriente.
Yo a tierra bajaré, y el inflamado
Pecho haré incendio de la Maura gente;
Porque siempre por vía irá derecha,
Quien de oportuno tiempo se aprovecha.»

I, 77 (Guillermo Escribano)

Esto diciendo, Mero y quasi insano,
Sobre la tierra de África lanzóse,
Donde tomando forma y gesto humano,

Para el sabido Praso encaminóse;
Y por mejor fingir el hecho vano,
En natural figura convirtióse
De un Moro, en Mozambique conocido,
Viejo sabio, del Jeque muy valido.

I, 78 (Guillermo Escribano)

Al cual entrando a hablar, al tiempo y horas
A la malicia aquella acomodadas,
Le dice que eran hordas malhechoras
Las que allí nuevamente eran llegadas;
Que vino, de las gentes moradoras
De la costa, rumor que de robadas
Por estos hombres que pasaban, fueron,
Que con pactos de paz siempre mintieron.

I, 79 (Guillermo Escribano)

«Y a más sabe (le dice) que entendido
Tengo de estos cristianos, que ladrones,
El comercio del mar han destruido,
Con incendios y bárbaras acciones,
Y ya traen, de largo, engaño urdido
Contra nos; y que son sus intenciones
Solo de asesinarnos y robarnos,
Y a los hijos y esposas cautivarnos.

I, 80 (Guillermo Escribano)

«Y sé tambien que tiene ya tratado
De venir a buscar agua, muy cedo,
El Capitán, de muchos resguardado,
Que de intención dañada nace el miedo.
Tú también debes, con tu gente, armado,

Ir a esperarlo al paso, oculto y quedo;
Con que al bajar la suya descuidada,
Pueda toda caer en la celada.

I, 81 (Guillermo Escribano)

«Y no quedando aún de esta pelea
Destruidos o muertos totalmente,
Imaginado tengo, acá en la idea,
Otra maña y ardid, que te contente;
Manda darles piloto infiel, que sea
De astucia natural, y tan prudente,
Que los lleve a dó fueren destrozados,
Perseguidos sin fin y exterminados.»

I, 82 (Teresa Orjales)

Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro, nos tais casos sábio e velho,
Os braços pelo colo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho;
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belígero aparelho,
Para que ao Português se lhe tornasse
Em roxo sangue a água que buscasse.

I, 83 (Teresa Orjales)

E busca mais, para o cuidado engano,
Mouro que por piloto à nau lhe mande,
Sagaz, astuto e sábio em todo o dano,
De quem fiar-se possa um feito grande.
Diz-lhe que acompanhando o Lusitano,
Por tais costas e mares co ele ande,
Que, se daqui escapar, que lá diante

Vá cair onde nunca se alevante.

I, 84 (Teresa Orjales)

Já o raio Apolíneo visitava
Os montes Nabateios acendido,
Quando o Gama cos seus determinava
De vir por água a terra apercebido.
A gente nos batéis se concertava
Como se fosse o engano já sabido;
Mas pôde suspeitar-se facilmente,
Que o coração pressago nunca mente.

I, 85 (Teresa Orjales)

E mais também mandado tinha a terra,
De antes, pelo piloto necessário,
E foi-lhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuidava mui contrário;
Por isto, e porque sabe quanto erra
Quem se crê de seu pérvido adversário,
Apercebido vai como podia
Em três batéis somente que trazia.

I, 86 (Teresa Orjales)

Mas os Mouros, que andavam pela praia,
Por lhe defender a água desejada,
Um de escudo embracado e de azagaia,
Outro de arco encurvado e seta ervada,
Esperam que a guerreira gente saia,
Outros muitos já postos em cilada.
E, por que o caso leve se lhe faça,
Põem uns poucos diante por negaça.

I, 87 (Teresa Orjales)

Andam pela ribeira alva, arenosa,
Os belicosos Mouros acenando
Com a adarga e coa hástia perigosa,
Os fortes Portugueses incitando.
Não sofre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando.
Qualquer em terra salta, tão ligeiro,
Que nenhum dizer pode que é primeiro.

I, 88 (Teresa Orjales)

Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca e, pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada,
Mas o animal atroce, nesse instante,
Com a fronte cornígera inclinada,
Bramando, duro corre e os olhos cerra,
Derriba, fere e mata e põe por terra:

I, 89 (Teresa Orjales)

Eis nos batéis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artilharia,
A plúmbea péla mata, o brado espanta,
Ferido, o ar retumba e assavia.
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria.
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventuroso.

I, 90 (Teresa Orjales)

Não se contenta a gente Portuguesa,

Mas, seguindo a vitória, estrui e mata;
A povoação, sem muro e sem defesa,
Esbombardeia, acende e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa,
Que bem cuidou comprá-la mais barata;
Já blasfema da guerra, e maldizia,
O velho inerte e a mãe que o filho cria.

I, 91 (Javier Hernández Peña)

Fugindo, a seta o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde e de apressado,
A pedra, o pau e o canto arremessando;
Dá-lhe armas o furor desatinado.
Já a ilha, e todo o mais, desemparando,
À terra firme foge amedrontado;
Passa e corta do mar o estreito braço
Que a ilha em torno cerca em pouco espaço

I, 92 (Javier Hernández Peña)

Uns vão nas almadias carregadas,
Um corta o mar a nado diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar e o deita juntamente.
Arrombam as miúdas bombardadas
Os pangaios subtils da bruta gente.
Desta arte o Português, enfim, castiga
A vil malícia, pérfida, inimiga.

I, 93 (Javier Hernández Peña)

Tornam vitoriosos para a armada,
Co despojo da guerra e rica presa,
E vão a seu prazer fazer aguada,

Sem achar resistência nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,
No ódio antigo mais que nunca acesa;
E vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.

I, 94 (Javier Hernández Peña)

Pazes cometer manda arrependido
O Regedor daquela iníqua terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra;
Porque o piloto falso prometido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Para os guiar à morte lhe mandava,
Como em sinal das pazes que tratava.

I, 95 (Javier Hernández Peña)

O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado e ventos tinha
Para ir buscar o Indo desejado,
Recebendo o piloto, que lhe vinha,
Foi dele alegremente agasalhado;
E respondendo ao mensageiro, a tento,
As velas manda dar ao largo vento.

I, 96 (Javier Hernández Peña)

Desta arte despedida, a forte armada
As ondas de Anfítrite dividia,
Das filhas de Nereu acompanhada,
Fiel, alegre e doce companhia.
O Capitão, que não caía em nada

Do enganoso ardil que o Mouro urdia,
Dele mui largamente se informava
Da Índia toda e costas que passava.

I, 97 (Javier Hernández Peña)

Mas o Mouro, instruído nos enganos
Que o malévolo Baco lhe ensinara,
De morte ou cativeiro novos danos,
Antes que à Índia chegue, lhe prepara.
Dando razões dos portos Indianos,
Também tudo o que pede lhe declara,
Que, havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

I, 98 (Javier Hernández Peña)

E diz-lhe mais, co falso pensamento
Com que Sínon os Frígios enganou,
Que perto está uma ilha, cujo assento
Povo antigo cristão sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava atento,
Tanto com estas novas se alegrou
Que com dádivas grandes lhe rogava
Que o leve à terra onde esta gente estava.

I, 99 (Eugenio Luján Martínez)

Lo mismo el falso Moro determina
Que lo que el capitán desear puede;
Que la tierra habitada es de ferina
Gente que sigue el culto de Mahomed.
Aquí el engaño y muertes imagina,
Porque en poder y fuerzas mucho excede
A Mozambique el pueblo, que se llama

Quíloa, muy conocido por su fama.

I, 100 (Eugenio Luján Martínez)

Dirigíase allá la alegre flota;
Mas la diosa en Citeres bendecida,
Viéndola abandonar la cierta rota
Por ir tras de la muerte imprevenida,
No consiente que, en tierra tan remota,
Se pierda gente de ella tan querida,
Y con vientos contrarios la apartaba
De a dó el falso piloto la llevaba.

I, 101 (Eugenio Luján Martínez)

Con que el malvado Moro, no pudiendo
Tal determinación llevar avante,
Otra perfidia en su lugar urdiendo,
Prosigue en su propósito constante,
Dice que, pues las aguas impeliendo
Los llevan a la fuerza hacia adelante,
Que cerca hay otra isla, cuya gente
Son cristianos y moros juntamente.

I, 102 (Eugenio Luján Martínez)

También en este aserto le mentía,
Como en fin, por costumbre ya llevaba;
Porque de Cristo allí gente no había
Sino la que a Mahoma celebraba.
El Capitán, que al Moro bien creía,
Velas virando, la isla demandaba;
Mas no quiere la diosa guardadora,
y la barra no vence la alta prora.

I, 103 (Eugenio Luján Martínez)

La Isla a Quíloa está tan allegada,
Que un paso estrecho a entrabbas dividía,
y una ciudad en ella está situada,
Que al frente de la mar aparecía;
De nobles edificios está ornada
Cual, de lejos, por fuera, bien se vía:
Mombaza, isla y ciudad por nombre tienen,
Y a un Rey anciano a someterse vienen.

I, 104 (Eugenio Luján Martínez)

Y el Capitán, a vista de ella era anclado,
Extrañamente alegre porque espera
Que va a ver aquel pueblo bautizado,
Como el falso piloto le dijera;
Cuando héte que de tierra, con recado,
Llegan barcos del Rey, que ya supiera
Quién son, que Baco de antes le avisara,
De otro Moro en la forma que tomara.

I, 105 (Eugenio Luján Martínez)

El recado que traen era de amigos,
mas debajo el veneno está encubierto;
que eran los pensamientos de enemigos
cual lo mostró en engaño descubierto.

¡Oh cuán ciertos son, Muerte, tus postigos!
¡Oh camino de vida nunca cierto,
que do la gente pone su esperanza
La vida tiene menos confianza!

I, 106 (Eugenio Luján Martínez)

Tanta tormenta en mar y tanto daño,

tantas veces la muerte apercibida,
tantas guerras en tierra y tanto engaño,
Tanta necesidad aborrecida:
¿dónde se acogerá el mal tamaño,
si contra un gusanillo vil del suelo
se indigna, se levanta, se arma el cielo?

CANTO SEGUNDO

II, 1 (José Manuel Lucía Megías)

Ya en este tiempo el fulgido planeta
Que las horas del día va midiendo,
Llegaba lento a la anhelada meta,
La alba luz a las gentes encubriendo;
Y de la casa de la mar, secreta,
La puerta el Dios nocturno le está abriendo,
Cuando los de la isla se llegaron
a las naves, que ha poco que ancoraron.

II, 2 (José Manuel Lucía Megías)

Uno entre ellos, que el cargo ha recibido
Del mortífero engaño, así decía:
«Capitán valeroso, que has corrido
Del salado Neptuno la honda vía,
Del Rey que esta isla manda tanta ha sido,
Por tu venida, el gozo y la alegría,
Que su deseo solo es complacerte
Y de cuanto quisieres proveerte.

II, 3 (José Manuel Lucía Megías)

«Y por que está en estremo ya ganoso
De verte, cual persona tan nombrada,
Te ruega que, de nada receloso,
Penetres por la barra con tu armada;
Y como del camino trabajoso
Traerás la gente débil y cansada,
Restauro puedes darla en este suelo,
Que ha menester natura algún consuelo.

II, 4 (José Manuel Lucía Megías)

«Y si buscando vas la mercancía
Que produce el aurífero Levante,
Clavo ardiente, canela, especería,
u otro objeto valioso comerciante;
o si quieres luciente pedrería,
Encendido rubí, duro diamante,
Lo tendrás aquí todo tan de sobra
Que podrás convertir la idea en obra.»

II, 5 (José Manuel Lucía Megías)

Al mensajero el Capitán responde,
Las palabras del Rey agradeciendo,
Y diz que porque el sol pronto se esconde
No está ya con su entrada, obedeciendo;
Mas que cuando la luz muestre por dónde
Pueda sin ningún riesgo ir mar midiendo,
Cumplirá sin tardanza su mandado,
Que a más, por tal señor, se va obligado.

II, 6 (José Manuel Lucía Megías)

Le pregunta después si son en tierra

Cristianos, y el piloto no mentía;
El mensajero astuto no lo yerra,
Y diz que es de ellos la mayor cuantía.
De esta suerte del pecho le destierra
 El temor y sospecha de falsía;
Por lo que el Capitán, incautamente,
 Teme ya menos de la falsa gente.

II, 7 (José Manuel Lucía Megías)

Y de algunos que trae, condenados
Por culpas y por hechos vergonzosos,
 Porque pudiesen ser aventurados
En casos de esta suerte peligrosos,
Manda a dos, muy sagaces, ensayados,
 A observar de los moros engañosos
La ciudad y el poder, y porque vean
 Los cristianos, que tanto ver deseán.

II, 8 (José Manuel Lucía Megías)

Por ellos manda al Rey dádiva afable,
Porque la voluntad que les mostraba
 Tenga firme, segura, inalterable,
La cual bien al contrario en todo estaba.
 Ya el séquito salía abominable
De las naves y el campo azul cortaba;
 Y los dos de la flota, con fingidos
Halagos, son en tierra recibidos.

II, 9 (Aurelio Vargas Díaz-Toledo)

E depois que ao Rei apresentaram,
Co recado os presentes que traziam,
 A cidade correram, e notaram

Muito menos daquilo que queriam;
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhes mostrarem tudo o que pediam;
Que onde reina a malícia, está o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.

II, 10 (Aurelio Vargas Díaz-Toledo)

Mas aquele que sempre a mocidade
Tem no rosto perpétua, e foi nascido
De duas mães, que urdia a falsidade
Por ver o navegante destruído,
Estava numa casa da cidade,
Com rosto humano e hábito fingido,
Mostrando-se Cristão, e fabricava
Um altar sumptuoso que adorava.

II, 11 (Aurelio Vargas Díaz-Toledo)

Ali tinha em retrato afigurada
Do alto e Santo Espírito a pintura,
A cándida pombinha, debuxada
Sobre a única Fénix, Virgem pura;
A companhia santa está pintada,
Dos doze, tão torvados na figura
Como os que, só das línguas que caíram
De fogo, várias línguas referiram.

II, 12 (Aurelio Vargas Díaz-Toledo)

Aqui os dous companheiros conduzidos
Onde com este engano Baco estava,
Põem em terra os giolhos, e os sentidos
Naquele Deus que o mundo governava.
Os cheiros excelentes, produzidos

Na Pancaia odorífera, queimava
O Tíoneu, e assim por derradeiro
O falso Deus adora o verdadeiro.

II, 13 (Aurelio Vargas Díaz-Toledo)

Aqui foram de noite agasalhados,
Com todo o bom e honesto tratamento
Os doux Cristãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso e santo fingimento.
Mas, assim como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, e num momento
Apareceu no rúbido horizonte
Da moça de Titão a roxa fronte,

II, 14 (Aurelio Vargas Díaz-Toledo)

Tornam da terra os Mouros co recado
Do Rei, para que entrassem, e consigo
Os doux que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo.
E sendo o Português certificado
De não haver receio de perigo
E que gente de Cristo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.

II, 15 (Aurelio Vargas Díaz-Toledo)

Dizem-lhe os que mandou que em terra viram
Sacras aras e sacerdote santo;
Que ali se agasalharam o dormiram
Enquanto a luz cobriu o escuro manto;
E que no Rei e gentes não sentiram
Senão contentamento e gosto tanto
Que não podia certo haver suspeita

Numa mostra tão clara e tão perfeita.

II, 16 (Aurelio Vargas Díaz-Toledo)

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam,
Que levemente um ânimo se fia
De mostras que tão certas pareciam.
A nau da gente pérfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam.
Alegres vinham todos, porque crêm
Que a presa desejada certa têm.

II, 17 (Manuel Ney Monteiro Cardoso Jr)

Na terra cautamente aparelhavam
Armas e munições, que, como vissem
Que no rio os navios ancoravam,
Neles ousadamente se subissem;
E nesta traição determinavam
Que os de Luso de todo destruíssem,
E que, incautos, pagassem deste jeito
O mal que em Moçambique tinham feito.

II, 18 (Manuel Ney Monteiro Cardoso Jr)

As âncoras tenaces vão levando,
Com a náutica grita costumada;
Da proa as velas sós ao vento dando
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Ericina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande e tão secreta,
Voa do Céu ao mar como uma seta.

II, 19 (Manuel Ney Monteiro Cardoso Jr)

Convoca as alvas filhas de Nereu,
Com toda a mais cerúlea companhia,
Que, porque no salgado mar nasceu,
Das águas o poder lhe obedecia.
E propondo-lhe a causa a que desceu,
Com todos juntamente se partia
Para estorvar que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.

II, 20 (Manuel Ney Monteiro Cardoso Jr)

Já na água erguendo vão, com grande pressa,
Com as argênteas caudas branca escuma;
Cloto co peito corta e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da água crespa em força suma;
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

II, 21 (Manuel Ney Monteiro Cardoso Jr)

Nos ombros de um Tritão, com gesto aceso,
Vai a linda Dione furiosa;
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão formosa.
Já chegam perto donde o vento teso
Enche as velas da frota belicosa;
Repartem-se e rodeiam nesse instante
As nauas ligeiras, que iam por diante.

II, 22 (Manuel Ney Monteiro Cardoso Jr)

Põe-se a Deusa com outras em direito

Da proa capitaina, e ali fechando
O caminho da barra, estão de jeito
Que em vão assopra o vento, a vela inchando;
Põem no madeiro duro o brando peito,
Para detrás a forte nau forcando;
Outras em derredor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

II, 23 (Manuel Ney Monteiro Cardoso Jr)

Quais para a cova as próvidas formigas,
Levando o peso grande acomodado
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado;
Ali são seus trabalhos e fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado:
Tais andavam as Ninfas estorvando
À gente Portuguesa o fim nefando.

II, 24 (Ivan Jancareck)

Vuelve la nao atrás al fin forzada
Pesando a los que lleva que gritando
Tuercen velas; la gente hervé airada
A entrambos bordes el timón echando;
Grita el maestre de la popa alzada,
Viendo cómo adelante amenazando
Los estaba un peñasco agudo y quedo.
Que de romper la nao le pone miedo.

II, 25 (Ivan Jancareck)

El alarido fiero ya levanta
El marinero que trabaja y suda,
La mora gente el gran estruendo espanta

Como si viese una batalla cruda;
No sabe la razón de furia tanta
Y en esta priesa quien le valga duda,
Piensa que sus engaños son sabidos
Y que por ello aquí serán punidos.

II, 26 (Ivan Jancareck)

Unos súbitamente se lanzaban
A los barcos veloces que traían;
Otros la mar encima levantaban,
Saltando al agua a nado se acogían.
De un borde y otro súbito saltaban,
Cáusalo el miedo de lo que veían,
Que antes quieren al mar aventurarse
Que en manos enemigas entregarse.

II, 27 (Ivan Jancareck)

Como en laguna de alta selva amena
Las ranas, otro tiempo licía gente,
Si persona venir sienten ajena
Y están fuera del agua incautamente,
De aquí, de allí, saltando el charco suena
Por huir del peligro que se siente,
Y al seguro lugar del agua entradas,
Las cabezas afuera están sacadas;

II, 28 (Ivan Jancareck)

Así los falsos moros van huvendo,
Y el piloto, que allí las naos guiara,
Que su engaño se sabe ya crevendo,
Salta también al agua amarga y clara.
Por no dar, pues, en el peñasco horrendo

Donde pierdan la vida dulce y cara,
Suelta la áncora allí la capitana,
Cualquiera luego de amainarse allana

II, 29 (Ivan Jancareck)

Gama considerando, la estrañeza
Mirando de la mala gente, y junto
Al piloto que huye con presteza,
Lo que ordenaba entiende en aquel punto;
Y viendo (estando el viento sin braveza
Y las aguas sin dar contrario asunto)
Que su nave adelante ir no podía,
Teniéndolo a milagro así decía:

II, 30 (Ivan Jancareck)

«!Oh caso extraño, grande, y no pensado,
Oh milagro clarísimo evidente,
Oh ciego engaño claro y desatado,
Oh pérvida, enemiga, y falsa gente!
¿Cómo podrá del mar aparejado
Librarse sin peligro sabiamente
Alguno, si la guarda soberana
No acudiere a la flaca fuerza humana?

II, 31 (Ivan Jancareck)

Bien muestra la Divina Providencia
Destos puertos la mal segura estanza;
Bien claro habemos visto en la apariencia
Que se engañaba nuestra confianza.
Mas, pues saber humano ni prudencia
Tan secretos engaños nunca alcanza,
Mira, ¡oh Divina Guarda y verdadera,

Por quien sin ti guardado ser no espera!

II, 32 (Mariin Ratnik)

Y si tanta piedad en ti se esmalta,
Y te mueve esta gente peregrina,
Y por tu gran bondad sublime y alta
Salva de gente pérfida y malina.
A puerto alguno, do verdad no falta
Conducirnos agora determina,
O nos muestra la tierra, que buscamos,
Pues para tu servicio navegamos.»

II, 33 (Mariin Ratnik)

Oyóle estas palabras piadosas,
La hermosa Dione, y conmovida,
De entre las Ninfas va, que congojosas
Quedaron desta súbita partida.
Las esferas penetran luminosas
Y en la tercera suya recibida
No se paró, mas a la sexta casa,
Adonde el alto Padre estaba, pasa.

II, 34 (Mariin Ratnik)

Y como iba cansada del camino
Tan hermosa en el rostro se mostraba,
Que el cielo y las estrellas y el vecino
Aire con cuanto vía enamoraba.
De los ojos de amor nido divino
Mil espíritus vivos inspiraba,
Con que los polos ambos encendía
Y la esfera del fuego vuelve fría.

II, 35 (Mariin Ratnik)

Por más enamorar al soberano
Padre, de quien fue siempre amada y cara
Se le presenta así como al troyano
Allá en la selva idea se mostrara.
Viérala el cazador que el bulto humano
Perdió, viendo a Diana en agua clara,
Que nunca allí sus perros le mataran
Mas primero deseos le acabaran.

II, 36 (Mariin Ratnik)

Las crespas hebras de oro se esparcían
Por el cuello que al sol escurecía;
Las blancas tetas con andar bullían,
Con quien Amor jugaba y no se vía.
De la cinta unas llamas le salían
De que el niño las almas encendía;
Por las lisas columnas revolaban
Deseos que, cual yedra, se enredaban.

II, 37 (Mariin Ratnik)

Un delgado cendal las partes cubre
De quien vergüenza es natural reparo,
Pero no todo esconde ni descubre
El velo, a hermosos lirios poco avaro.
Enciende lo que muestra y lo que encubre
Puesto delante aquel objeto raro;
Ya se sienten del cielo a cualquier parte
Los celos en Vulcano, amor en Marte.

II, 38 (Mariin Ratnik)

Mostrando en el angélico semblante

Con la risa tristeza acompañada,
Como dama que fue de incauto amante
En burlas amorosas mal tratada,
Y se queja, y se ríe en un instante
Y se muestra entre alegre lastimada;
Ansí habla la diosa de belleza
Con más regalo, al padre, que tristeza:

II, 39 (Mariin Ratnik)

«Siempre pensaba, oh padre poderoso,
Que para cosas que yo tanto amase
Te hallase blando, afable, y amoroso,
Puesto que a algún contrario le pesase.
Mas pues que contra mí estás riguroso
Sin que lo mereciese y sin que errase
Hágase como Baco lo ha querido,
Veré en fin la desgracia que he tenido.

II, 40 (Helena Bicho)

Este pueblo, que es mío, por quien derramo
Lágrimas que caer en vano veo,
Que harto mal le procuro, pues le amo,
Siendo tú tan contrario a mi deseo,
Por él a ti rogando lloro y bramo,
Y contra mi ventura en fin peleo
Pues ya que por amarle es maltratado,
Quiero querelle mal, será guardado.

II, 41 (Helena Bicho)

Mas muera, en fin, entre estas brutas gentes,
Que pues yo fui...» y aquí, tierna y llorosa,
El rostro baña en lágrimas ardientes,

Cual con rocío queda fresca rosa.
Callada un poco, como si entre dientes
 La impidiera la habla piadosa,
Vuelve a seguilla y llévala delante,
Mas atajóla el gran padre Tonante.

II, 42 (Helena Bicho)

Y destas blandas muestras commovido,
Que movieran de un tigre el pecho duro,
Con rostro alegre, cual desde el subido
 Cielo, torna sereno al aire escuro,
Las lágrimas le limpia y, encendido,
Besa el rostro y abraza el cuello puro,
De suerte que si solo allí se hallara
Otro nuevo Cupido se engendrara.

II, 43 (Helena Bicho)

Luego al suyo juntando el rostro amado,
Que sollozos y lágrimas aumenta,
 Como niño del ama castigado,
Que quien le acalla, el lloro le acrecienta,
Por ponerle en sosiego el pecho airado
 Muchos casos futuros le presenta,
Del hado las entrañas revolviendo;
Desta manera en fin le está diciendo:

II, 44 (Helena Bicho)

«No temáis, no, hermosa hija mía
Peligro alguno a vuestros lusitanos,
 Ni que comigo más otro podría
Que esos llorosos ojos soberanos.
Que yo os prometo, que veáis el día

En que se olviden griegos y romanos
Por los ilustres hechos que esta gente
En las partes hará del gran Oriente.

II, 45 (Helena Bicho)

Que aunque el facundo Ulises escapase
De ser allá en Oigia eterno esclavo,
Y que Antenor los senos penetrase
Ilirios, y la fuente de Timavo.
Y aunque el piadoso Eneas navegase
De Escila y de Caribdis el mar bravo,
Éstos mayores cosas intentando
Nuevos mundos al mundo irán mostrando.

II, 46 (Helena Bicho)

Fortalezas, ciudades, y altos muros
Por ellos veréis, hija, edificados;
Los turcos fuertes, belicosos, duros,
Dellos siempre veréis desbaratados.
Los libres reyes índicos seguros
Veréis al rey potente sojuzgados,
Y de todo a la fin ellos señores
A la tierra darán leyes mejores.

II, 47 (Helena Bicho)

Veréis éste, que agora presuroso
Con tanto miedo al Indo va buscando,
Que hará temblar a Neptuno y, de medroso,
Sin viento irá sus aguas encrespando.
¡Oh caso nunca visto y milagroso,
Que tiemble y hierva el mar en calma estando!
¡Oh gente fuerte y de altos pensamientos:

A quien temen también los elementos!

II, 48 (Ricardo Scavone Yegros)

Y la tierra, que el agua le impidía,
Aún, hija, la veréis puerto decente,
 Donde descansen de la larga vía
Las naos que navegaren de Occidente.
Toda esta costa en fin, que agora urdía
 El engaño mortífero, obediente
 La pagará tributo, conociendo
 No poder resistir al Luso horrendo.

II, 49 (Ricardo Scavone Yegros)

Y veréis el mar Rojo, tan famoso,
 Amarillo tornarse de turbado;
Veréis de Ormuz el reino poderoso
 Dos veces desta gente sojuzgado,
 Allí veréis al moro furioso
 De sus mismas saetas traspasado,
Por que quien va contra los vuestrlos vea
 Que, si resiste, contra sí pelea.

II, 50 (Ricardo Scavone Yegros)

Veréis a Dio inexpugnable y fuerte
Cercar dos veces, de los vuestrlos siendo,
 Su valor mostrarán allí y su suerte,
Hechos de armas grandísimos haciendo.
Podrán, oh Marte, allí invidioso verte
 Del pecho lusitano, fiero, horrendo;
 Del moro allí verán la voz estrema
 Que del falso Mahoma al fin blasfema.

II, 51 (Ricardo Scavone Yegros)

Goa veréis a moros ser tomada,
La cual vendrá después a ser señora
De todo el Oriente y sublimada
Con triunfo desta gente vencedora.
Allí soberbia, altiva, y ensalzada,
Al gentil que los ídolos adora
Duro freno pondrá, y a cualquier tierra
Que a los vuestrlos hacer pensare guerra.

II, 52 (Ricardo Scavone Yegros)

Veréis la fortaleza sustentarse
De Cananor con poca fuerza y gente,
Veréis a Calecú desbaratarse,
Populosa ciudad y tan potente.
Y veréis en Cochín ya señalarse
Un pecho tanto valerosamente
Que cítara jamás canto victoria
Que ansí merezca eterno nombre y gloria.

II, 53 (Ricardo Scavone Yegros)

Nunca con Marte instructo y furioso
Se vio herir Leucate, cuando Augusto
En las actíacas guerras animoso,
Al capitán venció romano injusto,
Que de pueblos de Aurora, y del famoso
Nilo, y del Bactro, escítico y robusto
La victoria traía y los despojos,
Siéndolo él de los egipcios ojos.

II, 54 (Ricardo Scavone Yegros)

Al idólatra, al moro veréis preso

De naciones diversas triunfando
Los vuestros y la mar hervir por eso
Con terribles incendios peleando;
Sujeta la aurea y rica Quersoneso
Hasta el China apartado navegando,
Y las islas remotas del Oriente
Serle ha todo el oceano obediente.

II, 55 (Ricardo Scavone Yegros)

De suerte, hija, que con tales hechos
Mostrarán un esfuerzo más que humano,
Que nunca se verán tan fuertes pechos
Del gangético mar al gaditano;
Ni de la onda boreal a los estrechos
Que mostró el agraviado de Lusitano,
Puesto que en todo el mundo de afrentados
Resuscitasen todos los pasados.»

II, 56 (Lyra Puisyte Bostroem)

Como esto dijo envía al consagrado
Hijo de Maya a tierra, por que tenga
Un pacífico puerto aparejado
Do sin recelo nuestra flota venga;
Y porque allá en Mombasa aventurado
El fuerte capitán no se detenga
Le manda más que en sueños le mostrase
La tierra en que quieto reposase.

II, 57 (Lyra Puisyte Bostroem)

Por el aire el Cilenio ya volaba;
Con alas en los pies ya el vuelo crece;
La mano la fatal vara llevaba

Con que a cansados ojos adormece:
Con ésta el dios las ánimas llamaba
Del infierno, y el viento le obedece;
En la cabeza su usado sombrero,
Desta suerte a Melinde fue primero.

II, 58 (Lyra Puisyte Bostroem)

También lleva a la Fama, porque diga
Del lusitano el valor grande y raro,
Que al nombre ilustre cierto amor obliga
Y hace a quien le tiene amador caro.
Desta arte hace aquella gente amiga
Con el rumor famoso excenso y claro,
Ya Melinde en deseos arde todo
De ver la fuerte gente, el arte, el modo.

II, 59 (Lyra Puisyte Bostroem)

Y desde allí a Mombasa luego parte,
Donde las naos estaban temerosas,
Por mandar a la gente que se aparte
De aquella barra y tierras sospechosas.
Que poco vale gran esfuerzo y arte
Contra las voluntades engañosas
Y poco corazón ni seso viejo,
Si del cielo no viene alto consejo.

II, 60 (Lyra Puisyte Bostroem)

Media jornada había la noche andado,
Tenían con luz ajena desde el cielo
Al mundo las estrellas alumbrado,
Y con el sueño se recrea el suelo.
El capitán ilustre ya cansado

De vigilar la noche con recelo
A los ojos reposo breve daba;
La demás gente a cuartos vigilaba

II, 61 (Lyra Puisyte Bostroem)

Cuando Mercurio en sueños le parece
Diciendo: «!Huye, huye lusitano,
Que el descuido en tal tierra mucho empece
Y amenaza mal grave e inhumano!
¡Huye!, que el viento el cielo favorece,
Sereno el tiempo está, y el Océano,
Y otro rey más amigo en más segura
Parte te hospedará, que lo procura.

II, 62 (Lyra Puisyte Bostroem)

Aquí hallarás aquel acogimiento
Sólo, que el crudo Diomedes daba,
Que hacía manjar tirano y violento
De caballos, la gente que hospedaba;
Las aras de Busiris tan sangriento
Do los huéspedes ya sacrificaba
Tendrás ciertas aquí si mucho esperas;
Huye estas gentes péridas y fieras

II, 63 (Lyra Puisyte Bostroem)

Vete junto a la costa discurriendo,
Tierra hallarás, do se honran las verdades,
Cerca de do la noche el sol ardiendo
Iguala al día en justas cantidades.
Allí tu flota alegre recibiendo
Un rey con muchas obras y amistades
Hospedaje seguro y guía cierta

Para la India te dará encubierta.»

II, 64 (Nardi Elizabeth Suxoiturry)

Esto dicho, Mercurio el sueño alzaba
Al capitán, que con temor y espanto
Despierta y ve que, con ser noche, entraba
 Una súbita luz y rayo santo.
Y, viendo claro cuánto le importaba
 No detenerse en tierra inicua tanto,
Con nuevo aliento a su maestre envía
 Que al viento velas dé, que convenía.

II, 65 (Nardi Elizabeth Suxoiturry)

«Dad velas –dice-, dad al largo viento,
Que el cielo favorece y Dios lo manda,
 Que un mensajero vi de claro asiento
Que en el favor de nuestros pasos anda.»
Veis levantarse en esto el movimiento
 De marineros de una y otra banda;
Muestran la ruda fuerza que se estima,
 Gritando dan las áncoras encima.

II, 66 (Nardi Elizabeth Suxoiturry)

Al tiempo que las áncoras alzaban
Los moros en la escuridad metidos
Muy quedo las amarras le cortaban
Por ser, dando a la costa, destruidos.
 Mas con vista de linceos vigilaban
Los portugueses siempre apercibidos;
Ellos como despiertos los sintieron
 Volando y no remando les huyeron.

II, 67 (Nardi Elizabeth Suxoiturry)

Ya las agudas proas apartando
Van las ondas de plata (húmida vía);
Soplábales Galerno, el viento blando,
 Suavemente y como convenía.
En peligros pasados van hablando,
 Que mal se pierden de la fantasía
Los casos grandes cuando en apretura
 Puesta la vida escapa por ventura.

II, 68 (Nardi Elizabeth Suxoiturry)

Una vuelta había dado el sol ardiente,
Y otra comienza, cuando ellos miraban
 De lejos dos navíos, mansamente
Con vientos navegar, que respiraban,
Porque entienden que son de mora gente
 Tras ellos arribando velas daban;
Uno, temiendo el mal que ve de cara,
 Por la gente salvar en tierra vara.

II, 69 (Nardi Elizabeth Suxoiturry)

No es el otro que queda tan mañoso,
 Antes cae en la mano al lusitano
 Sin el rigor de Marte furioso,
Y sin la furia horrenda de Vulcano;
 Que como fuese débil y medroso,
Con poca gente el flaco pecho humano
 No quiso resistir y si quisiera
 Más daño resistiendo recibiera.

II, 70 (Nardi Elizabeth Suxoiturry)

Y como el Gama mucho desease

Para la India el piloto que buscaba,
Pensó que entre estos moros le hallase
Mas no le sucedió como pensaba,
Que entre ellos no hay ninguno que alcancase
A qué parte del cielo el Indo estaba;
Pero cerca le dicen que tenía
Melinde, do hallará la cierta guía.

II, 71 (Nardi Elizabeth Suxoiturry)

Loan del rey los moros la clemencia,
Del real pecho el liberal concepto,
La humanidad, la gran magnificencia
Con partes de grandísimo respeto.
Por verdadera sella esta sentencia
El capitán, que ya el mismo precepto
Le dio el Cileneo en sueños, y a la parte
Do el sueño y más los moros dicen.

II, 72 (Aleksey Elenkov Andreev)

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz Febeia,
Quando um e o outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalteia:
A memória do dia renovava
O pressuroso Sol, que o Céu rodeia,
Em que Aquele a quem tudo está sujeito
O selo pôs a quanto tinha feito;

II, 73 (Aleksey Elenkov Andreev)

Quando chegava a frota àquela parte,
Onde o Reino Melinde já se via,
De toldos adornada e leda de arte

Que bem mostra estimar o santo dia.
Treme a bandeira, voa o estandarte,
A cor purpúrea ao longe aparecia;
Soam os atambores e pandeiros,
E assim entravam ledos e guerreiros.

II, 74 (Aleksey Elenkov Andreev)

Enche-se toda a praia Melindana
Da gente que vem ver a ledra armada,
Gente mais verdadeira e mais humana
Que toda a doutra terra atrás deixada.
Surge diante a frota Lusitana,
Pega no fundo a âncora pesada;
Mandam fora um dos Mouros que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

II, 75 (Aleksey Elenkov Andreev)

O Rei, que já sabia da nobreza
Que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortíssima merece;
E com verdadeiro ânimo e pureza,
Que os peitos generosos enobrece,
Lhe manda rogar muito que saíssem,
Para que de seus reinos se servissem.

II, 76 (Aleksey Elenkov Andreev)

São oferecimentos verdadeiros
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavaleiros
Que tanto mar e terras têm passadas.
Manda-lhe mais lanígeros carneiros

E galinhas domésticas cevadas,
Com as frutas que então na terra havia;
E a vontade à dádiva excedia.

II, 77 (Aleksey Elenkov Andreev)

Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledo e seu recado;
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpúrea, cor ardente,
O ramoso coral, fino e prezado,
Que debaixo das águas mole cresce,
E, como é fora delas, se endurece.

II, 78 (Aleksey Elenkov Andreev)

Manda mais um, na prática elegante,
Que co Rei nobre as pazes concertasse,
E que de não sair naquele instante
De suas naus em terra o desculpasse.
Partido assim o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estilo que Palas lhe ensinava,
Estas palavras tais falando orava:

II, 79 (Aleksey Elenkov Andreev)

«Sublime Rei, a quem do Olimpo puro
Foi da suma justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos dele amado, que temido:
Como porto mui forte e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos

Em ti o remédio certo que queremos.

II, 80 (Yana Andreeva)

»Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas;
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da Índia, grande e rica, por mandado
De um Rei que temos, alto e sublimado.

II, 81 (Yana Andreeva)

»Que geração tão dura há hi de gente,
Que bárbaro costume e usança feia,
Que não vedem os portos tão somente,
Mas inda o hospício da deserta areia?
Que má tenção, que peito em nós se sente,
Que de tão pouca gente se arreceia?
Que com laços armados, tão fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruídos?

II, 82 (Yana Andreeva)

»Mas tu, em quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, ó Rei benigno,
E aquela certa ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido ítaco em Alcino,
A teu porto seguros navegamos,
Conduzidos do intérprete divino;
Que, pois a ti nos manda, está mui claro
Que és de peito sincero, humano e raro.

II, 83 (Yana Andreeva)

»E não cuides, ó Rei, que não saísse
O nosso Capitão esclarecido
A ver-te ou a servir-te, porque visse
Ou suspeitasse em ti peito fingido;
Mas saberás que o fez, por que cumprisse
O regimento, em tudo obedecido,
De seu Rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a frota, em nenhum porto ou praia.

II, 84 (Yana Andreeva)

»E porque é de vassalos o exercício
Que os membros têm, regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o ofício,
Que ninguém a seu Rei desobedeça;
Mas as mercês e o grande benefício,
Que ora acha em ti, promete que conheça
Em tudo aquilo que ele e os seus puderem,
Enquanto os rios para o mar correrem.»

II, 85 (Yana Andreeva)

Assim dizia; e todos juntamente,
Uns com outros em prática falando,
Louvavam muito o estâmago da gente,
Que tantos céus e mares vai passando.
E o Rei ilustre, o peito obediente
Dos Portugueses na alma imaginando,
Tinha por valor grande e mui subido
O do Rei que é tão longe obedecido.

II, 86 (Yana Andreeva)

E com risonha vista e ledo aspeito,

Responde ao embaixador, que tanto estima:

«Toda a suspeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima;
Que vosso preço e obras são de jeito
Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não pode ter subido pensamento.

II, 87 (Yana Andreeva)

»De não sair em terra toda a gente,
Por observar a usada preminênciia,
Ainda que me pese estranhamente,
Em muito tenho a muita obediênciia;
Mas, se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirei que a excelênciia
De peitos tão leais em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

II, 88 (Eduardo Pérez del Solar Marcenaro)

Pero, como la luz fuere llegada
al mundo, en mis usadas almadías
a visitar iré la fuerte armada
que ver tanto deseo ha tantos días;
y si viene del mar desbaratada
y del furioso viento y luengas vías
aquí tendrá con limpios pensamientos
piloto, munición, mantenimientos.»

II, 89 (Eduardo Pérez del Solar Marcenaro)

Dijo ansí, y en las aguas se escondía
La luz del claro sol, y el mensajero
Con la embajada alegre se partía

Para la flota en su batel ligero.
Hinche todos los pechos de alegría
Por tener el remedio verdadero
Para hallar la tierra que buscaban,
Y ansí alegres la noche festejaban.

II, 90 (Eduardo Pérez del Solar Marcenaro)

No hay falta allí de rayos de artificio
Los trémulos cometas imitando,
Los tiros gruesos hacen bien su oficio
El cielo, y tierra, y ondas atronando.
Muéstrase del Cíclope el ejercicio
En las bombas, que están fuego exhalando,
Otros con voces con que el cielo herían,
Sonoros instrumentos mil tañían.

II, 91 (Eduardo Pérez del Solar Marcenaro)

Respóndenles de tierra juntamente
Mil rayos volteando con sonido;
Al aire vuelta da la rueda ardiente,
Estalla el negro polvo y escondido.
La grita se alza al cielo de la gente,
El mar se vía en fuegos encendido,
Y no menos la tierra, porque sea
Aquella fiesta a modo de pelea.

II, 92 (Eduardo Pérez del Solar Marcenaro)

Mas el cielo inquieto revolviendo
Al trabajo las gentes incitaba
La esposa de Titán, que, luz trayendo,
Al largo sueño atajo cierto daba.
Vase la húmida sombra deshaciendo,

Y las flores del suelo rociaba
Cuando el rey melindano se partía
A ver la flota que en su mar tenía.

II, 93 (Eduardo Pérez del Solar Marcenaro)

Hervir aquellas playas se veían
De la gente que a ver concurre leda,
Los vestidos de púrpura lucían,
Lustran los paños de tejida seda.
Por el dardo que en guerra usar solían
Y el arco que los cuernos le remeda
A la luna, de palma ramos llevan
Que la victoria al vencedor aprueban.

II, 94 (Eduardo Pérez del Solar Marcenaro)

Un batel grande y largo, que toldado
Viene de sedas varias y colores,
Trae el rey de Melinde acompañado
De nobles de su reino y de señores.
Ricamente vestido y adornado
Viene según su usanza y sus primores;
En la cabeza toca, guarnecida
De oro y de seda y de algodón tejida;

II, 95 (Eduardo Pérez del Solar Marcenaro)

La ropa es de Damasco rico y digno,
De color tiria, entre ellos estimada;
Lleva un collar al cuello de oro fino
Do es la obra al metal aventajada.
Con resplandor reluce diamantino,
Rica daga en la cinta bien labrada,
Las abarcas que son de terciopelo

Oro y aljófar cubre y besa el suelo.

II, 96 (Aleksandra Dakovic)

Con un redondo amparo alto de seda
En una alta y dorada asta inserido,
Un ministro al calor ardiente veda
Que no queme ni ofenda al rey valido.
Va música en la proa, estraña y leda
De áspero son, horrisono al oído;
De corvas trampas que le van haciendo,
Que sin concierto causan grave estruendo.

II, 97 (Aleksandra Dakovic)

No menos guarnecido el lusitano
De la flota en sus barcos se partía,
Y recibe en la mar al melindano
Con lustrosa y honrada compañía.
Vestido Gama viene al modo hispano
Mas en ropa francesa le vestía
Raso de la adriática Venecia
Carmesí, que es color que allí precia.

II, 98 (Aleksandra Dakovic)

Las mangas con botones van tomadas
De oro, a do el solar rayo hiriendo ciega;
Las calzas soldadescas recamadas
Del metal, que fortuna a tantos niega;
Y con puntas del mismo delicadas
Los golpes del jubón ajunta y llega,
Al itálico modo, el áurea espada;
Pluma en la gorra un poco declinada.

II, 99 (Aleksandra Dakovic)

En la otra compañía se mostraba
De tinta que da el mürice excelente
La color varia y bella que alegraba
Y el modo de aquel traje diferente.
Tal el hermoso esmalte se notaba
De los vestidos vistos juntamente,
Cual se nos muestra el arco rutilante
De la hermosa hija de Taumante.

II, 100 (Aleksandra Dakovic)

Las trompetas sonoras incitaban
Los ánimos alegres resonando,
Los bateles del rey la mar cuajaban,
Los toldos por las aguas arrojando,
Y los tiros horribles bramaban
Con las nubes de humo el sol cerrando,
Son espesos los gritos y encendidos,
Atápanse los moros los oídos.

II, 101 (Aleksandra Dakovic)

Ya en el batel del capitán entrada
Hace el buen rey, y le abrazó al momento
Él; con la cortesía demandada
Le habla (por ser rey) y acatamiento.
Admírase y con vista levantada
El rostro y modo mira el moro atento,
Como quien en muy grande estima tiene
Al que a la India de tan lejos viene.

II, 102 (Aleksandra Dakovic)

Y luego le promete allí y le ofrece

De sus reinos aquello que cumpliese,
Y si mantenimiento le fallece
Como si fuese propio lo pidiese.
Que conoce por fama (que así crece)
La gente nuestra aunque jamás la viese;
Dice que oyó decir que en otra tierra
Con gente de su ley tenía guerra,

II, 103 (Aleksandra Dakovic)

Y como el son por África se entona
De muchos grandes hechos que hicieron
Cuando en ella del reino la corona
En que ya las Hespérides vivieron,
Ganaran y loando los pregona
Lo menos, que los nuestros merecieron,
Y lo más que por fama el rey sabía,
Mas desta suerte Gama respondía:

II, 104 (Aleksandra Dakovic)

«Pues que, benigno rey, con piedad santa
Te dueles de la gente lusitana
Que con trabajos y miseria tanta
Prueba del mar la horrenda furia insana,
Aquella eternidad, a quien se canta
Divina gloria, y que a la gente humana
Rige, por tales obras dé la paga,
Y lo que yo no puedo satisfaga.

II, 105 (Allen Jackson Sellers Lara)

Que sólo tú, de cuantos quema Apolo,
Nos recibes en paz del mar profundo;
En ti, a los vientos hórridos de Eolo

Fiel refugio hallamos y jocundo.
En cuanto apacentare el largo polo
Las estrellas y el sol luz diere al mundo,
Do yo viviere aura con fama y gloria
De tus loores celebre memoria.»

II, 106 (Allen Jackson Sellers Lara)

Esto dicho los barcos van remando
A la flota que el moro ver desea;
Las naos una por una rodeando
Porque de todas todo note y vea.
Vulcano al cielo va relampagueando,
Hace salva la flota, por que sea
Mayor la fiesta y trompas mil tañían,
Y añafiles moriscos respondían.

II, 107 (Allen Jackson Sellers Lara)

Mas después de ser todo bien notado
Del generoso moro, que pasmaba
Oyendo el instrumento inusitado
Que un tan grande terror en sí mostraba,
Estar manda quieto y aferrado
El ligero batel que los llevaba,
Por de espacio hablar al fuerte Gama
En cosas de que tiene alguna fama.

II, 108 (Allen Jackson Sellers Lara)

En pláticas el moro diferentes
Se deleitaba, preguntando agora
Por las guerras habidas, excelentes,
Con el gran pueblo que a Mahoma adora.
Agora le pregunta por las gentes

De la última Hesperia donde mora,
Agora por los pueblos sus vecinos,
Agora por los húmedos caminos:

II, 109 (Allen Jackson Sellers Lara)

«Mas antes, capitán de tanta estima,
Nos cuenta –le decía diligente–
Del mundo la región, del suelo el clima
Do vosotros vivís distintamente.
Vuestra antigua nación, que el orbe estima,
Y el principio del reino tan potente
Y las guerras, que quiero conocellas,
Pues sé que son de precio sin sabbelas.

II, 110 (Allen Jackson Sellers Lara)

También nos cuenta de los largos senos
Que de la airada mar has rodeado,
Viendo los usos bárbaros ajenos
Que nuestra África ruda en sí ha criado.
Cuenta, que agora con dorados frenos
Los caballos al carro traen dorado
Del nuevo sol, que parte con contento
Del mar, las ondas yacen, duerme el viento.

II, 111 (Allen Jackson Sellers Lara)

Y no menos que el día se parece
El deseo de oírte, huésped caro,
Tanto la fama por el mundo crece
De las obras de vuestro valor raro.
No tanto desviado resplandece
De nos el sol para tener por claro
Que está tan rudo el melindano pecho

Que no estime y ensalce un gran hecho.

II, 112 (Allen Jackson Sellers Lara)

Cometieron soberbios los Gigantes
Con guerra vana el cielo claro y puro,
Teseo tentó y Perito, de ignorantes,
El reino de Plutón horrendo, escuro,
Si hubo hechos al mundo tan pujantes,
No menos es trabajo ilustre y duro,
Cual cometer cielo y infierno feo,
Que otro tiente la furia de Nereo.

II, 113 (Allen Jackson Sellers Lara)

Quemó el sagrado templo de Diana
Del sutil Tesifonio fabricado
Heróstrato, por de la gente humana
Ser conocido, y mucho más nombrado.
Si nos lleva a una obra ansí inhumana
El deseo de un nombre aventajado,
Más razón es que quiera eterna gloria
Quien hace obras tan dignas de memoria.»

CANTO TERCEIRO

III, 1 (Victor Velho)

Agora tu, Calíope, me ensina
O que contou ao Rei o ilustre Gama;
Inspira imortal canto e voz divina
Neste peito mortal, que tanto te ama.

Assim o claro inventor da Medicina,
De quem Orfeu pariste, ó linda Dama,
Nunca por Dafne, Clície ou Leucotoe,
Te negue o amor devido, como soe.

III, 2 (Victor Velho)

Põe tu, Ninfá, em efeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganipe corre e mana.
Deixa as flores de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apolo na água soberana;
Senão direi que tens algum receio
Que se escureça o teu querido Orfeio.

III, 3 (Victor Velho)

Prontos estavam todos escutando
O que o sublime Gama contaria,
Quando, depois de um pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assim dizia:
«Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia;
Não me mandas contar estranha história,
Mas mandas-me louvar dos meus a glória.

III, 4 (Victor Velho)

»Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa é que se costuma e se deseja;
Mas louvar os meus próprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E para dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja:

Mas, pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o que devo, e serei breve.

III, 5 (Victor Velho)

»Além disso, o que a tudo enfim me obriga,
é não poder mentir no que disser,
Porque de feitos tais, por mais que diga,
Mais me há-de ficar inda por dizer.
Mas, porque nisto a ordem leve e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra.

III, 6 (Victor Velho)

»Entre a Zona que o Cancro senhoreia,
Meta setentrional do Sol luzente,
E aquela que por fria se arreceia
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodeia,
Pela parte do Arcturo e do Ocidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E, pela Austral, o mar Mediterrâo.

III, 7 (Victor Velho)

»Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Ásia se avizinha; mas o rio
Que dos montes Rifeios vai correndo
Na alagoa Meótis, curvo o frio,
As divide, e o mar que, fero e horrendo,
Viu dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Tróia triunfante
Não vê mais que a memória o navegante.

III, 8 (Victor Velho)

»Lá onde mais debaixo está do Pólo,
Os montes Hiperbóreos aparecem
E aqueles onde sempre sopra Eolo,
E co nome dos sopros se enobrecem.
Aqui tão pouca força têm de Apolo
Os raios que no mundo resplandecem,
Que a neve está contíno pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

III, 9 (Freddy Molina Gutiérrez)

«Aquí vive de Escitas gran cuantía,
Que en otros días sostuvieron guerra,
Sobre la humana antigua primacía,
Con los cultores de la Egipcia tierra;
Mas de eso a la verdad distancia había
(¡La opinión de los hombres tanto yerra!)
Y el que juicio formar quiera más pleno,
Preguntar puede al campo Damasceno.

III, 10 (Freddy Molina Gutiérrez)

«También yacen por esta parte insana,
Yerta la Lapia, inculta la Noruega,
La Escandinava isla, que se ufana
De victorias que Italia no le niega;
Aquí mientra el invierno el mar no gana,
Congelando sus olas, se navega
Un brazo del Sarmático Oceano,
Por el Brusio, y Suecio, y por el Dano.

III, 11 (Freddy Molina Gutiérrez)

«Entre este mar y el Tánais vive extraña
Gente: Rutenos, Moscos y Libonios,
(Sármatas otra edad), y en la montaña
Hircinia los Marcomanos (hoy Polonios).
Los que al Imperio sirven de Alemaña,
Sajones, y Bohemios, y Panonios;
Y otros pueblos que cuentan por su río,
Amasis, Albis, o Danubio frío.

III, 12 (Freddy Molina Gutiérrez)

«Entre el Istro remoto y claro estrecho
Donde Hele dejó el nombre con la vida,
Están los Traces, de robusto pecho,
Patria del fiero Marte tan querida;
Que con Hemo y Ródope, por derecho,
Obedece al Sultán, que sometida
Tiene a Bizancio, que a servirle vino
Con injuria del grande Constantino.

III, 13 (Freddy Molina Gutiérrez)

«Luego de Macedonia están las gentes
a quien baña del axio la onda fría.
Y estais vosotras, tierras excelentes,
En costumbres, ingenio y osadía,
Que los foros creásteis elocuentes,
Y los vuelos del alta fantasía
Con que ¡oh Grecia! sublime en guerra y letras
Hasta los cielos con tu luz penetras.

III, 14 (Freddy Molina Gutiérrez)

«El Dálmata es después; y en el sereno
Cielo dó alzó Antenor muros flamantes,

En medio, y de los mares en el seno,
Soberbia está Venecia, humilde de antes.
Viene de tierra al mar brazo que, lleno
De vigor, sujetó pueblos distantes;
Brazo fuerte de gente sublimada
No menos en la ciencia que en la espada.

III, 15 (Freddy Molina Gutiérrez)

«Le cerca en torno el reino Neptunino,
Con muros naturales de otra parte;
Por el medio le corta el Apenino,
Que hizo ilustre y famoso al patrio Marte.
Mas después que guardián tiene divino,
Dejando antigua fuerza y bélico arte,
Ha perdido el ardor y el poder loco;
Que a la humildad de Dios le basta poco.

III, 16 (Freddy Molina Gutiérrez)

«Después se ve la Galia, que afamada
Por la gloria de César fue en el mundo,
Que del Secuana y Ródano es bañada,
Y del Garumnio frío y Rin profundo.
De la ninfa Pirene, allí enterrada,
Se alzan también los montes sin segundo,
Que cuenta historia antigua que, si ardieran,
Ríos de oro y de plata mil corrieran.

III, 17 (Marcos Pinta Gama)

«Luego tendida allí la noble España,
Como cabeza de la Europa queda,
En cuyo señorío y gloria extraña
Cien vueltas de fortuna dio la rueda.

Mas no será jamás que fuerza o maña
De la inconstante dominaría pueda;
Que siempre ha de salvarla la osadía
De los pechos magnánimos que cría.

III, 18 (Marcos Pinta Gama)

«Frente de Tingitania está, y parece
Que allí limita del Tirreno el vaso,
Donde el sabido estrecho se ennoblecet,
Y el Tebano a las aguas abre paso.
Con pueblos diferentes se engrandece,
Cercada por el mar de Oriente a Ocaso,
Todos de tal nobleza y valor tanta,
Que cada cual más noble se decanta.

III, 19 (Marcos Pinta Gama)

«Tiene al Tarragonés, que se hace claro
Sujetando a Parténope la inquieta;
Al Navarro, al Asturio que reparo
Fuera ya contra el bárbaro Mahometa;
Tiene al cauto Gallego, al grande y raro
Castellano, a quien hizo su planeta
Que a España unificara, siendo silla,
De Granada y León, Murcia y Castilla.

III, 20 (Marcos Pinta Gama)

«Y ve aquí, como cima de la testa
De toda Europa, al reino Lusitano,
Dó se acaba la tierra, el mar se apresta
a dar reposo al sol en el Océano.
El cielo quiso que en las armas esta
Nación exulte y lance al Mauritano

De sus playas, y allá al África ardiente
Vaya a seguirle y humillar su frente.

III, 22 (Marcos Pinta Gama)

«¡Esa es la dulce patria mía amada,
a la cual, si al través de cielo opaco
Logro volver, mi empresa ya acabada,
Acabe allí conmigo el cuerpo flaco!
¡Esa es la Lusitania, nominada
De Luso o Lis, que del antiguo Baco
Hijos fueron, parece, o compañeros,
Y en ella entonces íncolas primero!

III, 22 (Marcos Pinta Gama)

«A esta el cielo un pastor hizo que asome,
Que en caudillo tornándose invencible,
No halla en el mundo quien su frente dome,
Pues ni a Roma lograrlo fue posible.
A esta aquel que sus propios hijos come,
Por decreto de Dios siempre infalible,
La dio formar del mundo insigne parte
Y un gran reino crear; y fue de este arte:

III, 23 (Marcos Pinta Gama)

«Un Rey llamado Alfonso hubo en España,
Que movió al Sarraceno tanta guerra,
Que por sangrientas armas, fuerza y maña
Perder a muchos hizo vida y tierra.
Volando de este Rey la gloria extraña
Del Calpe hercúleo a la Caspiana sierra,
Muchos, para en la lid esclarecerse,
A la muerte y a él van a ofrecerse.

III, 24 (Marcos Pinta Gama)

«Y del amor vivísimo encendidos
De la Fe, más que de honras populares,
Iban de varias tierras impelidos,
Dejando el patrio suelo y propios lares;
Y luego que en cien hechos distinguidos
Ostentaron sus dotes militares,
Quiso Alfonso inmortal que sus acciones
Tuviesen digno premio en justos dones.

III, 25 (Fátima González)

«De estos a Enrique (dicen que segundo
Era de un Rey de Hungría denodado),
Portugal tocó en suerte, que en el mundo
No era entonces ilustre ni preciado;
Y para más señal de amor profundo,
Quiso el Rey Castellano que casado
Con Teresa su hija el Conde fuese,
Y con ella el dominio compartiese.

III, 26 (Fátima González)

«Al cual (después que contra el fruto odioso
De Agar él solo a combatir se atreve,
Tierra en torno ganando valeroso,
Y haciendo lo que un pecho fuerte debe),
De su piedad y amor, cual premio hermoso,
Diole benigno Dios, en tiempo breve,
Un hijo que ilustrase el nombre, ufano,
Del ya creciente reino Lusitano.

III, 27 (Fátima González)

«Y después de vencida la conquista
De la inmortal Jerusalén sagrada,
Y del claro Jordán la arena vista,
Que en sí de Dios la carne vio lavada,
Cuando a Bullón no hay gente que resista,
Y Judea a su imperio es subyugada,
Y al cabo a sus Estados se volvieron
Muchos que en esa guerra le asistieron;

III, 28 (Fátima González)

«Al límite postrero de su vida
El húngaro famoso al fin llegado,
Dejó la ley de humanidad cumplida,
Dando el ánima a aquel que se la ha dado;
Y quedó la alta prole no crecida,
Siendo del padre ilustre fiel traslado;
Que los fuertes más fuertes igualaba:
Hijo cual de tal padre se esperaba.

III, 29 (Fátima González)

«Mas refiere rumor, no sé si errado
(Que en tiempo tan antiguo no hay certeza),
Que allí la madre se apropió el Estado,
Y dobló a nuevo yugo la cabeza;
Y al huérfano dejó desheredado,
Sosteniendo que el rango y la riqueza
Del señorío entero suyo fuese,
Porque el padre al casarla se lo diese.

III, 30 (Fátima González)

«Y el gran príncipe Alfonso, que de ese arte
Del nombre de su abuelo se nomina,

Viendo que no en sus tierras tiene parte,
Pues con su esposo aquella las domina,
Hirviéndole en el alma el duro Marte,
 Modo de conquistarlas imagina;
Y revolviendo afectos en el pecho,
Al propósito firme sigue el hecho.

III, 31 (Fátima González)

«De Guimaraens el suelo se teñía
Con sangre propia de intestina guerra,
Dó la madre, que tal no parecía,
 Al hijo le negaba amor y tierra.
Ella al campo a afrontarle ya salía;
Y no ve su soberbia cuánto yerra,
Faltando aquel amor que Dios le mande,
Porque el suyo sensual era más grande.

III, 32 (Fátima González)

«¡Oh Progne cruda! ¡Oh mágica Medea!
Si os vengáis en los propios hijos caros
 De la maldad paterna y culpa rea,
No podéis con Teresa aun igualaros.
Incontinencia vil, codicia fea,
La causa son de sus delitos raros:
Escila mata por una al viejo padre;
Por ambas contra el hijo va esta madre.

III, 33 (Natalia Armijos)

«Ya el Príncipe glorioso a vencimiento
Al padrastro y la madre infiel llevaba;
Y el suelo le obedece en un momento
Que en contra suya ha poco batallaba,

Cuando, al furor cediendo el sentimiento,
Entre cadenas a su madre ataba,
Que de Dios fue vengada en tiempo breve:
¡Tal respeto a los padres se les debe!

III, 34 (Natalia Armijos)

«Ajúntase el soberbio castellano
Para vengar la injuria de Teresa
Contra el de gente escaso Lusitano
A quien ningún trabajo rinde o pesa.
Mas su gran pecho, en el peligro insano,
Ayudado de angélica promesa,
No solo contra tantos está entero,
Sino que ahuyenta al enemigo fiero.

III, 35 (Natalia Armijos)

«A breve tiempo de esto, el noble y fuerte
Príncipe en Guimaraens está cercado
De infinito poder; que de esta suerte
Se rehizo el que fue de antes lanzado;
Mas porque se ha ofrecido a dura muerte,
El fiel Egas Moñiz se ve salvado;
Que sin rehén tan noble era perdido,
Según al caso está mal prevenido.

III, 36 (Natalia Armijos)

«Y aquel noble vasallo conociendo
Que no puede oponerse resistencia,
Al castellano vase, prometiendo
Que hará que su señor le dé obediencia.
Levanta el enemigo el cerco horrendo,
Fiado en la promesa y la conciencia

De Moñiz; mas del mozo no consiente
El corazón doblar a otro la frente.

III, 37 (Natalia Armijos)

«Cuando el plazo ha llegado prometido,
En que el Rey castellano no dudaba
Que el Príncipe a su mando sometido,
Le diese la obediencia que esperaba.
Quedó Moñiz por falso y fementido,
Y ante Castilla, que en su honor fiaba,
Determinóse a dar la dulce vida,
De la palabra, en cambio, no cumplida.

III, 38 (Natalia Armijos)

«Y con su esposa y con sus hijos parte
A levantar con ellos la fianza,
Descalzos y maltrechos, de tal arte,
Que más mueve a piedad, que no a venganza.
«Si es tu intento, gran Príncipe, vengarte
De mi extremada y túmida confianza,
Ve aquí (decía) que a traerte vengo
Por lo ofrecido lo mejor que tengo.

III, 39 (Natalia Armijos)

«Traigo a tus pies las vidas inocentes
De los hijos sin culpa, y de la esposa;
Y si a pechos piadosos y valientes,
No satisface herir prole llorosa,
Ve aquí mi lengua y manos delincuentes:
Toda laya de muertes espantosa
Experimenta en ellas, al estilo
De Sinis, y del toro de Perilo.»

III, 40 (Natalia Armijos)

«Como al pie del verdugo el condenado
Que si bien, vivo aún, tragó la muerte,
Extiende la garganta, y ya postrado,
El golpe tan temido espera inerte,
Tal Moñiz, ante el Príncipe irritado,
Dispuesto está también a cualquier suerte.
Mas en el Rey, que ve la insigne hazaña,
Puede, en fin, la piedad más que la saña.

III, 41 (Miguel Ángel Castro Arroyo)

«¡Oh lealtad famosa Portuguesa,
De vasallo que acción tan grande acaba!
¿Qué más el Persa aquel hizo en la empresa
En que boca y nariz al fierro daba?
Lo uno al grande Darío tanto pesa,
Que suspirando veces mil clamaba,
Que a su Zapiro solo más quisiera,
Que a veinte Babilonias que rindiera.

III, 42 (Miguel Ángel Castro Arroyo)

«Mas ya el Príncipe Alfonso se dirige
Con el Lusíada ejército dichoso
Contra el Moro que el blando suelo aún rige
De allá del limpio Tajo deleitoso.
Ya en el campo de Urique alza y erige
El estandarte Luso belicoso,
Y con número de armas tan pequeño,
Da frente al enemigo Sarraceno.

III, 43 (Miguel Ángel Castro Arroyo)

«En ninguna otra cosa iba confiado,
Sino en el que los cielos dirigía;
Que tan corto era el pueblo bautizado,
Que Moros cien por cada Luso había.
Y piensa todo juicio no exaltado,
Que es más temeridad que bizarría
Acometer el loco atrevimiento
De oponer un ginete a cada ciento.

III, 44 (Miguel Ángel Castro Arroyo)

«Son cinco Reyes moros los contrarios,
De los que el principal Ismar se llama.
Todos expertos en peligros varios
De guerra, dó se alcanza ilustre fama.
Armadas, cual sus nobles partidarios,
Damas van, como aquella insigne dama
Que con su lanza defendió a la gente
Que las aguas bebió del Simoente.

III, 45 (Miguel Ángel Castro Arroyo)

«La matutina luz serena y fría
Las estrellas del cielo ya apagaba,
Cuando en la Cruz el hijo de María,
Apareciendo a Alfonso, le animaba;
Y él, adorando al que merced le hacía,
De fe todo abrasado, así clamaba:
«¡No a mí, Señor, que sé lo que hacer sueles,
A los infieles id, a los infieles!»

III, 46 (Miguel Ángel Castro Arroyo)

«Con tal milagro inflámase el brioso
Lusitano, y con ímpetu guerrera,

Por su Rey natural alza al glorioso
Príncipe que tan caro a todos era;
Y al frente del contrario poderoso
Sueltan la voz al aire y la bandera,
Gritando en fuerte son: «Real, Real,
Por Alfonso alto Rey de Portugal.»

III, 47 (Miguel Ángel Castro Arroyo)

«Cual de gritos y voces incitado,
Por la montaña el rápido moloso
Al toro embiste audaz, que está fiado
En la fuerza del cuerno temeroso:
Ora ataca a la oreja, ora al costado,
Latiendo, más que fuerte, presuroso,
Hasta que al fin, prendido a la garganta,
Del fiero bruto la cerviz quebranta:

III, 48 (Miguel Ángel Castro Arroyo)

«Tal del Rey nuevo el ánimo encendido
Por Dios y por el pueblo juntamente,
Al bárbaro acomete apercibido
Innumerable ejército potente.
Y esos perros levantan su alarido
De gritos; tocan arma, hervé gente,
Arcos y lanzas toman, trompas suenan,
Y con creciente son el aire atruenan.

III, 49 (M^a Gámez Gámez)

«Como cuando una llama es encendida
En los áridos campos (resoplando
El sibilante Bóreas), y acrecida
Del viento, las retamas va abrasando;

La pastoril familia, que dormida
En dulce sueño estaba, despertando
Al estridor del fuego que ya ondea,
Recoge el hato, huyendo hacia la aldea:

III, 50 (M^a Gámez Gámez)

«De ese arte el Moro atónito y turbado,
Busca sin tino escudo o coselete:
Mas no huye, que espera confiado,
Y avanza su belígero ginete.
El Portugués le embiste denodado,
Y por los pechos el lanzón le mete;
Unos caen medio muertos de los potros,
Y al Coran invocando expiran otros.

III, 51 (M^a Gámez Gámez)

«Allí se ven encuentros desiguales,
Por hacerse los dueños de alta sierra,
Y furiosos correr los animales
Que Neptuno brotar hizo a la tierra.
Golpes fieros se dan, descomunales,
Arde por todas partes la impía guerra;
Y el Luso adarga, arnés, malla y coraza
Abolla, raja, hiende y ataraza.

III, 52 (M^a Gámez Gámez)

«Por el campo sin dueño van saltando
Brazos, piernas, cabezas sin sentido,
Las entrañas en cuerpos palpitando
Están de rostro helado, amortecido;
Ya deja el campo el Sarraceno infando,
Ya de sangre torrentes han corrido;

Y el prado su color con ellos pierde,
Tornado en carmesí, de jalde y verde.

III, 53 (M^a Gámez Gámez)

«Y vencedor se ostenta el Lusitano,
Recogiendo el trofeo y presa rica;
Y que ha roto y vencido al Moro hispano,
Con su estancia tres días certifica.
Aquí pinta en su blanco escudo ufano
Lo que victoria tan feliz publica:
Cinco escudos, de azul color teñidos,
Los cinco contarán Reyes vencidos.

III, 54 (M^a Gámez Gámez)

«Y en estos cinco pone aquellos treinta
Dineros por que fue Jesús comprado,
La memoria escribiendo en justa cuenta,
De aquél por quien se vio tan amparado.
De cada uno en los cinco, cinco asienta,
Y porque sea el número colmado,
En forma tuya joh Cruz que allí apareces!
Los pone en el de en medio por dos veces.

III, 55 (M^a Gámez Gámez)

«Pasado ya algún tiempo que ganada
Era esta gran victoria, el Rey querido
Va a rendir a Leiría, que apresada
De poco antes se vio por el vencido.
También con ella Arronches fue tomada,
La fuerte; y la que siempre ilustre ha sido,
Calabicastro, cuyo campo ameno
Tú, limpio Tajo, riegas tan sereno.

III, 56 (M^a Gámez Gámez)

«A tan nobles ciudades sometidas,
Junta Mafra también con duro brazo,
 Y de Lisa en las sierras atrevidas
Rinde a la fría Sintra, en breve plazo;
 Sintra, dó las Nayádes escondidas
En fuentes, van huyendo el dulce lazo
 Con que amor las enreda blandamente,
Encendiéndo en las aguas fuego ardiente.

III, 57 (Charles Powell)

«Y tú, noble Lisboa, que en el mundo
 Fácil de las demás eres princesa,
 Que naciste del genio del facundo,
Por cuyo engaño fue Dardania opresa;
Tú, a quien dócil se humilla el mar profundo,
 Te humillaste a la audacia Portuguesa,
 Asistida también de fuerte armada,
 De las Boreales playas destacada.

III, 58 (Charles Powell)

«Del Germánico Albis, y del Reno,
 Y la fría Bretaña allí venidos,
 Fueron a destruir al Sarraceno,
De inspiración cristiana conducidos;
 Y embistiendo el bocal del Tajo ameno,
 Del grande Alfonso al estandarte unidos,
 A cuya sombra y fama van seguros,
Ponen el cerco a los Ulíseos muros.

III, 59 (Charles Powell)

«Cinco luces la luna brilló entera,
Y otras cinco escondió su imagen clara,
Cuando el pueblo rendirse considera
Que es la suerte que el cielo le depara;
Y fue la lucha tan sangrienta y fiera,
Cuanto el firme propósito obligara
De vencedores ásperos y osados,
Y de vencidos ya desesperados.

III, 60 (Charles Powell)

«De este arte, en fin, postrada se rendía
Aquella que en los tiempos ya pasados
Jamás a la gran fuerza obedecía
De los pueblos Escíticos osados,
Cuyo poder a tanto se extendía,
Que Ibero y Tajo viéronle asombrados,
Y del Bétis gran tierra poseyendo
Con nombre de Vandalia fue creciendo.

III, 61 (Charles Powell)

«¿Habrá ciudad alguna por ventura
Tan fuerte que resista, si Lisboa
No puede resistir la fuerza dura
De gente a quien laurel siempre corona?
Ya toda le obedece Extremadura,
Óbidos, Alenquer, y los que abona
Campos vívida linfa que entre piedras
Va murmurando alegre a Torres-Vedras.

III, 62 (Charles Powell)

«Y vosotras ¡oh tierras Transtagañas!
Del don tan ricas de la rubia Ceres,

Las ciudades le dais y las cabañas,
Obedeciendo a más que humanos seres;
Y tú, Moro cultor, ¡cuánto te engañas
Si sustentar el fértil campo quieres!;
Ya Moura, y Serpa, y Elvas distinguidas,
Y Alcázar de la Sal están rendidas.

III, 63 (Charles Powell)

«Ved a la gran Ciudad, seguro asiento
Del rebelde Sertorio antiguamente,
De donde río líquido de argento
Hoy lejos va a surtir a tierra y gente
Por los arcos de Rey que, ciento a ciento,
En los aires se elevan noblemente,
Vedla ceder al brío y fuerza brava
De Giraldo, que miedos no llevaba.

III, 64 (Charles Powell)

«Ya a la ciudad de Beja a imponer grave
Pena va de Trancoso destruida
Alfonso, a quien reposo no le cabe
Por alargar con fama corta vida;
Y aunque asaz poco resistirlo sabe,
No bien la ciudad triste cae rendida,
En lo que aún vivo está, la gente airada
Ensangrienta los filos de la espada.

III, 65 (Cristina Gallach)

«Con ella subyugada fue Palmella,
Y Coimbra Florida juntamente;
Y solo a fuer de su propicia estrella,
Desbarata un ejército potente;

Que yendo a la ciudad, al señor de ella
Ve que a ampararla viene diligente
Por la falda del monte, descuidado
Del temeroso encuentro inopinado.

III, 66 (Cristina Gallach)

«Era el de Badajoz, Rey y alto Moro,
Con cuatro mil caballos escogidos,
Y peones si a fin, de armas y de oro
A barbárica usanza guarnecidos.
Mas como en el de Mayo el bravo toro,
De vaca con los celos encendido,
Al sentir gente, bruto y ciego amante,
Asalta al descuidado caminante:

III, 67 (Cristina Gallach)

«Así Alfonso de pronto ha aparecido
A la gente que pasa bien segura,
Hiere, mata y derriba enfurecido,
Y huye el Rey, que salvarse solo cura.
Su ejército, de espanto poseído,
Todo seguirle en dispersión procura,
Siendo los que esto hicieron (no lo callo)
Nada más que sesenta de a caballo.

III, 68 (Cristina Gallach)

«Y sigue la victoria sin tardanza
El gran Rey incansable, reuniendo
Gente de todo el reino, cuya usanza
Era andar siempre tierra sometiendo.
Y cerca a Badajoz y luego alcanza
El fin de sus deseos, combatiendo

Con tanto esfuerzo, y arte, y valentía,
Que hace pronto a las otras compañía.

III, 69 (Cristina Gallach)

«Pero el Señor, que hasta muy lejos guarda
El castigo de aquel que lo merece,
Y para que se enmiende lo retarda,
Por designio que al hombre no aparece,
Si hasta aquel día al fuerte Rey resguarda
De tanto y tanto riesgo a que se ofrece,
Ora a la maldición le entrega impresa
Por la madre infeliz, que tiene aún presa.

III, 70 (Cristina Gallach)

«Que, en la ciudad estando que cercara,
Cercado en ella fue por Leoneses,
Porque aquella conquista les quitara
Suya de antes, que no de Portugueses.
La pertinacia aquí le costó cara,
Cual del hado sucede en los reveses,
Que cayó de su orgullo en el acceso,
Y en la lid que buscó, vencido y preso.

III, 71 (Cristina Gallach)

«¡Oh famoso Pompeyo, no te pene
De tus hazañas ínclitas la ruina,
Ni el ver que justa Némesis ordene
Victoria contra ti del suegro dina!
Y por más que tu nombre el Siene lleno
Que la sombra a ningún extremo inclina,
El Fasis frío, el Botes congelado,
Y de la Línea el límite abrasado.

III, 72 (Cristina Gallach)

«Y aunque domes a Arabia, y los ferores
 Heníocos, y los Colcos, cuya fama
 Dice el áureo vellón, los Capadoces,
 Y a Judea, que a un Dios adora y ama,
 Los blandos de Sofene, y los atroces
 Cilicios, y la Armenia, que derrama
 Las aguas de dos ríos, cuya fuente
 Está en monte más santo y eminente;

III, 73 (Lara Alegria Ribeiro)

»E posto, enfim, que desde o mar de Atlante
 Até o Cítico Tauro, monte erguido,
 Já vencedor te vissem, não te espante
 Se o campo Emátio só te viu vencido;
 Porque Afonso verás, soberbo e ovante,
 Tudo render e ser depois rendido.
 Assim o quis o conselho alto, celeste,
 Que vença o sogro a ti e o genro a este!

III, 74 (Lara Alegria Ribeiro)

»Tornado o Rei sublime finalmente,
 Do divino Juízo castigado,
Depois que em Santarém soberbamente,
 Em vão, dos Sarracenos foi cercado,
 E depois que do mártire Vicente
 O santíssimo corpo venerado
 Do Sacro Promontório conhecido
 A cidade Ulisseia foi trazido;

III, 75 (Lara Alegria Ribeiro)

III, 76 (Lara Alegria Ribeiro)

»E com esta vitória cobiçoso,
Já não descansa o moço até que veja
Outro estrago como este, temeroso,
No Bárbaro que tem cercado Beja.
Não tarda muito o Príncipe ditoso
Sem ver o fim daquilo que deseja.
Assim estragado, o Mouro na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.

III, 77 (Lara Alegria Ribeiro)

»Já se ajuntam do monte a quem Medusa
O corpo fez perder que teve o Céu;
Já vem do promontório de Ampelusa
E do Tingue, que assento foi de Anteu.
O morador de Abila não se escusa,
Que também com suas armas se moveu,
Ao som da Mauritana e ronca tuba,
Todo o Reino que foi do nobre Juba.

III, 78 (Lara Alegria Ribeiro)

»Entrava com toda esta companhia
O Miralmomini em Portugal;

Treze Reis mouros leva de valia,
Entre os quais tem o ceptro imperial;
E assim, fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarém;
Porém não lhe sucede muito bem.

III, 79 (Lara Alegria Ribeiro)

»Dá-lhe combates ásperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso;
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, aríete forçoso:
Porque o filho de Afonso, não perdendo
Nada do esforço e acordo generoso,
Tudo provê com ânimo e prudência;
Que em toda a parte há esforço e resistência.

III, 80 (Lara Alegria Ribeiro)

»Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos anos ao sossego,
Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as águas do Mondego,
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarém, do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que não perde a presteza coa idade.

III, 81 (Lilian Neves)

»E coa famosa gente à guerra usada
Vai socorrer o filho; e assim ajuntados,
A Portuguesa fúria costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados.

A campina, que toda está coalhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavalos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos cheia fica.

III, 82 (Lilian Neves)

»Logo todo o restante se partiu
De Lusitânia, postos em fugida;
O Miralmomini só não fugiu,
Porque, antes de fugir, lhe foge a vida.
A quem lhe esta vitória permitiu
Dão louvores e graças sem medida:
Que em casos tão estranhos claramente
Mais peleja o favor de Deus que a gente.

III, 83 (Lilian Neves)

»De tamanhas vitórias triunfava
O velho Afonso , Príncipe subido,
Quando, quem tudo enfim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido.
A pálida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido;
E pagaram seus anos, deste jeito,
À triste Libitina seu direito.

III, 84 (Lilian Neves)

»Os altos promontórios o choraram,
E dos rios as águas saudosas
Os semeados campos alagaram,
Com lágrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,

Que sempre no seu Reino chamarão
«Afonso, Afonso!» os ecos, mas em vão.

III, 85 (Lilian Neves)

»Sancho, forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se expermentara,
Quando o Bétis de sangue se tingia,
E o bárbaro poder desbaratara
Do Ismaelita Rei de Andaluzia;
E mais quando os que Beja em vão cercaram,
Os golpes de seu braço em si provaram;

III, 86 (Lilian Neves)

»Depois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos anos que reinava,
A cidade de Silves tem cercado,
Cujos campos o bárbaro lavrava.
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germânica armada que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judeia já perdida.

III, 87 (Lilian Neves)

»Passavam a ajudar na santa empresa
O roxo Federico, que moveu
O poderoso exército em defesa
Da cidade onde Cristo padeceu,
Quando Guido, coa gente em sede acesa,
Ao grande Saladino se rendeu,
No lugar onde aos Mouros sobejavam
As águas que os de Guido desejavam.

III, 88 (Lilian Neves)

»Mas a formosa armada, que viera
Por contraste de vento àquela parte,
Sancho quis ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do santo Marte.
Assim como a seu pai acontecera
Quando tomou Lisboa, da mesma arte
Do Germano ajudado, Silves toma
E o bravo morador destrue e doma.

III, 89 (Patrícia Severino)

»E se tantos troféus do Mahometa
Alevantando vai, também do forte
Lionês não consente estar quieta
A terra, usada aos casos de Mavorte,
Até que na cerviz seu jugo meta
Da soberba Tuí, que a mesma sorte
Viu ter a muitas vilas suas vizinhas,
Que, por armas, tu, Sancho, humildes tinhás.

III, 90 (Patrícia Severino)

»Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Um filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Afonso e Rei terceiro.
No tempo deste, aos Mouros foi tomado
Alcácere-do-Sal por derradeiro;
Porque dantes os Mouros o tomaram,
Mas agora estruídos o pagaram.

III, 91 (Patrícia Severino)

»Morto depois Afonso, lhe sucede
Sancho segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem quem mandava era mandado.
De governar o Reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado,
Porque, como por eles se regia,
Em todos os seus vícios consentia.

III, 92 (Patrícia Severino)

»Não era Sancho, não, tão desonesto
Como Nero, que um moço recebia
Por mulher, e, depois, horrendo incesto
Com a mãe Agripina cometia;
Nem tão cruel às gentes e molesto,
Que a cidade queimasse onde vivia,
Nem tão mau como foi Heliogabalo,
Nem como o mole Rei Sardanapalo.

III, 93 (Patrícia Severino)

»Nem era o povo seu tiranizado,
Como Sicília foi de seus tiranos;
Nem tinha, como Fálaris, achado
Gênero de tormentos inumanos;
Mas o Reino, de altivo e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A Rei não obedece nem consente
Que não for mais que todos excelente.

III, 94 (Patrícia Severino)

»Por esta causa o Reino governou
O Conde Bolonhês, depois alçado

Por Rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ócio dado.
Este, que Afonso o Bravo se chamou,
Depois de ter o Reino segurado,
Em dilatá-lo cuida, que em terreno
Não cabe o altivo peito, tão pequeno.

III, 95 (Patrícia Severino)

»Da terra dos Algarves, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte
Recupera co braço, e deita fora
O Mouro, mal querido já de Marte.
Este de todo fez livre e senhora
Lusitânia, com força e bética arte;
E acabou de oprimir a nação forte,
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

III, 96 (Patrícia Severino)

»Eis depois vem Dinis, que bem parece
Do bravo Afonso estirpe nobre e dina,
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina.
Com este o Reino próspero florece
(Alcançada já a paz áurea divina)
Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranquila claros lumes.

III, 97 (Patrícia Severino)

»Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso ofício de Minerva;
E de Helicona as Musas fez passar-se
A pisar do Mondego a fértil erva.

Quanto pode de Atenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva.
Aqui as capelas dá tecidas de ouro,
Do bácaro e do sempre verde louro.

III, 98 (Isabel Valente)

»Nobres vilas de novo edificou,
Fortalezas, castelos mui seguros,
E quase o Reino todo reformou
Com edifícios grandes e altos muros.
Mas depois que a dura Átropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Afonso, mas forte e excelente.

III, 99 (Isabel Valente)

»Este sempre as soberbas Castelhanas
Co peito desprezou firme e sereno,
Porque não é das forças Lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno.
Mas porém, quando as gentes Mauritanas,
A possuir o Hespérico terreno
Entraram pelas terras de Castela,
Foi o soberbo Afonso a socorrê-la.

III, 100 (Isabel Valente)

»Nunca com Semirâmis gente tanta
Veio os campos idáspicos enchendo,
Nem Átila, que Itália toda espanta,
Chamando-se de Deus açoute horrendo,
Gótica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno bárbaro, estupendo,

Co poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartésios ajuntada.

III, 101 (Isabel Valente)

»E vendo o Rei sublime Castelhano
A força inexpugnável, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo hispano,
Já perdido uma vez, que a própria morte,
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a caríssima consorte,
Mulher de quem a manda e filha amada
Daquele a cujo Reino foi mandada.

III, 102 (Isabel Valente)

»Entrava a formosíssima Maria
Pelos paternais paços sublimados,
Lindo o gesto, mas fora de alegria,
E seus olhos em lágrimas banhados;
Os cabelos angélicos trazia
Pelos ebúrneos ombros espalhados.
Diante do pai ledo, que a agasalha,
Estas palavras tais, chorando, espalha:

III, 103 (Isabel Valente)

» -Quantos povos a terra produziu
De África toda, gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduziu
Para vir possuir a nobre Espanha:
Poder tamanho junto não se vi,
Depois que o salso mar a terra banha.
Trazem ferocidade e furor tanto,
Que a vivos medo e a mortos faz espanto.

III, 104 (Isabel Valente)

»Aquele que me deste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co pequeno poder, oferecido
Ao duro golpe está da Maura espada;
E se não for contigo socorrido,
Ver-me-ás dele e do Reino ser privada,
Viúva e triste e posta em vida escura,
Sem marido, sem Reino e sem ventura.

III, 105 (Isabel Valente)

»Portanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Muluca se congela,
Rompe toda a tardança, acude cedo
A miseranda gente de Castela.
Se esse gesto, que mostras claro e ledo,
De pai o verdadeiro amor assela,
Acude e corre, pai, que, se não corres,
Pode ser que não aches quem socores.-»

III, 106 (Isabel Valente)

»Não de outra sorte a tímida Maria
Falando está, que a triste Vénus, quando
A Júpiter, seu pai, favor pedia
Para Eneias, seu filho, navegando;
Que a tanta piedade o comovia
Que, caído das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pesando-lhe do pouco que lhe pede.

III, 107 (Pedro Marcelo Curto)

»Mas já cos esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vão coalhados:
Lustra co Sol o arnês, a lança, a espada;
Vão rinchando os cavalos jaezados.
A canora trombeta embandeirada,
Os corações à paz acostumados,
Vai às fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

III, 108 (Pedro Marcelo Curto)

»Entre todos no meio se sublima,
Das insígnias Reais acompanhado,
O valeroso Afonso, que por cima
De todos leva o colo elevantado;
E somente co gesto esforça e anima
A qualquer coração amedrontado.
Assim entra nas terras de Castela
Com a filha gentil, Rainha dela.

III, 109 (Pedro Marcelo Curto)

»Juntos os doux Afonsos, finalmente
Nos campos de Tarifa estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não há peito tão alto e tão potente,
Que de desconfiança não se afronte,
Enquanto não conheça e claro veja
Que co braço dos seus Cristo peleja.

III, 110 (Pedro Marcelo Curto)

»Estão de Agar os netos quase rindo
Do poder dos Cristãos, fraco e pequeno,

As terras como suas repartindo
Antemão, entre o exército Agareno,
Que, com título falso, possuindo
Está o famoso nome Sarraceno.
Assim também, com falsa conta e nua,
À nobre terra alheia chamam sua.

III, 111 (Pedro Marcelo Curto)

»Qual o membrudo e bárbaro Gigante,
Do rei Saul, com causa, tão temido,
Vendo o pastor inerme estar diante,
Só de pedras e esforço apercebido,
Com palavras soberbas o arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que, rodeando a funda, o desengana
(Quanto mais pode a Fé que a força humana!)

III, 112 (Pedro Marcelo Curto)

»Desta arte o Mouro pérfido despreza
O poder dos Cristãos, e não entende
Que está ajudado da Alta Fortaleza,
A quem o inferno horrífico se rende.
Co ela o Castelhano, e com destreza,
De Marrocos o Rei comete e ofende.
O Português, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao Reino de Granada.

III, 113 (Pedro Marcelo Curto)

»Eis as lanças e espadas retiniam
Por cima dos arneses: bravo estrago!
Chamam (segundo as leis que ali seguiam),
Uns Mafamede e os outros Santiago.

Os feridos com grita o Céu feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros, meios mortos, se afogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

III, 114 (Pedro Marcelo Curto)

»Com esforço tamanho estrui e mata
O Luso ao Granadil, que, em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa ou peito de aço.
De alcançar tal vitória tão barata
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está co Mauritano.

III, 115 (Pedro Marcelo Curto)

»Já se ia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Tethys, e inclinado
Para o Ponente, o Véspero trazendo,
Estava o claro dia memorado,
Quando o poder do Mauro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortandade que a memória
Nunca no mundo viu tão grão vitória.

III, 116 (Patrícia Severino)

»Não matou a quarta parte o forte Mário
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as águas co sangue do adversário
Fez beber ao exército sedento;
Nem o Peno, asperíssimo contrário
Do Romano poder, de nascimento,

Quando tantos matou da ilustre Roma,
Que alqueires três de anéis dos mortos toma.

III, 117 (Patrícia Severino)

»E se tu tantas almas só pudeste
Mandar ao Reino escuro de Cocito,
Quando a santa Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antigo rito,
Permissão e vingança foi celeste,
E não força de braço, ó nobre Tito,
Que assim dos Vates foi profetizado,
E depois por Jesu certificado.

III, 118 (Patrícia Severino)

»Passada esta tão próspera vitória,
Tornando Afonso à Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta glória
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste, e dino da memória,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi Rainha.

III, 119 (Patrícia Severino)

»Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
é porque queres, áspido e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

III, 120 (Patrícia Severino)

»Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saüdosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

III, 121 (Patrícia Severino)

»Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fermosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam.
E quanto, enfim, cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.

III, 122 (Patrícia Severino)

»De outras belas senhoras e Princesas
Os desejados tálamos enjeita,
Que tudo, enfim, tu, puro amor, desprezas
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria,

III, 123 (Patrícia Severino)

»Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

III, 124 (Patrícia Severino)

»Traziam-na os horrícos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo, com falsas e ferozes
Razões, à morte crua o persuade.
Ela, com tristes o piedosas vozes,
Saídas só da mágoa e saüdade
Do seu Príncipe e filhos, que deixava,
Que mais que a própria morte a magoava,

III, 125 (Natalino Pereira)

»Para o Céu cristalino alevantando,
Com lágrimas, os olhos piedosos,
(Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos);
E depois nos meninos atentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orfindade como mãe temia,
Para o avô cruel assim dizia:

III, 126 (Natalino Pereira)

«- Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,

E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aéreas têm o intento,
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como coa mãe de Nino já mostraram,
E cos irmãos que Roma edificaram;

III, 127 (Natalino Pereira)

»- Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano é matar uma donzela
Fraca e sem força, só por ter subjeito
O coração a quem soube vencê-la),
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela;
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

III, 128 (Natalino Pereira)

»- E se, vencendo a Maura resistência,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe também dar vida com clemência
A quem para perdê-la não fez erro.
Mas, se to assim merece esta inocência,
Põe-me em perpétuo e mísero desterro,
Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente,
Onde em lágrimas viva eternamente.

III, 129 (Natalino Pereira)

»Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres, e verei
Se neles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei.

Ali co amor intrínseco e vontade
Naquele por quem mouro, criarei
Estas relíquias suas, que aqui viste,
Que refrigério sejam da mãe triste-».

III, 130 (Natalino Pereira)

»Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo e seu destino
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito ali apregoam.
Contra uma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais e cavaleiros?

III, 131 (Natalino Pereira)

»Qual contra a linda moça Policena,
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Aquiles a condena,
Co ferro o duro Pirro se aparelha;
Mas ela, os olhos com que o ar serena
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na misera mãe postos, que endoudece,
Ao duro sacrifício se oferece:

III, 132 (Natalino Pereira)

»Tais contra Inês os brutos matadores
No colo de alabastro, que sustinha
As obras com que Amor matou de amores
Aquele que depois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ela dos olhos seus regadas tinha,

Se encarniçavam, férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

III, 133 (Natalino Pereira)

»Bem puderas, ó Sol, da vista destes
Teus raios apartar aquele dia,
Como da seva mesa de Tiestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia!
Vós, ó côncavos vales, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

III, 134 (Armando Pereira)

»Assim como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, cândida e bela,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capela,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está, morta, a pálida donzela,
Secas do rosto as rosas e perdida
A branca e viva cor, coa doce vida.

III, 135 (Armando Pereira)

»As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E, por memória eterna, em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram;
O nome lhe puseram, que inda dura,
Dos amores de Inês que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água e o nome amores!

III, 136 (Armando Pereira)

»Não correu muito tempo que a vingança
 Não visse Pedro das mortais feridas,
Que, em tomando do Reino a governança,
 A tomou dos fugidos homicidas.
Do outro Pedro cruíssimo os alcança,
 Que ambos, imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram, duro e injusto,
 Que com Lépido e António fez Augusto.

III, 137 (Armando Pereira)

»Este, castigador foi rigoroso
De latrocínios, mortes e adultérios;
Fazer nos maus cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigérios.
As cidades guardando, justiçoso,
De todos os soberbos vitupérios,
Mais ladrões, castigando à morte deu,
Que o vagabundo Alcides ou Teseu.

III, 138 (Armando Pereira)

»Do justo e duro Pedro nasce o brando
(Vede da natureza o desconcerto!),
Remisso, e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o Reino pôs em muito aperto;
Que, vindo o Castelhano devastando
As terras sem defesa, esteve perto
De destruir-se o Reino totalmente;
Que um fraco Rei faz fraca a forte gente.

III, 139 (Armando Pereira)

»Ou foi castigo claro do pecado
De tirar Lianor a seu marido,
E casar-se com ela, de elevado
Num falso parecer mal entendido;
Ou foi que o coração sujeito e dado
Ao vício vil, de quem se viu rendido,
Mole se fez e fraco; e bem parece
Que um baixo amor os fortes enfraquece.

III, 140 (Armando Pereira)

»Do pecado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deus o quis, e permitiu:
Os que foram roubar a bela Helena,
E com Ápio também Tarquino o viu.
Pois por quem David Santo se condena?
Ou quem o Tribo ilustre destruiu
De Benjamim? Bem claro no-lo ensina
Por Sarra Faraó, Siquém por Dina.

III, 141 (Armando Pereira)

»E pois se os peitos fortes enfraquece
Um inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Ónfale andava transformado.
De Marco António a fama se escurece
Com ser tanto a Cleopatra afeiçoadão.
Tu também, Peno próspero, o sentiste
Depois que uma moça vil na Apúlia viste.

III, 142 (Armando Pereira)

»Mas quem pode livrar-se, porventura,
Dos laços que Amor arma brandamente

Entre as rosas e a neve humana pura,
O ouro e o alabastro transparente?
Quem, de uma peregrina formosura,
De um vulto de Medusa propriamente,
Que o coração converte, que tem preso,
Em pedra, não, mas em desejo aceso?

III, 143 (Armando Pereira)

»Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,
Uma suave e angélica excelência,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ela resistência?
Desculpado por certo está Fernando,
Para quem tem de amor experiência;
Mas antes, tendo livre a fantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

CANTO QUARTO

IV, 1 (Manuel Palos)

«Depois de procelosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento;
Aparta o sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assim no Reino forte aconteceu
Depois que o Rei Fernando faleceu.

IV, 2 (Manuel Palos)

»Porque, se muito os nossos desejaram
Quem os danos e ofensas vá vingando
Naqueles que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando,
Depois de pouco tempo o alcançaram,
Joane, sempre ilustre, alevantando
Por Rei, como de Pedro único herdeiro,
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

IV, 3 (Manuel Palos)

»Ser isto ordenação dos céus divina,
Por sinais muito claros se mostrou,
Quando em Évora a voz de uma menina,
Ante tempo falando, o nomeou;
E como cousa, enfim, que o Céu destina,
No berço o corpo e a voz alevantou:
«Portugal! Portugal! (alçando a mão,
Disse) pelo Rei novo, Dom João.»

IV, 4 (Manuel Palos)

»Alteradas então do Reino as gentes
Co ódio que ocupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor, por onde vinha;
Matando vão amigos e parentes
Do adúltero Conde e da Rainha,
Com quem sua incontinência desonesta
Mais (depois de viúva) manifesta.

IV, 5 (Manuel Palos)

»Mas ele, enfim, com causa desonrado,

Dante dela a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado,
Que tudo o fogo erguido queima e corre:
Quem, como Astianás, precipitado,
(Sem lhe valerem ordens), de alta torre,
A quem ordens, nem aras, nem respeito;
Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

IV, 6 (Manuel Palos)

»Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortais que Roma viu,
Feitas do feroz Mário e do cruento
Sila, quando o contrário lhe fugiu.
Por isso Lianor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobriu,
Faz contra Lusitânia vir Castela,
Dizendo ser sua filha herdeira dela.

IV, 7 (Manuel Palos)

»Beatriz era a filha, que casada
Co Castelhano está que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castela alevantada,
Dizendo que esta filha ao pai sucede,
Suas forças ajunta para as guerras
De várias regiões e várias terras.

IV, 8 (Manuel Palos)

Vêm de toda a província que de um Brigo
(Se foi) já teve o nome derivado;
Das terras que Fernando e que Rodrigo

Ganharam do tirano e Mauro estado.

 Não estimam das armas o perigo
 Os que cortando vão co duro arado
 Os campos Lioneses, cuja gente
 Cos Mouros foi nas armas excelente.

IV, 9 (Manuel Palos)

»Os Vândalos, na antiga valentia
 Ainda confiados, se ajuntavam
 Da cabeça de toda Andaluzia,
 Que do Guadalquivir as águas lavam.
 A nobre Ilha também se apercebia,
 Que antigamente os Tírios habitavam,
 Trazendo por insígnias verdadeiras
 As Hercúleas colunas nas bandeiras.

IV, 10 (Filipa Soares)

»Também vem lá do Reino de Toledo,
 Cidade nobre e antiga, a quem cercando
 O Tejo em torno vai suave e ledo,
 Que das serras de Conca vem manando.
 A vós outros também não tolhe o medo,
 Ó sórdidos Galegos, duro bando,
 Que, para resistirdes, vos armastes,
 Àqueles cujos golpes já provastes.

IV, 11 (Filipa Soares)

»Também movem da guerra as negras fúrias
 A gente Biscainha, que carece
 De polidas razões, e que as injúrias
 Muito mal dos estranhos compadece.
 A terra de Guipúscua e das Astúrias,

Que com minas de ferro se enobrece,
Armou dele os soberbos moradores
Para ajudar na guerra a seus senhores.

IV, 12 (Filipa Soares)

»Joane, a quem do peito o esforço cresce,
Como a Sansão Hebreio da guedelha,
Posto que tudo pouco lhe parece,
Cos poucos de seu Reino se aparelha;
E não porque conselho lhe falece,
Cos principais senhores se aconselha,
Mas só por ver das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos diferenças.

IV, 13 (Filipa Soares)

»Não falta com razões quem desconcerne
Da opinião de todos, na vontade;
Em quem o esforço antigo se converte
Em desusada e má deslealdade,
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a própria e natural fidelidade.
Negam o Rei e a pátria, e, se convém,
Negarão (como Pedro) o Deus que têm.

IV, 14 (Filipa Soares)

»Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Álvares; mas antes,
Posto que em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
Àquelas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo,

Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

IV, 15 (Filipa Soares)

«Como! Da gente ilustre Portuguesa
Há-de haver quem refuse o pátrio Marte?
Como? Desta província, que princesa
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Há-de sair quem negue ter defesa?
Quem negue a Fé, o amor, o esforço e arte
De Português, e por nenhum respeito
O próprio Reino queira ver sujeito?

IV, 16 (Filipa Soares)

»Como? Não sois vós inda os descendentes
Daqueles que, debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencestes esta gente tão guerreira,
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puseram em fugida, de maneira
Que sete ilustres Condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa que tiveram?

IV, 17 (Filipa Soares)

»Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Dinis e seu filho sublimados,
Senão cos vossos fortes pais e avôs?
Pois se, com seus descuidos ou pecados,
Fernando em tal fraqueza assim vos pôs,
Torne-vos vossas forças o Rei novo,
Se é certo que co Rei se muda o povo.

IV, 18 (Filipa Soares)

»Rei tendes tal que, se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quiserdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes.
E se com isto, enfim, vos não moverdes
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

IV, 19 (Gonçalo Camarate)

»Eu só, com meus vassalos e com esta
(E dizendo isto arranca meia espada),
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca de outrem sojugada.
Em virtude do Rei, da pátria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei não só estes adversários,
Mas quantos a meu Rei forem contrários!»

IV, 20 (Gonçalo Camarate)

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canúsio, relíquias sós de Canas,
Já para se entregar quase movidos
À fortuna das forças Africanas,
Cornélio moço os faz que, compelidos
Da sua espada, jurem que as Romanas
Armas não deixarão, enquanto a vida
Os não deixar ou nelas for perdida:

IV, 21 (Gonçalo Camarate)

»Destarte a gente força e esforça Nuno,

Que, com lhe ouvir as últimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações.
Nos animais cavalgam de Neptuno,
Brandindo e volteando arremessões;
Vão correndo e gritando a boca aberta:
«Viva o famoso Rei que nos liberta!»

IV, 22 (Gonçalo Camarate)

»Das gentes populares, uns aprovam
A guerra com que a pátria se sustinha;
Uns as armas alimpam e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada um como convinha;
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras e tenções de seus amores.

IV, 23 (Gonçalo Camarate)

»Com toda esta lustrosa companhia
Joane forte sai da fresca Abrantes,
Abrantes, que também da fonte fria
Do Tejo logra as águas abundantes.
Os primeiros armígeros regia
Quem para reger era os mui possantes
Orientais exércitos sem conto
Com que passava Xerxes o Helesponto.

IV, 24 (Gonçalo Camarate)

»Dom Nuno Alvares digo: verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o fero Huno o foi primeiro

Para Franceses, para Italianos.
Outro também famoso cavaleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandá-los e regê-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcelos.

IV, 25 (Gonçalo Camarate)

»E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada é capitão,
Que depois foi de Abranches nobre Conde;
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas e castelos o pendão,
Com Joane, Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

IV, 26 (Gonçalo Camarate)

»Estavam pelos muros, temerosas
E de um alegre medo quase frias,
Rezando as mães, irmãs, damas e esposas,
Prometendo jejuns e romarias.
Já chegam as esquadras belicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandíssima os recebem;
E todas grande dúvida concebem.

IV, 27 (Manuel Pereira Ramos)

»Respondem as trombetas mensageiras,
Pífaros sibilantes e atambores;
Alférezes volteam as bandeiras,
Que variadas são de muitas cores.
Era no seco tempo, que nas eiras

Ceres o fruto deixa aos lavradores;
Entra em Astreia o Sol, no mês de Agosto;
Baco das uvas tira o doce mosto.

IV, 28 (Manuel Pereira Ramos)

»Deu sinal a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente e temeroso;
Ouviu-o o monte Artabro, e Guadiana
Atrás tornou as ondas de medroso;
Ouviu-o o Douro e a terra Transtagana;
Correu ao mar o Tejo duvidoso;
E as mães, que o som terrível escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.

IV, 29 (Manuel Pereira Ramos)

»Quantos rostos ali se vêem sem cor,
Que ao coração acode o sangue amigo!
Que, nos perigos grandes, o temor
É maior muitas vezes que o perigo;
E se o não é, parece-o; que o furor
De ofender ou vencer o duro amigo
Faz não sentir que é perda grande e rara
Dos membros corporais, da vida cara.

IV, 30 (Manuel Pereira Ramos)

»Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira ala;
Uns leva a defensão da própria terra,
Outros as esperanças de ganhá-la;
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala:
Derriba, e encontra e a terra enfim semeia

Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

IV, 31 (Manuel Pereira Ramos)

»Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, setas e vários tiros voam;
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavalos treme a terra, os vales soam;
Espedaçam-se as lanças, e as frequentes
Quedas coas duras armas, tudo atroam.
Recrescem os amigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

IV, 32 (Manuel Pereira Ramos)

»Eis ali seus irmãos contra ele vão,
(Caso feio e cruel!); mas não se espanta,
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a Pátria se alevanta:
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes (caso estranho),
Quais nas guerras civis de Júlio e Magno.

IV, 33 (Manuel Pereira Ramos)

»Ó tu, Sertório, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos
Que contra vossas pátrias com profano
Coração vos fizestes inimigos,
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravíssimos castigos,
Dizei-lhe que também dos Portugueses
Alguns tredores houve algumas vezes.

IV, 34 (Manuel Pereira Ramos)

»Rompem-se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a eles vão!
Está ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortíssimo leão,
Que cercado se vê dos cavaleiros
Que os campos vão correr de Tetuão:
Perseguem-no com as lanças, e ele, iroso,
Torvado um pouco está, mas não medroso.

IV, 35 (Manuel Pereira Ramos)

»Com torva vista os vê, mas a natura
Ferina e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem.
Tal está o cavaleiro, que a verdura
Tinge co sangue alheio; ali perecem
Alguns dos seus, que o ânimo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

IV, 36 (Belén Rodrigo)

»Sentiu Joane a afronta que passava
Nuno, que, como sábio capitão,
Tudo corria e via, e a todos dava,
Com presença e palavras, coração.
Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos que no ninho sós estão,
Sentiu que, enquanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massília lhos furtara;

IV, 37 (Belén Rodrigo)

»Corre raivoso e freme e com bramidos

Os montes Sete Irmãos atroa e abala:
Tal Joane, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode à primeira ala:
«Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavaleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras, que a esperança
Da liberdade está na vossa lança!

IV, 38 (Belén Rodrigo)

»Vedes-me aqui, Rei vosso e companheiro,
Que entre as lanças e setas e os arneses
Dos inimigos corro e vou primeiro;
Pelejai, verdadeiros Portugueses!».«
Isto disse o magnânimo guerreiro,
E, sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira; e, deste único tiro
Muitos lançaram o último suspiro.

IV, 39 (Belén Rodrigo)

Porque eis os seus, acesos novamente
Duma nobre vergonha e honroso fogo,
Sobre qual mais, com ânimo valente
Perigos vencerá do Márcio jogo,
Porfiam; tinge o ferro o sangue ardente;
Rompem malhas primeiro e peitos logo.
Assim recebem junto e dão feridas,
Como a quem já não dói perder as vidas.

IV, 40 (Belén Rodrigo)

A muitos mandam ver o Estígio lago,
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava.
O Mestre morre ali de Santiago,

Que fortíssimamente pelejava;
Morre também, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava;
Os Pereiras também, arrenegados,
Morrem, arrenegando o Céu e os fados.

IV, 41 (Belén Rodrigo)

Muitos também do vulgo vil, sem nome,
Vão, e também dos nobres, ao profundo,
Onde o trifauce Cão perpétua fome
Tem das almas que passam deste mundo.
E porque mais aqui se amanse e dome
A soberba do amigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

IV, 42 (Belén Rodrigo)

Aqui a fera batalha se encruce
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
A multidão da gente que perece
Tem as flores da própria cor mudadas;
Já as costas dão e as vidas; já falece
O furor e sobejam as lançadas;
Já de Castela o Rei desbaratado
Se vê e de seu propósito mudado.

IV, 43 (Belén Rodrigo)

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida.
Seguem-no os que ficaram, e o temor
Lhe dá, não pés, mas asas à fugida.
Encobrem no profundo peito a dor

Da morte, da fazenda despendida,
Da mágoa, da desonra e triste nojo
De ver outrem triunfar de seu despojo.

IV, 44 (Belén Rodrigo)

Alguns vão maldizendo e blasfemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cobiçoso e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura às penas do Profundo,
Deixando tantas mães, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

IV, 45 (Fernando Paula Brito)

O vencedor Joane esteve os dias
Costumados no campo, em grande glória;
Com ofertas, depois, e romarias,
As graças deu a quem lhe deu vitória.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memória
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

IV, 46 (Fernando Paula Brito)

Ajuda-o seu destino de maneira
Que fez igual o efeito ao pensamento,
Porque a terra dos Vândalos, fronteira,
Lhe concede o despojo e o vencimento.
Já de Sevilha a Bética bandeira
E de vários senhores num momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defesa,

Obrigados da força Portuguesa.

IV, 47 (Fernando Paula Brito)

Destas e outras vitórias longamente
Eram os Castelhanos oprimidos,
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos,
Depois que quis o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
As duas ilustríssimas Inglesas,
Gentis, formosas, íclitas princesas.

IV, 48 (Fernando Paula Brito)

Não sofre o peito forte, usado à guerra,
Não ter imigo já a quem faça dano;
E assim, não tendo a quem vencer na terra,
Vai cometer as ondas do Oceano.
Este é o primeiro Rei que se desterra
Da Pátria, por fazer que o Africano
Conheça, pelas armas, quanto excede
A lei de Cristo à lei de Mafamede.

IV, 49 (Fernando Paula Brito)

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Tétis inquieta,
Abrindo as pandas asas vão ao vento,
Para onde Alcides pôs a extrema meta.
O monte Abila e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fora, e segura toda Espanha
Da Juliana, má e desleal manha.

IV, 50 (Fernando Paula Brito)

Não consentiu a morte tantos anos
Que de Herói tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Céu supremo quis que povoasse.
Mas para defensão dos Lusitanos
Deixou, quem o levou, quem governasse
E aumentasse a terra mais que dantes:
Ínclita geração, altos Infantes.

IV, 51 (Fernando Paula Brito)

Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na suma alteza,
Que assim vai alternando o tempo iroso
O bem co mal, o gosto coa tristeza.
Quem viu sempre um estado deleitoso?
Ou quem viu em fortuna haver firmeza?
Pois inda neste Reino e neste Rei
Não ousou ela tanto desta lei.

IV, 52 (Fernando Paula Brito)

Viu ser cativo o santo irmão Fernando,
(Que a tão altas empresas aspirava),
Que, por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno se entregava.
Só por amor da pátria está passando
A vida, de senhora feita escrava,
Por não se dar por ele a forte Ceita:
Mais o público bem que o seu respeita.

IV, 53 (Fernando Paula Brito)

Codro, por que o inimigo não vencesse,

Deixou antes vencer da morte a vida;
Régulo, por que a pátria não perdesse,
 Quis mais a liberdade ver perdida.
Este, por que se Espanha não temesse,
 Ao cativeiro eterno se convida!
Codro, nem Cúrcio, ouvido por espanto,
 Nem os Décios leais fizeram tanto.

IV, 54 (Pablo Simón)

«Alfonso, de aquel Rey solo heredero,
¡Nombre en armas feliz en nuestra Hesperia!
 Que el orgullo del bárbaro frontero
Tornó en dura, humildísima miseria,
 Fuera en verdad invicto caballero
Si no quisiera hollar la fuerte Iberia.
 Mas África dirá si al Rey terrible
Que otro llegue a vencer será posible.

IV, 55 (Pablo Simón)

«Este las pomas coge al árbol áuro
 Que al Tirintio veloz solo no ilude.
Y del impuesto yugo el fuerte Máuro
 La cerviz hasta ahora no sacude.
La palma va en su frente y verde láuro
 Que gana al fiero bárbaro, que acude
 De Alcacér en defensa, fuerte villa,
De Tánger vasta, y de la agreste Arcilla.

IV, 56 (Pablo Simón)

«Todas tres por la fuerza al fin entradas,
 Abatieron los muros de diamante
A las armas del Luso, acostumbradas

A derribar cuanto hallan por delante.
Maravillas de acciones extremadas,
Dignas de las contar pluma elegante,
Caballeros hicieron en la empresa,
Acreciendo la fama Portuguesa.

IV, 57 (Pablo Simón)

«Mas de ambición cegado por la lumbre
Y de mandar por gloria amarga y bella,
Al de Aragón (Fernando) va, en la cumbre
Del poder, a embestir en su Castiella.
Júntase la enemiga muchedumbre
De la soberbia y varia gente de ella,
Que, desde Cádiz a Pirene fría,
Toda al Rey poderoso obedecía.

IV, 58 (Pablo Simón)

«En el reino quedar no quiere ocioso
El mancebo don Juan, y luego ordena
Ir en ayuda al padre codicioso,
A quien bien llega en situación no buena.
Salióse al fin del trance peligroso,
Si no con gloria, con virtud serena;
Pues aunque asaz el íbero ha sufrido,
Quedó en duda si el Luso fue vencido.

IV, 59 (Pablo Simón)

«Porque el hijo sublime y soberano,
Gentil, fuerte, animoso, caballero,
Haciendo al enemigo estrago insano,
Permaneció en el campo un día entero.
De este modo vencido fue Octaviano,

Y Antonio vencedor, su compañero,
Cuando de los que a César inmolaron
En los Filípios campos se vengaron.

IV, 60 (Pablo Simón)

«Mas luego que la oscura noche eterna
Llevóse a Alfonso al Inmortal sereno,
El Príncipe que entonces lo gobierna
Todo fue Juan Segundo, Rey treceno.

Este, por ganar fama sempiterna
Cuanta pueda lograr un ser terreno
Los términos, que voy buscando ahora,
Dar quiso al mundo de la roja Aurora.

IV, 61 (Pablo Simón)

«Manda a sus mensajeros, que pasaron
España, Francia, Italia celebrada,
Y allá en el puerto ilustre se embarcaron,
Donde ya fue Parténope enterrada:
Nápoles, dó sus hados se vengaron,
Después de verla a tantos subyugada,
Subiéndola, tras tanto tiempo impío,
Al Español excelso señorío.

IV, 62 (Pablo Simón)

«Por el noble mar Sículo navegan,
Ven las playas de Rodas arenosas;
Y luego a las riberas altas llegan
Con la muerte de Magno tan famosas;
A Menfis y a las tierras van, que riegan
Las crecientes Nilóticas undosas;
Suben a la Etiópia, sobre Egito,

Que de Jesus conserva el santo rito.

IV, 63 (Marta Ribeiro Figueiredo)

Passam também as ondas Eritreias,
Que o povo de Israel sem nau passou;
Ficam-lhe atrás as serras Nabateias,
Que o filho de Ismael co nome ornou.
As costas odoríferas Sabeias,
Que a mãe do belo Adónis tanto honrou,
Cercam, com toda a Arábia descoberta,
Feliz , deixando a Pétreia e a Deserta.

IV, 64 (Marta Ribeiro Figueiredo)

Entram no estreito Pérsico, onde dura
Da confusa Babel inda a memória;
Ali co Tigre o Eufrates se mistura,
Que as fontes onde nascem têm por glória.
Dali vão em demanda da água pura
(Que causa inda será de larga história)
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveu passar Trajano.

IV, 65 (Marta Ribeiro Figueiredo)

Viram gentes incógnitas e estranhas
Da Índia, da Carmânia e Gedrosia,
Vendo vários costumes, várias manhas,
Que cada região produze e cria.
Mas de vias tão ásperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia.
Lá morreram, enfim, e lá ficaram,
Que à desejada pátria não tornaram.

IV, 66 (Marta Ribeiro Figueiredo)

Parece que guardava o claro Céu
A Manuel e seus merecimentos
Esta empresa tão árdua, que o moveu
A subidos e ilustres movimentos;
Manuel, que a Joane sucedeu
No Reino e nos altivos pensamentos,
Logo, como tomou do Reino o cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

IV, 67 (Marta Ribeiro Figueiredo)

O qual, como do nobre pensamento
Daquela obrigação que lhe ficara
De seus antepassados, cujo intento
Foi sempre acrescentar a terra cara,
Não deixasse de ser um só momento
Conquistado: no tempo que a luz clara
Foge, e as estrelas nítidas que saem
A repouso convidam quando caem.

IV, 68 (Marta Ribeiro Figueiredo)

Estando já deitado no áureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo contíno no conceito
Seu ofício e sangue a obrigação,
Os olhos lhe ocupou o sono aceito,
Sem lhe desocupar o coração;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morfeu em várias formas lhe aparece.

IV, 69 (Marta Ribeiro Figueiredo)

Aqui se lhe apresenta que subia

Tão alto, que tocava a prima Esfera,
 Donde diante vários mundos via,
Nações de muita gente, estranha e fera;
 E lá bem junto donde nasce o dia,
Depois que os olhos longos estendera,
Viu de antigos, longínquos e altos montes
 Nascerem duas claras e altas fontes.

IV, 70 (Marta Ribeiro Figueiredo)

Aves agrestes, feras e alimárias
 Pelo monte selvático habitavam;
Mil árvores silvestres e ervas várias
O passo e o tracto às gentes atalhavam.
 Estas duras montanhas, adversárias
De mais conversação, por si mostravam
Que, dês que Adão pecou aos nossos anos,
 Não as romperam nunca pés humanos.

IV, 71 (Jaçanã Ribeiro)

Das águas se lhe antolha que saíam,
 Para ele os largos passos inclinando,
Dois homens, que mui velhos pareciam,
De aspecto,inda que agreste, venerando.
 Das pontas dos cabelos lhe saíam
Gotas, que o corpo vão banhando;
A cor da pele, baça e denegrida;
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

IV, 72 (Jaçanã Ribeiro)

Dambos de dois a fronte coroada
Ramos não conhecidos e ervas tinha;
Um deles a presença traz cansada,

Como quem de mais longe ali caminha.
E assim a água, com ímpeto alterada,
Parecia que doutra parte vinha,
Bem como Alfeu de Arcádia em Siracusa
Vai buscar os abraços de Aretusa.

IV, 73 (Jaçanã Ribeiro)

Este, que era o mais grave na pessoa,
Destarte para o Rei de longe brada:
«-Ó tu, a cujos reinos e coroa
Grande parte do mundo está guardada,
Nós outros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos que é tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

IV, 74 (Jaçanã Ribeiro)

Eu sou o ilustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro;
Estoutro é o Indo, Rei que, nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-emos contudo dura guerra;
Mas, insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas vitórias, sem receio,
A quantas gentes vês porás o freio.-»

IV, 75 (Jaçanã Ribeiro)

Não disse mais o rio ilustre e santo,
Mas ambos desaparecem num momento.
Acorda Emanuel c'um novo espanto
E grande alteração de pensamento.
Estendeu nisto Febo o claro manto

Pelo escuro Hemisfério sonolento;
Veio a manhã no céu pintando as cores
De pudibunda rosa e roxas flores.

IV, 76 (Jaçanã Ribeiro)

Chama o Rei os senhores a conselho,
E propõe-lhe as figuras da visão;
As palavras lhe diz do santo velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o náutico aparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente que mandar cortando os mares
A buscar novos climas, novos ares.

IV, 77 (Jaçanã Ribeiro)

Eu, que bem mal cuidava que em efeito
Se pusesse o que o peito me pedia,
Que sempre grandes cousas deste jeito,
Pressago, o coração me prometia,
Não sei por que razão, por que respeito,
Ou por que bom sinal que em mi se via,
Me põe o ínclito Rei nas mãos a chave
Deste cometimento grande e grave.

IV, 78 (Jaçanã Ribeiro)

E com rogo e palavras amorosas,
Que é um mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse: -«As cousas árduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga;
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga,
Que, quando ao medo infame não se rende,

Então, se menos dura, mais se estende.

IV, 79 (Jaçanã Ribeiro)

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para uma empresa, qual a vós se deve,
Trabalho ilustre, duro e esclarecido,
O que eu sei que por mi vos será leve.»-
Não sofri mais, mas logo: «Ó Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
É tão pouco por vós que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

IV, 80 (Jaçanã Ribeiro)

Imaginai tamanhas aventuras
Quais Euristeu a Alcides inventava:
O leão Cleonéu, Harpias duras,
O porco de Erimanto, a Hidra brava,
Descer, enfim, às sombras vãs e escuras
Onde os campos de Dite a Estige lava;
Porque a maior perigo, a mor afronta,
Por vós, ó Rei, o espírito e a carne é pronta.»

IV, 81 (Alberto Giovanetti)

«Con suntuosas mercedes me agradece
Y su alabanza, en mí, virtud produce;
Que mérito alabado vive y crece,
Y a excelsos hechos el loor conduce.
A acompañarme luego se me ofrece,
Del afecto movido que le induce,
No menos codicioso de honra y fama,
Mi hermano caro y fiel, Pablo de Gama.

IV, 82 (Alberto Giovanetti)

«Y a Nicolás Coello no me dejo,
Ya probado en trabajos los mayores:
Ambos son de valía y de consejo,
Y expertos en la guerra y sufridores;
Y de manceba gente me aparejo,
De quien enciende el campo los ardores;
Todos de esfuerzo grande, cual se pide
A quien a tales cosas se decide.

IV, 83 (Alberto Giovanetti)

«Ya en el puerto de la ínclita Ulisena
Con noble ardor, sin miedo ni trabajo
(Donde mezcla su humor y blanca arena
A la salada mar el dulce Tajo),
Prestas las naves son; y no refrena
Ningun peligro el juvenil destajo;
Que pronta está a seguirme a cualquier parte
La gente de Neptuno y la de Marte.

IV, 84 (Alberto Giovanetti)

«Ya en el puerto de la ínclita Ulisena
Con noble ardor, sin miedo ni trabajo
(Donde mezcla su humor y blanca arena
A la salada mar el dulce Tajo),
Prestas las naves son; y no refrena
Ningún peligro el juvenil destajo;
Que pronta está a seguirme a cualquier parte
La gente de Neptuno y la de Marte.

IV, 85 (Alberto Giovanetti)

«Pasean los soldados, con vestidos

De variado color y pretensiones,
Si no menos de esfuerzos prevenidos,
Para buscar del mundo más regiones.
En las naves los vientos complacidos
Tremolan los aéreos pabellones;
Y ellas juran, al ver los mares largos,
Ser del Olimpo estrellas, cual la de Argos.

IV, 86 (Alberto Giovanetti)

«Después de prepararnos de este porte
De todo lo que tal demanda,
Preparamos el alma al postrer corte
Que al nauta siempre ante los ojos anda;
Y al Poder sumo que la etérea corte
Sustenta con la vista venerada
Imploramos favor que nos guiese,
Y que nuestros comienzos inspirase.

IV, 87 (Alberto Giovanetti)

«Así partíamos del augusto templo,
Que en las playas del mar está asentado,
Con el nombre del suelo, para ejemplo,
Donde fue Dios en carne al orbe dado.
Certifícote ¡oh Rey! ¡que si contemplo
Cómo fuí de estas playas apartado,
de dudas y temores quedo lleno
Y apenas a mis ojos pongo freno.

IV, 88 (Alberto Giovanetti)

«De la ciudad la gente, en aquel día,
(Unos de amigos, otros por parientes,
Muchos por ver tan solo), concurría

Con rostros pensativos, no rientes.
Nosotros con la santa compañía
De asaz de sacerdotes diligentes,
En procesión solemne, a Dios rezando,
Íbamos a las naves caminando.

IV, 89 (Alberto Giovanetti)

«En tránsito tan largo y tan nocivo,
Por perdidos las gentes nos juzgaban;
Las mujeres con lloro compasivo,
Los hombres con suspiros que exhalaban,
Madres, hijas, esposas (que el más vivo
Amor más desconfía) acrecentaban
La desesperación, el frío miedo
De no volver a vernos ya tan cedo.

IV, 90 (Alberto Giovanetti)

«Cuál va diciendo: «¡Oh hijo! a quien tenía
por refrigerio solo y dulce amparo
de esta ya tan cansada vejez mía,
Que en lloro acabará penoso y raro,
¿Por qué me dejas en miseria impía?
¿Por qué de mí te ausentas, hijo caro,
A servir al funerario enterramiento
En que a los peces sirvas de alimento?».

IV, 91 (Demci Arnoldo López Villatoro)

«Cuál, suelto el pelo: «¡Oh dulce, amado esposo,
Que de mi ser la clave sois maestral!
¿Por qué vais a exponer al mar furioso
Esa vida que es mía, y que no es vuestra?
¿Cómo, por un camino tan dudoso,

Os deja ir la amistad tan dulce nuestra?
Nuestro bien, nuestro amor, nuestro contento,
¿Con las velas queréis se lleve el viento?».

IV, 92 (Demci Arnoldo López Villatoro)

«Con tales voces y otras que decían
De piedad, y de amor, y de ternura,
Los viejos y los niños las seguían
En quien pone la edad mayor blandura.
Los más cercanos montes respondían
Cuasi movidos de tan gran tristura;
Las arenas sus lágrima bañaban,
Que en el número de ellas se igualaban.

IV, 93 (Demci Arnoldo López Villatoro)

«No alzábamos nosotros la cabeza
A madre ni a mujer, en tal estado,
Por no ver quebrantarse la firmeza
Del propósito fuerte comenzado,
Y embarcarnos dispuse con presteza,
Sin el último adiós acostumbrado;
Pues para el que se ausenta es dulce usanza,
Y al que queda le queda la esperanza.

IV, 94 (Demci Arnoldo López Villatoro)

«Mas un viejo de aspecto venerando,
Que en las playas quedaba entre la gente,
En nos puestos los ojos, meneando
Tres veces la cabeza tristemente,
La voz, pesada un poco, levantando,
Que, en el mar escuchamos claramente,
Con el sabor que la experiencia ha hecho,

Estas voces sacó del sabio pecho:

IV, 95 (Demci Arnoldo López Villatoro)

«-¡Oh gloria de mandar, vana codicia
De la soberbia a que decimos Fama!
¡Oh fraudulento gusto, que se inficia
Con el aura vulgar que honra se llama!
¡Qué castigo impones, qué justicia
En el vano mortal que mucho te ama!
¡Qué peligros, qué luchas, qué tormentas,
Qué crueidades en él experimentas!

IV, 96 (Demci Arnoldo López Villatoro)

«¡Dura inquietud del alma y de la vida,
Fuente de desamparos y adulterios,
Sagaz consumidora conocida
De haciendas, y de reinos, y de imperios!
Llámante ilustre, grande, esclarecida,
Siendo digna de infames vituperios;
Llámante fama y dulcedumbre extraña,
Nombres con que al cerril pueblo se engaña.

IV, 97 (Demci Arnoldo López Villatoro)

«¿A qué nuevos desastres determinas
Conducir a estos reinos y a esta gente?
¿Qué peligros, qué muertes les destinas
Cubiertos de qué nombre preminente?
¿Qué promesas de reinos y de minas
Ricas, que los darás tan fácilmente?
¿Qué famas les prometes, y qué historias
Y qué triunfos, qué palmas, qué victorias?

IV, 98 (Eric Tallon)

«Mas ¡oh generación de aquel insano,
Cuyo pecado y gran desobediencia
 No tan solo del reino soberano
Te condenó a la dura y triste ausencia,
Sino que de otro estado, más que humano,
 De sencilla quietud y de inocencia,
 Edad dorada, te arrojó al destierro
De esta vil de las armas y del hierro!

IV, 99 (Eric Tallon)

«Ya que en estas gustosas vanidades
 Alzas tanto la leve fantasía,
Ya que a torpes fierezas y crueidades
 Diste existencia, y nombre, y valía,
 Ya que precias en altas cantidades
 El despreciar la vida, que debía
 Ser estimada tanto, pues sintiera
Tanto perderla Aquel que nos la diera:

IV, 100 (Eric Tallon)

«¿No se halla de ti cerca el Ismaelita
Con quien siempre tendrás nuevos embates?
 ¿No sigue él del Corán la ley maldita,
 y tú por la de Cristo no combates?
 ¿No tienes pueblos mil, tierra infinita
 Cuando riqueza y suelo ganar trates?
 Y si quieres por gloria ser loado,
 ¿No es él en lid y en armas esforzado?

IV, 101 (Eric Tallon)

«¿Te dejas a tu puerta al enemigo,

Buscando que lejano otro te salte,
Por el cual se despueble el pueblo antiguo,
Se enflaquezca y la vida al fin le falte?
¿Buscas incierto, incógnito castigo,
Porque la fama te dé honor y exalte,
Llamándote señor, con larga copia
De Persia, India, Arabia y Etiópia?

IV, 102 (Eric Tallon)

«!Maldito tú el primero que en el mundo
Diste lona a la mar en leño esquivo!
El infierno te guarda espacio inmundo,
Si es justa la ley justa en que yo vivo.
¡Ah! nunca juicio alguno alto y profundo,
Ni sonoro laúd, ni genio activo,
Te dé por eso fama ni memoria,
Antes contigo acaben nombre y gloria.

IV, 103 (Eric Tallon)

«Para su mal robó del Empiréo
El hijo de Japeto el fuego extraño,
Que por el mundo derramó el deseo,
Vicios, deshonras, muertes ¡grande engaño!
¡Cuánto mejor no fuera, Prometéo,
Y cuánto para el mundo menos daño,
Que a tu estatua famosa no llegara
La luz de la ambición que la animara!

IV, 104 (Eric Tallon)

«No acometiera el mozo miserando
El gran carro paterno, ni el vacío
El arquitecto con el hijo, dando

Fama el uno a la mar, y el otro al río.
Ningún intento sumo, audaz, nefando,
Por tierra y agua, y fierro, y fuego, y frío,
De acometer dejó la especie humana:
¡Mísera suerte, condición tirana!»

CANTO QUINTO

V, 1 (Óliver Brack)

«Esta sabia doctrina el viejo honrado
Vociferando estaba, cuando abrimos
Las alas al sereno y sosegado
Cielo, y del puerto plácido partimos.
Y, como es en el mar lo acostumbrado,
Las velas al soltar, el viento herimos,
«Buen viaje» demandando; luego el aire
Dio a los leños su marcha y su donaire.

V, 2 (Óliver Brack)

«En este tiempo el rey de eterna lumbre
Entraba en el Nemeo truculento,
Y el mundo, con creciente pesadumbre,
Iba en su sexta edad, enfermo y lento:
En ella ve, cual tiene por costumbre,
De su curso el catorce veces ciento,
Con más noventa y siete, que corría.
Cuando en el mar la armada se extendía.

V, 3 (Óliver Brack)

«La vista poco a poco se destierra
De aquellos patrios montes que quedaban;
Quedaba el Tajo ameno y la alta sierra
De Cintra, en que los ojos se alargaban.
También quedaban en la amada tierra
Corazones que amores mil llenaban;
Y ya, después que todo se escondía,
No vimos más, en fin, que el mar y el día.

V, 4 (Óliver Brack)

«Así fuimos abriendo aquellos mares,
Que nunca holló generación pasada,
Las nuevas islas viendo, y los hogares
Que Enríquez descubrió con arte osada,
Los Mauritano montes y lugares,
Tierra un tiempo de Anteo disfrutada,
Dejamos a la izquierda; al diestro lado,
Si hay otra, de sospecha no ha pasado.

V, 5 (Óliver Brack)

«Por la gran isla fuimos de Madera,
Que del mucho arbolado así se llama,
De las que hemos poblado la primera,
Más sabida por nombre que por fama;
Pues ni por ser del mundo la postrera,
Le dan ventaja las que Venus ama;
Antes, si suya fuese, en sus placeres
La prefiriera a Pafos, y a Citéres.

V, 6 (Óliver Brack)

«De Masilia pasé la playa adusta,
Dó su ganado los Zenégües pastan,

Gente que frescas aguas nunca gusta,
Pues ni las yerbas a sus usos bastan;
Dó la tierra al cultor rechaza injusta,
Dó hay aves que en su vientre el fierro gastan,
Dó se padece, en fin, extrema inopia,
Y Berbería apártase de Etiópia.

V, 7 (Óliver Brack)

«El límite pasamos a dó llega
El sol que para el Norte el carro guía,
Donde yacen los pueblos a quien niega
 El de Climené la color del día.
Aquí gentes extrañas lava y riega
 Del negro Senegal el agua fría,
Donde el Cabo Arsinario el nombre pierde,
 Poniéndole nosotros Cabo Verde.

V, 8 (Imrich Kliment)

«Pasamos las Canarias, islas fijas
Que tuvieron por nombre Afortunadas;
 Entramos navegando por las hijas
Del viejo Hesperio, Hespérides llamadas;
 Tierras por dó sorpresas mil prolíjas
Fueran hallando ya nuestras armadas.
Allí tomamos puerto con buen viento,
 Para tomar después mantenimiento.

V, 9 (Imrich Kliment)

«La que mejor al caso parecíonos
Es la que el nombre toma de Santiago,
 El que tanto a españoles ayudónos
A hacer entre los moros grande estrago.

De aquí, mientras que Bóreas aventónos,
Tornamos a cortar el vasto lago
Del salado Océano: así salimos
De la tierra en que el dulce pasto hubimos.

V, 10 (Imrich Kliment)

«Por aquí rodeamos larga parte
De África, que dejábamos a Oriente,
De Jalof la provincia, que reparte
A una y otra nación la negra gente;
La muy grande Mandinga (por cuyo arte
Logramos el metal rico y luciente),
Que del corbo Gambéa el agua admite,
Que entra luego en la concha de Anfítrite,

V, 11 (Imrich Kliment)

«Y pasamos las Dórcadas, guardadas
Por hermanas que un tiempo allí vivían,
Que del ver natural siendo privadas,
Todas tres de un solo ojo se servían;
Si tú sola, con trenzas encrespadas,
Que hasta el seno a Neptuno descendían,
De las tres la más fea te volviste,
Y la arena de víboras henchiste.

V, 12 (Imrich Kliment)

«Siempre hacia el Austro, en fin, la proa aguda,
En el inmenso golfo nos metimos,
Dejando la Leona sierra cruda,
Y el cabo al que de Palmas nombre dimos;
Y el grande río, en que batiente suda
El mar en playas ciento que allí vimos,

Quedó, con la isla insigne que ha tomado
El nombre del que a Dios tocó el costado.

V, 13 (Imrich Kliment)

«Allí el muy vasto reino está del Congo,
Que convertimos a la fe de Cristo,
Por donde el Zaire pasa claro y longo,
Río de los antiguos nunca visto.
Por este mar a navegar me pongo
Largo al sabido polo de Calisto,
Habiendo el punto ardiente ya pasado,
Dó la mitad del mundo se ha contado.

V, 14 (Imrich Kliment)

«Ya descubierto habíamos al frente,
En el nuevo hemisferio, nueva estrella
No vista de otros; que la ignara gente,
Incierta largo tiempo estuvo de ella;
Vimos la parte allí menos luciente,
Y por la falta de astros menos bella,
Del polo fijo, donde aún no se sabe
Si empiece tierra, o si la mar no acabe.

V, 15 (Aurelio Vargas Díaz-Toledo)

«Así pasando los marinos llanos,
Por los cuales dos veces pasa Apolo,
Dos inviernos haciendo y dos veranos,
En cuanto va del uno al otro polo,
Entre las calmas o ímpetus insanos
Con que siempre la mar agita Eolo,
Las Osas vimos, con dolor de Juno,
En las aguas bañarse de Neptuno.

V, 16 (Aurelio Vargas Díaz-Toledo)

«Propiamente contar las duras cosas
De la mar que los hombres poco entienden,
 Las súbitas borrascas temerosas,
Relámpagos que el agua en fuego encienden,
 Negras lloviznas, noches tenebrosas,
Los silbos de Aquilón que el aire hienden
 No menos fuera error que grave apuro,
Aunque fuese mi voz de bronce duro.

V, 17 (Aurelio Vargas Díaz-Toledo)

«Los casos vi que rudos marineros,
De quien maestro fue larga experiencia,
Cuentan por ciertos siempre y verdaderos,
 Las cosas al juzgar por su apariencia,
 Casos que, los de juicios más enteros,
Que solo ven por puro ingenio y ciencia
 Del mundo los secretos portentosos,
Los dan por mal sabidos y engañosos.

V, 18 (Aurelio Vargas Díaz-Toledo)

«Vi, visto claramente, el fuego vivo
Que la gente de mar tiene por santo
En tiempo de tormenta o viento esquivo,
 De tempestad horrible y triste llanto.
 Y no menos fue a todos excesivo
Milagro y cosa cierta, y de alto espanto,
Ver las nubes sorber por caño extenso,
 Y las aguas subir del plano inmenso.

V, 19 (Aurelio Vargas Díaz-Toledo)

«Yo vi con claridad (y no presumo
Que me engaño la vista) levantarse
Un cierto vaporcillo y sutil humo,
Que, agitado del viento, fue a enroscarse,
Y elevado en columna, al polo sumo
Subió tan tenue y fino, que notarse
De ojo no muy experto mal podría,
Pues materia de nube parecía.

V, 20 (Aurelio Vargas Díaz-Toledo)

«Íbase poco a poco acrecentando
Y más que un ancho mástil se engruesaba:
Aquí haciéndose estrecho, allí, ensanchando,
Según los golpes de agua que chupaba;
Con las nubes mecíase ondulando,
Y por cima un nublado se espesaba,
Mostrándose más lleno y más crecido,
Con la gran copia de aguas que ha bebido.

V, 21 (Aurelio Vargas Díaz-Toledo)

«Cual tenaz sanguijuela que porfía
En los belfos de bestia (que imprudente
Bebiendo la cogió de fuente fría),
En sangre ajena hartar su sed ardiente;
Que chupa más y más, y engruesa y cría,
Llenándose y creciendo largamente:
Tal la grande columna hinchendo aumenta
Su fusta y la alta nube que sustenta.

V, 22 (Catarina Bairrão Balula)

Mas depois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,

E pelo céu, chovendo, enfim voou,
Porque coa água a jacente água molhe;
Às ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os sábios na escritura
Que segredos são estes de Natura!

V, 23 (Catarina Bairrão Balula)

Se os antigos filósofos, que andaram
Tantas terras, por ver segredos delas,
As maravilhas que eu passei, passaram,
A tão diversos ventos dando as velas,
Que grandes escrituras que deixaram!
Que influïção de signos e de estrelas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo, sem mentir, puras verdades.

V, 24 (Catarina Bairrão Balula)

Mas já o Planeta que no céu primeiro
Habita, cinco vezes, apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro,
Mostrara, enquanto o mar cortava a armada,
Quando da etérea gávea um marinheiro,
Pronto coa vista: -«Terra! Terra!»- brada.
Salta no bordo alvoroçado a gente
Cos olhos no horizonte do Oriente.

V, 25 (Catarina Bairrão Balula)

A maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes que enxergamos;
As âncoras pesadas se adereçam;
As velas, já chegados, amainamos.

E para que mais certas se conheçam
As partes tão remotas onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolábio,
Invenção de subtil juízo e sábio,

V, 26 (Catarina Bairrão Balula)

Desembarcamos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa,
Da terra que outro povo não pisou.
Porém eu, cos pilotos, na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do Sol a altura
E compassar a universal pintura.

V, 27 (Catarina Bairrão Balula)

Achámos ter de todo já passado
Do Semícapro peixe a grande meta,
Estando entre ele e o círculo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis, de meus companheiros rodeado,
Vejo um estranho vir, de pele preta,
Que tomaram por força, enquanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

V, 28 (Catarina Bairrão Balula)

Torvado vem na vista, como aquele
Que não se vira nunca em tal extremo;
Nem ele entende a nós, nem nós a ele,
Selvagem mais que o bruto Polifemo.
Começo-lhe a mostrar da rica pelo
De Colcos o gentil metal supremo,

A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o bruto se movia.

V, 29 (Cristina Almendra)

Mando mostrar-lhe peças mais somenos:
Contas de cristalino transparente,
Alguns soantes cascavéis pequenos,
Um barrete vermelho, cor contente.
Vi logo, por sinais e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente.
Mando-o soltar com tudo e assim caminha
Para a povoação, que perto tinha.

V, 30 (Cristina Almendra)

Mas logo ao outro dia, seus parceiros,
Todos nus e da cor da escura treva,
Descendo pelos ásperos outeiros,
As peças vêm buscar que estoutro leva.
Domésticos já tanto e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Veloso a ir ver da terra o trato
E partir-se com eles pelo mato.

V, 31 (Cristina Almendra)

É Veloso no braço confiado
E, de arrogante, crê que vai seguro;
Mas, sendo um grande espaço já passado,
Em que algum bom sinal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Aparece, e, segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fora, vinha.

V, 32 (Cristina Almendra)

O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar; mas, antes que chegasse,
Um Etíope ousado se arremessa
A ele, por que não se lhe escapasse;
Outro e outro lhe saem; vê-se em pressa
Veloso, sem que alguém lhe ali ajudasse;
Acudo eu logo, e enquanto o remo aperto,
Se mostra um bando negro, descoberto.

V, 33 (Cristina Almendra)

Da espessa nuvem setas e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu dali ferida;
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão tecida
Que em mais que nos barretes se suspeita
Que a cor vermelha levam desta feita.

V, 34 (Cristina Almendra)

E sendo já Veloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malícia feia e rudo intento
Da gente bestial, bruta e malvada,
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da Índia desejada
Que estarmos ainda muito longe dela.
E assim tornei a dar ao vento a vela.

V, 35 (Cristina Almendra)

Disse então a Veloso um companheiro
(Começando-se todos a sorrir):
-«Olá, Veloso amigo! Aquele outeiro
É melhor de descer que de subir!»-.
-«Sim, é (responde o ousado aventureiro);
Mas quando eu para cá vi tantos vir
Daqueles cães, depressa um pouco vim,
Por me lembrar que estáveis cá sem mim»-.

V, 36 (Cristina Almendra)

Contou então que, tanto que passaram
Aquele monte, os negros de quem falo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, se não torna, ali matá-lo;
E tornando-se, logo se emboscaram,
Por que, saindo nós para tomá-lo,
Nos pudessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

V, 37 (Marta Albar)

Porém já cinco Sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca doutrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando uma noite, estando descuidados,
Na cortadora proa vigiando,
Uma nuvem que os ares escurece
Sobre nossas cabeças aparece.

V, 38 (Marta Albar)

Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo;

Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.

-«Ó Potestade (disse) sublimada:
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?»-.

V, 39 (Marta Albar)

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pálida;
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

V, 40 (Marta Albar)

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rodes estranhíssimo Colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo.
Cum tom de voz nos fala, horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo.
Arrepiam-se as carnes e o cabelo,
A mi e a todos, só de ouvi-lo evê-lo!

V, 41 (Marta Albar)

E disse: -«Ó gente ousada, mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas,

Pois os vedados términos quebrantas
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
Nunca arados d'estrano ou próprio lenho;

V, 42 (Marta Albar)

»Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do húmido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de imortal merecimento,
Ouve os danos de mim que apercebidos
Estão a teu sobrejo atrevimento,
Por todo o largo mar e pela terra
Que inda hás de sojugar com dura guerra.

V, 43 (Marta Albar)

»Sabe que quantas naus esta viagem
Que tu fazes, fizerem, de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas;
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insofridas,
Eu farei d'improviso tal castigo
Que seja mor o dano que o perigo!

V, 44 (Marta Albar)

»Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu suma vingança;
E não se acabará só nisto o dano
Da vossa pertinace confiança:
Antes, em vossas naus vereis, cada ano,
Se é verdade o que meu juízo alcança,

Naufrágios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte!

V, 45 (Isabel Correia)

»E do primeiro Ilustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os Céus,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juízos incógnitos de Deus.
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prósperos troféus;
Comigo de seus danos o ameaça
A destruída Quíloa com Mombaça.

V, 46 (Isabel Correia)

»Outro também virá, de honrada fama,
Liberal, cavaleiro, enamorado,
E consigo trará a formosa dama
Que Amor por grão mercê lhe terá dado.
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que, duro e irado,
Os deixará dum cru naufrágio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

V, 47 (Isabel Correia)

»Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres, ásperos e avaros,
Tirar à linda dama seus vestidos;
Os cristalinos membros e perclaros
À calma, ao frio, ao ar; verão despidos,
Depois de ter pisada, longamente,
Cos delicados pés a areia ardente.

V, 48 (Isabel Correia)

»E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dois amantes míseros ficarem
Na férvida, implacável espessura.
Ali, depois que as pedras abrandarem
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,
Abraçados, as almas soltarão
Da formosa e misérrima prisão»-.

V, 49 (Isabel Correia)

Mais ia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos Fados, quando alçado,
Lhe disse eu: -«Quem és tu? Que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado?»-.
A boca e os olhos negros retorcendo
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu, com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pesara:

V, 50 (Isabel Correia)

-«Eu sou aquele oculto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentório,
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,
Plínio e quantos passaram fui notório.
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontório,
Que para o Pólo Antárctico se estende,
A quem vossa ousadia tanto ofende.

V, 51 (Isabel Correia)

»Fui dos filhos aspérrimos da Terra,
Qual Encélado, Egeu e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano;
Não que pusesse serra sobre serra,
Mas, conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

V, 52 (Isabel Correia)

»Amores da alta esposa de Peleu
Me fizeram tomar tamanha empresa;
Todas as Deusas desprezi do céu,
Só por amar das águas a Princesa.
Um dia a vi, coas filhas de Nereu,
Sair nua na praia, e logo presa
A vontade senti de tal maneira
Que ainda não sinto coisa que mais queira.

V, 53 (Luisa Ripoll)

«No siéndome el lograr su afecto dable,
Por la grandeza fea de mi gesto,
La juzgué por las armas conquistable,
Y a Doris puse el caso manifiesto.
Esto dio que, por miedo, a Tetis hable;
Mas ella, con gentil sonriso honesto,
Respondió: «¿Pues qué amor hay suficiente
De ninfa para esposo tan ingente?»

V, 54 (Luisa Ripoll)

«Con todo, por librar nuestro aledaño
Mar de tal guerra, buscaré manera

Con que, con la honra mía, escuse el daño,
Tal respuesta me da la mensajera.
Yo, que caer no pude en este engaño
(Que es grande en los amantes la ceguera),
Henchíme, con insólita confianza,
El pecho de deseos y esperanza.

V, 55 (Luisa Ripoll)

«Y necio, y ya de guerra desistiendo,
Una noche, de Doris prometida,
Vi de lejos el rostro apareciendo,
De aquella blanca Tetis, tan querida.
Como loco al instante corrí, abriendo
Los brazos hacia aquella que era vida
De mi ser, y empecé los ojos bellos
A besarla, y la faz, y los cabellos.

V, 56 (Luisa Ripoll)

«¡Oh, que no sé de enojo si lo cuente!
Que en mis brazos creyendo a la que amaba,
Abrazado me hallé con un ingente
Monte de jaras y espesura brava,
Y un escollo teniendo frente a frente,
Que por el rostro angélico tomaba,
Con que hombre no fui ya, mas quedo mudo,
Y junto de un peñasco, otro más rudo.

V, 57 (Luisa Ripoll)

«-¡Oh ninfa, la más bella del Océano!
Ya que la mi presencia no te agrada,
¿Qué te costó guardarme el símil vano,
Ya fueses monte, nube, sueño, o nada?

Luego partí rabioso y quasi insano,
De la pena y deshonra allí pasada,
Otro mundo a buscar, donde no viese
Quien de mi llanto y de mi mal riese.»

V, 58 (Luisa Ripoll)

«Eran ya en este tiempo mis hermanos
Vencidos y en miserias singulares,
Y por alivio de los dioses vanos,
Montañas son de algunos espaldares;
Y como contra el cielo nunca hay manos,
Yo, que andaba llorando mis pesares,
A sentir empecé de hado enemigo,
Por mis atrevimientos, el castigo.

V, 59 (Luisa Ripoll)

«Mudóseme la carne en tierra dura,
Y mis huesos peñascos se volvieron;
Estos miembros que ves, y esta estatura,
Por estas anchas aguas se extendieron.
De esto remoto Cabo en la figura
Los dioses mi gran cuerpo convirtieron;
Y para que mis penas sean solas,
Me anda Tetis cercando con sus olas.»-

V, 60 (Luisa Ripoll)

«Así decía, y con doliente lloro,
Súbito de mis ojos se separa;
Deshácese la nube, y de sonoro
Bramido suena lejos timbre rara.
Yo las manos alzando al santo coro
De ángeles, que tan lejos nos guiara,

Pedí a Dios que apartase aquellos duros
Casos que Adamastor contó futuros.

V, 61 (Antonio Barnés)

«Piróis y Flegón ya van volviendo,
Con los dos más el carro fulgurante,
Cuando la excelsa tierra iba saliendo
En que fue convertido el gran gigante.
De esa costa a lo largo aquí rompiendo
Las olas a sulcar, hacia el Levante,
Por ella abajo un poco navegamos,
Y por segunda vez tierra tomamos.

V, 62 (Antonio Barnés)

«Las gentes que en sus límites había,
Aunque también Etiópes nacieron,
Mostraban condición menos impía
Que los que antes tan mal nos recibieron.
Con bailes y con fiestas de alegría,
Por la arenosa playa a nos vinieron,
Sus esposas trayendo, y su ganado,
Que apacentaban gordo y bien cuidado.

V, 63 (Antonio Barnés)

«Las quemadas mujeres van encima
De los bueyes corníferos sentadas,
Animales que tienen en estima,
Más que los de las otras sus manadas:
Cántigas de pastor, en prosa o rima,
Cantan en su lenguaje, concertadas
Al dulce son de rústicas avenas,
De Títiro imitando a las Camenas.

V, 64 (Antonio Barnés)

«Estos que aparecían placenteros
a la vista, propicios nos trajeron,
Trayéndonos gallinas y carneros,
En cambio de otras cosas que llevaron,
Mas como, en fin, jamás los compañeros
Ni palabra ni indicio les sacaron
Que nos sirva a encontrar lo que pedimos,
Las blancas lonas a los vientos dimos.

V, 65 (Antonio Barnés)

«Dado habíamos ya rodeo ingente
A la costa africana, y ya tornaba,
La proa a demandar el centro ardiente,
Dó el cielo y polo Antártico.
Y dejamos la línea, dó igualmente
Otra armada encontróse, que buscaba
El Tormentorio cabo y, descubierto,
Hizo de ella también su rumbo cierto.

V, 66 (Antonio Barnés)

«Fuimos de aquí sulcando muchos días,
Entre tormentas tristes y bonanzas,
Al ancho mar abriendo nuevas vías,
Solo llevados de arduas esperanzas.
Luchas tuvimos con las ondas frías;
Que como todo en ellas son mudanzas,
Allí corriente hallamos tan pujante
Que pasar nos costó más adelante.

V, 67 (Antonio Barnés)

«Era mayor la fuerza en demasía,
Según que para atrás nos empujaba,
Del mar, que contra nos allí corría,
Que la del viento que por nos soplaba.
Noto, que airado está de la porfía
Que con el mar parece sustentaba,
Esfuerza su soplar furiosamente,
Con que vencer nos hace la corriente.

V, 68 (Antonio Barnés)

«Traía el sol el día celebrado,
En que tres reyes desde el rojo Oriente
Van a buscar un Rey de corto estado,
En quien tres forman uno solamente.
En tal luz otro puerto fue tomado
Por nos de aquella misma negra gente,
En ancho río, al cual el nombre puse
Del día en que a su playa a entrar dispuse.

V, 69 (Antonio Barnés)

«De ese pueblo vituallas adquirimos,
Y agua fresca del río, mas no pudo
Luz allí descubrirse cual quisimos,
Que el negro es con nosotros casi mudo.
¡Oh Rey! Ve aquí por cuáles tierras fuimos,
Sin salir nunca de aquel pueblo rudo,
Sin nunca hallar noticias ni señales,
De las buscadas tierras orientales.

V, 70 (Valle Vaquero)

Imagínate ahora ¡cuán cuitados
Andaríamos todos, cuán perdidos,

Por hambres, por tormentas quebrantados,
Por chinas y por mares no sabido,
De esperar realidades tan cansados,
Cuanto a desesperar ya compelidos;
Por cielo innatural, de leyes varias,
a nuestra propia especie tan contrarias!

V, 71 (Valle Vaquero)

«Ya dañado y corrupto el alimento,
Doliente, enfermo el flaco cuerpo humano;
Sin tampoco encontrar contentamiento
Con que engañar el esperar en vano.
¿Piensas tú que si el nuestro ajuntamiento
Del soldado no fuese Lusitano,
Por ventura siguiera así obediente
Tanto tiempo a su Rey y a su regente?

V, 72 (Valle Vaquero)

«¿Piensas que no los vieras tú ya alzados
Contra su capitán, si mal los mira,
Haciéndose piratas, obligados
De desesperación, de hambre, de ira?
Grandemente, por cierto, están probados,
Pues que ningún trabajo les retira
De aquella Portuguesa alta excelencia
De firme lealtad y de obediencia.

V, 73 (Valle Vaquero)

«Dejando el puerto, en fin, del dulce río,
Y volviendo a cortar la agua salada,
Hicimos de esta costa algún desvío,
Echando al alto mar toda la armada

Porque Noto, soplando manso y frío,
No nos dejara en calma en la ensenada
Que la costa de aquella parte indica
Donde el oro nos da Sofala rica.

V, 74 (Valle Vaquero)

«Y después de pasarla, el breve lema
(Que encomendado a Nicolás se sabe),
Para dó rompe el mar su ímpetu extrema
Guía las proas de una y otra nave;
Cuando ya el corazón, que espera y trema,
Y que tanto ha fiado a débil trabe,
Yendo al fin de esperar desesperado,
Fue de gran novedad alborozado.

V, 75 (Valle Vaquero)

«Y fue que, estando ya cerca del puerto,
Pues las playas y valles bien se vían,
Por un río, que sale al mar abierto,
Barcos de vela entraban y salían,
Alegria muy grande fue, por cierto,
Encontrar a criaturas que sabían
Navegar; porque entre ellas esperamos
Hallar las nuevas que, en efecto, hallamos.

V, 76 (Valle Vaquero)

«Todos Etíopes son, aunque publica
Que con pueblo mejor comunicaban
Alguna árabe voz que así lo indica,
A la lengua mezclada con que hablaban;
Con una tela muelle, aunque no rica,
De algodón, las cabezas apretaban;

Y cada cual lo vergonzoso ciñe,
Con paño que en color azul se tiñe.

V, 77 (Carmen Vaquero)

«En la arábiga lengua que señalan,
Y que Fernán Martín muy bien entiende,
Dicen que en naves que en grandeza igualan
A las nuestras, su mar se corta y hiende,
Mas que dó sale el sol ya se resbalan
Para donde la costa al Sur se extiende,
Y del Sur para el sol, tierra dó había
Gente cual nós, de la color del día.

V, 78 (Carmen Vaquero)

«Muy grandemente aquí nos alegramos
De las nuevas, del cielo, y naturales,
Y por los gratos signos que encontramos
A ese río llamé Buenas Señales;
Y un padrón en el pueblo levantamos,
(Pues para bautizar encuentros tales
Los llevaba), y le puse el nombre bello
Del que guió a Tobías a Gabello.

V, 79 (Carmen Vaquero)

«Aquí de conchas, limazón y ostrino,
Enfadosa creación de aguas profundas,
La armada se limpió, que del camino
Por tanto mar las naves van inmundas.
Del huésped que allí habíamos vecino,
Con afectuosas muestras y jocundas,
Tuvimos siempre el natural sustento,
Limpio de todo mal su pensamiento.

V, 80 (Carmen Vaquero)

«Mas no fue la esperanza grande, inmensa
Que en esta tierra hubimos, larga y pura
En su gozo; que luego le compensa
La Ramnusia, con nueva desventura.
Así el cielo sereno lo dispensa,
Y en esa condición pesada y dura
Nacimos: mas sufrir nos endurece
Y la prosperidad nos emblandece.

V, 81 (Carmen Vaquero)

Ocurrió que de un mal (de que ni idea
Jamás tuve), cruel, sucio, acabaran
Muchos cuerpos, y en tierra extraña y fea
Para siempre sus huesos se enterraran.
Sin verlo, ¿habrá quizá mortal que crea
Que tan disformemente allí se hincharan
Las encías, que, mientras que crecía,
En la boca la carne se podría?

V, 82 (Carmen Vaquero)

«Pudríase con peste y maleficio
Tanto, que el aire en torno inficionaba.
De médico no había el beneficio,
Y menos cirujano hábil se hallaba;
Mas cualquiera, no docto en ese oficio,
Por la podrida carne así cortaba,
Cual si de muerto fuese, y convenía
Que a quien no la cortaban, se moría.

V, 83 (Carmen Vaquero)

«En fin, en esta incógnita espesura
Dejamos, para siempre, camaradas
Que en tal camino y tanta desventura
Nos siguieron, con almas esforzadas.
¡Cuán fácil halla el cuerpo sepultura!
Cualquiera mar o tierras apartadas,
Cualquier otero humilde, cual los de esos,
De los más grandes guardará los huesos.

V, 84 (Carmen Vaquero)

«Así que del fatal lugar partímos,
Con fe mayor, si con mayor tristeza,
Y por la costa abajo el mar abrimos,
Buscando signos de mejor certeza.
En la infiel Mozambique nos metimos,
De cuya falsedad y gran vileza
Ya serás sabedor, con los villanos
Actos de los Mombazes inhumanos.

V, 85 (José Carlos Ribeiro Miranda)

Até que aqui, no teu seguro porto,
Cuja brandura e doce tratamento
Dará saúde a um vivo e vida a um morto,
Nos trouxe a piedade do alto Assento.
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos deste. E vês aqui, se atento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

V, 86 (José Carlos Ribeiro Miranda)

Julgas agora, Rei, se houve no mundo
Gentes que tais caminhos cometesssem?

Crês tu que tanto Eneias e o facundo
Ulisses pelo inundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que dele se escrevessem,
Do que eu vi, a poder de esforço e de arte,
E do que ainda hei de ver, a oitava parte?

V, 87 (José Carlos Ribeiro Miranda)

Esse que bebeu tanto da água Aónia,
Sobre quem têm contenda peregrina,
Entre si, Rodes, Smirna e Colofónia,
Atenas, Ios, Argo e Salamina;
Essoutro que esclarece toda Ausónia,
A cuja voz, altíssona e divina,
Ouvindo, o pátrio Míncio se adormece,
Mas o Tíbre co som se ensoberbece:

V, 88 (José Carlos Ribeiro Miranda)

Cantem , louvem e escrevam sempre extremos
Desses seus Semideuses e encareçam,
Fingindo magas Circes, Polifemos,
Sirenas que co canto os adormeçam;
Dêem-lhe mais navegar à vela e remos
Os Cícones, e a terra onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o Loto;
Dêem-lhe perder nas águas o piloto;

V, 89 (José Carlos Ribeiro Miranda)

Ventos soltos lhe finjam e imaginem
Dos odres e Calipsos namoradas;
Harpias que o manjar lhe contaminem;
Descer às sombras nuas já passadas:

Que por muito e por muito que se afinem
Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto, nua e pura,
Vence toda grandiloqua escritura!».

V, 90 (José Carlos Ribeiro Miranda)

Da boca do facundo Capitão
Pendendo estavam todos, embebidos,
Quando deu fim à longa narração
Dos altos feitos, grandes e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos;
Da gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade de ânimo e nobreza.

V, 91 (José Carlos Ribeiro Miranda)

Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual que mais notou;
Nenhum deles da gente os olhos tira
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Délia as rédeas vira
Que o irmão de Lampécia mal guiou,
Por vir a descansar nos Tétios braços;
E el-Rei se vai do mar aos nobres paços.

V, 92 (José Carlos Ribeiro Miranda)

Quão doce é o louvor e a justa glória
Dos próprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalha que em memória
Vença ou iguale os grandes já passados.
As invejas da ilustre e alheia história
Fazem mil vezes feitos sublimados.

Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita.

V, 93 (Rosário Ferreira)

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Aquiles, Alexandro, na peleja,
Quanto de quem o canta os numerosos
Versos: isso só louva, isso deseja.
Os troféus de Melcíades, famosos,
Temístocles despertam só de inveja;
E diz que nada tanto o deleitava
Como a voz que seus feitos celebrava.

V, 94 (Rosário Ferreira)

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegações que o mundo canta
Não merecem tamanha glória e fama
Como a sua, que o céu e a terra espanta.
Si; mas aquele Herói que estima e ama
Com dões, mercês,. favores e honra tanta
A lira Mantuana, faz que soe
Eneias, e a Romana glória voe.

V, 95 (Rosário Ferreira)

Dá a terra lusitana Cipões,
Césares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas não lhe dá contudo aqueles dões
Cuja falta os faz duros e robustos.
Octávio, entre as maiores opressões,
Compunha versos doutos e venustos
(Não dirá Fúlvia, certo, que é mentira,
Quando a deixava António por Glafira).

V, 96 (Rosário Ferreira)

Vai César sojogando toda França
E as armas não lhe impedem a ciência;
Mas, numa mão a pena e noutra a lança,
Igualava de Cícero a eloquência.
O que de Cipião se sabe e alcança
É nas comédias grande experiência.
Lia Alexandre a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe à cabeceira.

V, 97 (Rosário Ferreira)

Enfim, não houve forte capitão
Que não fosse também donto e ciente,
Da Lácia, Grega ou Bárbara nação,
Senão da Portuguesa tão somente.
Sem vergonha o não digo: que a razão
De algum não ser por versos excelente,
É não se ver prezado o verso e rima,
Porque, quem não sabe arte, não na estima.

V, 98 (Rosário Ferreira)

Por isso, e não por falta de natura,
Não há também Virgílios nem Homeros;
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneias nem Aquiles feros.
Mas o pior de tudo é que a ventura
Tão áspberos os fez e tão austeros,
Tão rudos e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco ou nada disso.

V, 99 (Rosário Ferreira)

Às Musas agradeça o nosso Gama
O Muito amor da Pátria, que as obriga
A dar aos seus, na lira, nome e fama
De toda a ilustre e bélica fadiga;
Que ele, nem quem na estirpe seu se chama,
Calíope não tem por tão amiga
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As telas douro fino e que o cantassem.

V, 100 (Rosário Ferreira)

Porque o amor fraterno e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, é somente o pressuposto
Das Tágides gentis, e seu respeito.
Porém não deixe, enfim, de ter disposto
Ninguém a grandes obras sempre o peito:
Que, por esta ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço e sua valia.

CANTO SEXTO

VI, 1 (María Colom)

Não sabia em que modo festejasse
O Rei Pagão os fortes navegantes,
Para que as amizades alcançasse
Do Rei Cristão, das gentes tão possantes;
Pesa-lhe que tão longe o apousentasse
Das Europeias terras abundantes
A ventura, que não no fez vizinho

Donde Hércules ao mar abriu caminho.

VI, 2 (María Colom)

Com jogos, danças e outras alegrias,
A segundo a polícia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia António alegra e engana,
Este famoso Rei, todos os dias
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com frutas, aves, carnes e pescados.

VI, 3 (María Colom)

Mas vendo o Capitão que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O convida que parta e tome asinha
Os pilotos da terra e mantimento
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento;
Já do Pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

VI, 4 (María Colom)

Pede-lhe mais que aquele porto seja
Sempre com suas frotas visitado,
Que nenhum outro bem maior deseja,
Que dar a tais barões seu reino e estado;
E que, enquanto seu corpo o espírito reja,
Estará de contíno aparelhado
A pôr a vida e reino totalmente
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

VI, 5 (María Colom)

Outras palavras tais lhe respondia
O Capitão, e logo, as velas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo há já que vai buscando.

No piloto que leva não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa; e assim caminha
Já mais seguro do que dantes vinha.

VI, 6 (María Colom)

As ondas navegavam do Oriente,
Já nos mares da Índia, e enxergavam
Os tálamos do Sol, que nasce ardente;
Já quase seus desejos se acabavam.
Mas o mau de Tioneu, que na alma sente
As venturas, que então se aparelhavam
A gente Lusitana, delas dina,
Arde, morre, blasfema e desatina.

VI, 7 (María Colom)

Via estar todo o Céu determinado
De fazer de Lisboa nova Roma;
Não no pode estorvar, que destinado
Está doutro poder que tudo doma.
Do Olimpo desce enfim desesperado;
Novo remédio em terra busca e toma:
Entra no húmido reino e vai-se à corte
Daquele a quem o mar caiu em sorte.

VI, 8 (María Colom)

No mais interno fundo das profundas

Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas saem furibundas
Quando às iras do vento o mar responde,
Neptuno mora e moram as jocundas
Nereidas e outros Deuses do mar, onde
As águas campo deixam às cidades,
Que habitam estas húmidas deidades.

VI, 9 (Aude Plagnard)

Descobre o fundo nunca descoberto
As areias ali de prata fina;
Torres altas se vêem, no campo aberto,
Da transparente massa cristalina;
Quanto se chegam mais os olhos perto
Tanto menos a vista determina
Se é cristal o que vê, se diamante,
Que assim se mostra claro e radiante.

VI, 10 (Aude Plagnard)

As portas douro fino, e marchetadas
Do rico aljôfar que nas conchas nace,
De escultura formosa estão lavradas,
Na qual o irado Baco a vista pace;
E vê primeiro, em cores variadas,
Do velho Caos a tão confusa face;
Vêem-se os quatro elementos trasladados
Em diversos ofícios ocupados.

VI, 11 (Aude Plagnard)

Ali, sublime, o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma matéria se sustinha;
Daqui as coisas vivas sempre anima,

Depois que Prometeu furtado o tinha.
Logo após ele, leve se sublima
O invisível Ar, que mais asinha
Tomou lugar e, nem por quente ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

VI, 12 (Aude Plagnard)

Estava a terra em montes, revestida
De verdes ervas e árvores floridas,
Dando pasto diverso e dando vida
Às alimárias nela produzidas.
A clara forma ali estava esculpida
Das águas, entre a terra desparzidas,
De pescados criando vários modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

VI, 13 (Aude Plagnard)

Noura parte, esculpida estava a guerra
Que tiveram os Deuses cos Gigantes;
Está Tifeu debaixo da alta serra
De Etna, que as flamas lança crepitantes.
Esculpido sevê, ferindo a Terra,
Neptuno, quando as gentes, ignorantes,
Dele o cavalo houveram, e a primeira
De Minerva pacífica oliveira.

VI, 14 (Aude Plagnard)

Pouca tardança faz Lieu irado
Na vista destas coisas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que, avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando,
Às portas o recebe, acompanhado

Das Ninfas, que se estão maravilhando
De ver que, cometendo tal caminho,
Entre no reino d'água o Rei do vinho.

VI, 15 (Aude Plagnard)

«Ó Neptuno –lhe disse-, não te espantes
De Baco nos teus reinos receberes,
Porque também cos grandes e possantes
Mostra a Fortuna injusta seus poderes.
Manda chamar os Deuses do mar, antes
Que fale mais, se ouvir-me o mais quiseres;
Verão da desventura grandes modos:
Ouçam todos o mal que toca a todos».

VI, 16 (Aude Plagnard)

Julgando já Neptuno que seria
Estranho caso aquele, logo manda
Tritão, que chame os Deuses da água fria,
Que o mar habitam duma e doutra banda.
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rei e de Salácia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai, e seu correio.

VI, 17 (Pedro Álvarez-Cifuentes)

Os cabelos da barba, e os que descem
Da cabeça nos ombros, todos eram
Uns limos prenhes d'água, e bem parecem
Que nunca brando pêntem conheceram;
Nas pontas pendurados não falecem
Os negros mexilhões, que ali se geram,
Na cabeça, por gorra, tinha posta

Uma muito grande casca de lagosta.

VI, 18 (Pedro Alvarez-Cifuentes)

O corpo nu, e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porém de pequenos animais
Do mar todos cobertos, cento e cento:
Camarões e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Febe crescimento;
Ostras e birbigões, do musgo sujos,
Às costas coa casca os caramujos.

VI, 19 (Pedro Alvarez-Cifuentes)

Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com força já tocava;
A voz grande, canora, foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia, apercebida,
Dos Deuses para os paços caminhava
Do Deus que fez os muros de Dardânia,
Destruídos depois da Grega insânia.

VI, 20 (Pedro Alvarez-Cifuentes)

Vinha o padre Oceano, acompanhado
Dos filhos e das filhas que gerara;
Vem Nereu, que com Dóris foi casado,
Que todo o mar de Ninfas povoara;
O profeta Proteu, deixando o gado
Marítimo pascer pela água amara,
Ali veio também, mas já sabia
O que o padre Lieu no mar queria.

VI, 21 (Pedro Álvarez-Cifuentes)

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo e Vesta filha,
Grave e leda no gesto, e tão formosa
Que se amansava o mar, de maravilha.

Vestida uma camisa preciosa
Trazia, de delgada beatilha,
Que o corpo cristalino deixa ver-se,
Que tanto bem não é para esconder-se.

VI, 22 (Pedro Álvarez-Cifuentes)

Anfítrite, formosa como as flores,
Neste caso não quis que falecesse;
O Delfim traz consigo que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse.
Cos olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse.
Ambas vêm pela mão, igual partido,
Pois ambas são esposas dum marido.

VI, 23 (Pedro Álvarez-Cifuentes)

Aquela que, das fúrias de Atamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Consigo traz o filho, belo Infante,
No número dos Deuses relatado.
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria, e às vezes pela areia
No colo o toma a bela Panopeia.

VI, 24 (Pedro Álvarez-Cifuentes)

E o Deus que foi num tempo corpo humano,

E por virtude da erva poderosa
Foi convertido em peixe, e deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feio engano
Que Circes tinha usado com a formosa
Scila, que ele ama, desta sendo amado,
Que a mais obriga amor mal empregado.

VI, 25 (Fernanda Mendes)

Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal,
As Deusas em riquíssimos estrados,
Os Deuses em cadeiras de cristal,
Foram todos do Padre agasalhados,
Que co Tebano tinha assento igual;
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nasce e Arábia em cheiro passa.

VI, 26 (Fernanda Mendes)

Estando sossegado já o tumulto
Dos Deuses e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito oculto
A causa o Tíoneu de seus tormentos;
Um pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Co ferro alheio, fala desta sorte:

VI, 27 (Fernanda Mendes)

«Príncipe, que de juro senhoreias,
Dum Pólo ao outro Pólo, o mar irado,
Tu, que as gentes da terra toda enfreias,

Que não passem o termo limitado;
E tu, padre Oceano, que rodeias
O Mundo universal e o tens cercado,
E com justo decreto assim permites
Que dentro vivam só de seus limites;

VI, 28 (Fernanda Mendes)

E vós, Deuses do mar, que não sofreis
Injúria alguma em vosso reino grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer que por ele corra e ande:
Que descuido foi este em que viveis?
Quem pode ser que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos, fracos e atrevidos?

VI, 29 (Fernanda Mendes)

»Vistes que com grandíssima ousadia
Foram já cometer o Céu supremo;
Vistes aquela insana fantasia
De tentarem o mar com vela e remo;
Vistes, e ainda vemos cada dia,
Soberbas e insolências tais, que temo
Que do mar e do Céu em poucos anos,
Venham Deuses a ser, e nós, humanos.

VI, 30 (Fernanda Mendes)

»Vedes agora a fraca geração
Que dum vassalo meu o nome toma,
Com soberbo e altivo coração
A vós e a mi e o mundo todo doma;
Vedes, o vosso mar cortando vão,

Mais do que fez a gente alta de Roma;
Vedes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.

VI, 31 (Fernanda Mendes)

»Eu vi que contra os Mínias, que primeiro
No vosso reino este caminho abriram,
Bóreas, injuriado, e o companheiro
Áquilo e os outros todos resistiram.
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injúria assim sentiram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? Porque a pondes em tardança?

VI, 32 (Pedro Monteiro)

»E não consinto, Deuses, que cuideis
Que por amor de vós do céu descí,
Nem da mágoa da injúria que sofreis,
Mas da que se me faz também a mi;
Que aquelas grandes honras que sabeis
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

VI, 33 (Pedro Monteiro)

»Que o grão Senhor e Fados que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas, mores que nunca, determinam
De dar a estes barões no mar profundo.
Aqui vereis, ó Deuses, como ensinam
O mal também a Deuses; que, a segundo
Sevê, ninguém já tem menos valia

Que quem com mais razão valer devia.

VI, 34 (Pedro Monteiro)

»E por isso do Olimpo já fugi,
Buscando algum remédio a meus pesares,
Por ver o preço que no Céu perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares».«
Mais quis dizer, e não passou daqui,
Porque as lágrimas já, correndo a pares,
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se acendem as Deidades d'água em fogo.

VI, 35 (Pedro Monteiro)

A ira com que súbito alterado
O coração dos Deuses foi num ponto,
Não sofreu mais conselho bem cuidado,
Nem dilacão, nem outro algum desconto.
Ao grande Eolo mandam já recado,
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as fúrias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes!

VI, 36 (Pedro Monteiro)

Bem quisera primeiro ali Proteu
Dizer, neste negócio, o que sentia;
E segundo o que a todos pareceu,
Era alguma profunda profecia.
Porém tanto o tumulto se moveu,
Súbito, na divina companhia,
Que Tétis, indignada, lhe bradou:
«Neptuno sabe bem o que mandou!».

VI, 37 (Pedro Monteiro)

Já lá o soberbo Hipótades soltava
Do cárcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os varões audazes e animosos.
Súbito o céu sereno se obumbrava,
Que os ventos, mais que nunca impetuosos,
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes e casas derribando.

VI, 38 (Pedro Monteiro)

Enquanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda, lassa frota
Com vento sossegado prosseguia,
Pelo tranquilo mar, a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eóo Hemisfério está remota;
Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam.

VI, 39 (Federica Zoppi)

De su escaso dormir no bien despiertos,
Bostezando a menudo, se tendían
Por las entenas todos, mal cubiertos
Contra los finos aires que corrían;
Y los ojos, no a gusto suyo abiertos,
Frotándose, los miembros extendían.
Contra el sueño buscar remedio quieren,
Historias cuentan, casos mil refieren.

VI, 40 (Federica Zoppi)

«¿Con qué mejor vencer (uno decía)

Podemos este sueño tan pesado,
Que con oír un cuento de alegría
Que nos alivie del velar cansado?».

Y responde Leonardo, que traía
Pensamientos de firme enamorado:
«¿Pues qué cuentos podréis oír mejores,
Para pasar el tiempo, que de amores?».

VI, 41 (Federica Zoppi)

Velloso replicó: «No es cosa justa
De blanduras tratar entre durezas;
Pues del mar la fatiga más que adusta
Repele amores dulces y ternezas;
Que de guerra mejor dura y robusta
Sea la historia aquí, pues de asperezas
Nuestra vida ha de ser, según entiendo,
Que rudo porvenir me está advirtiendo.»

VI, 42 (Federica Zoppi)

Consienten todos, y que diga quieren
Velloso, cual propuso, alguna cosa.
Y él dice: «La diré, sin que pudieren
Tacharme de que es nueva o fabulosa;
Y por que aprendan hoy, los que me oyeren,
Una hazaña a acabar grande y famosa,
De fuertes contaré de nuestra tierra,
Y estos sean los Doce de Inglaterra.

VI, 43 (Federica Zoppi)

«En tiempo que del reino el cetro leve,
Don Juan, hijo de Pedro, moderaba,
Cuando tranquilo y libre ya se mueve

Del vecino poder que lo inquietaba,
Allá en la gran Britania, que de nieve
Siempre abunda Boreal, dura sembraba
 La fiera Ericnis pérfida cizaña,
Si en pro de nuestra gente Lusitana.

VI, 44 (Federica Zoppi)

«Entre las bellas de la corte inglesa
 Y nobles cortesanos, cierto día
Se levantó discordia en ira incesa,
 Por causa de opinión o de porfía.
Los de la corte, a quien tan poco pesa
 Soltar graves palabras de osadía,
Dicen que probarán que honras y famas
 En tales damas no hay para ser damas.

VI, 45 (Federica Zoppi)

«Y que si hubiese quien guerrero el paso
 Quisiere sustentar, que presto acuda,
Que ellos, en estacada o campo raso,
 Le darán vituperio o muerte cruda.
 La femenil flaqueza, para caso
De tanta injuria viéndose desnuda
De fuerzas propias a marcial refriega,
 Socorro a amigos y a parientes ruega.

VI, 46 (Federica Zoppi)

«Mas como sean altos y pujantes
En el reino los otros, no se atreven
 Ni parientes ni férvidos amantes
a defender las damas como deben.
 Con lágrimas hermosas y abundantes,

Que en su favor hasta a los cielos mueven,
Por sus rostros corriendo de alabastro,
Vanse todas al Duque de Alencastro.

VI, 47 (Isabel Almeida)

»Era este Inglês potente e militara
Cos Portugueses já contra Castela,
Onde as forças magnâimas provara
Dos companheiros, e benigna estrela;
Não menos nesta terra experimentara
Namorados afeitos, quando nela
A filha viu, que tinto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma.

VI, 48 (Isabel Almeida)

»Este, que socorrer-lhe não queria
Por não causar discórdias intestinas,
Lhe diz: -«Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor e partes tão divinas,
Que eles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

VI, 49 (Isabel Almeida)

»E se, agravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que, por cartas discretas e polidas,
De vosso agravo os façam sabedores.
Também, por vossa parte, encarecidas
Com palavras de afagos e de amores
Lhe sejam vossas lágrimas, que eu creio

Que ali tereis socorro e forte esteio-».

VI, 50 (Isabel Almeida)

»Destarte as aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomeia doze fortes;
E por que cada dama um tenha certo,
Lhe manda que sobre eles lancem sortes,
Que elas só doze são; e descoberto
Qual a qual tem caído das consortes,
Cada uma escreve ao seu por vários modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

VI, 51 (Isabel Almeida)

»Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a corte alvoroça a novidade;
Quisera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lho sofre a Régia Majestade.
Qualquer dos cortesãos aventureiro
Deseja ser, com férvida vontade,
E só fica por bem-aventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.

VI, 52 (Isabel Almeida)

»Lá na leal Cidade, donde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze, em tempo breve,
De armas e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras e primores,
Cavalos e concertos de mil cores.

VI, 53 (Isabel Almeida)

»Já do seu Rei tomado têm licença
Para partir do Douro celebrado,
Aqueles que escolhidos por sentença
Foram do Duque Inglês experimentado.

Não há na companhia diferença
De cavaleiro destro ou esforçado;
Mas um só, que Magriço se dizia,
Destarte fala à forte companhia:

VI, 54 (Ana Isabel López-Salazar)

- «Fortíssimos consócios, eu desejo
Há muito já de andar terras estranhas,
Por ver mais águas que as do Douro e Tejo,
Várias gentes e leis e várias manhas.
Agora que aparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as coisas são tamanhas)
Quero, se me deixais, ir só por terra,
Porque eu serei convosco em Inglaterra.

VI, 55 (Ana Isabel López-Salazar)

»E quando caso for que eu, impedido
Por quem das cousas é última linha,
Não for convosco ao prazo instituído,
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por mim fareis o que é devido.
Mas, se a verdade o espírito me adivinha,
Rios, montes, Fortuna ou sua inveja
Não farão que eu convosco lá não seja-».

VI, 56 (Ana Isabel López-Salazar)

»Assim diz e, abraçados os amigos,

E tomada licença, enfim se parte.
Passa Lião, Castela, vendo antigos
Lugares que ganhara o pátrio Marte;
Navarra, cos altíssimos perigos
Do Perineu, que Espanha e Gália parte;
Vistas, enfim, de França as coisas grandes,
No grande empório foi parar de Frandes.

VI, 57 (Ana Isabel López-Salazar)

»Ali chegado, ou fosse caso ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias.
Mas dos onze a ilustríssima companha
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra à costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias.
Do Duque são com festa agasalhados,
E das damas servidos e animados.

VI, 58 (Ana Isabel López-Salazar)

»Chega-se o prazo e dia assinalado
De entrar em campo já cos doze Ingleses,
Que pelo Rei já tinham segurado;
Armam-se de elmos, grevas e de arneses.
Já as damas têm por si, fulgente e armado,
O Mavorte feroz dos Portugueses;
Vestem-se elas de cores e de sedas,
De ouro e de jóias mil, ricas e ledas.

VI, 59 (Ana Isabel López-Salazar)

»Mas aquela a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado

Seja seu cavaleiro nesta empresa;
Bem que os onze apregoam que acabado
Será o negócio assim na corte Inglesa,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Posto que dous e três dos seus faleçam.

VI, 60 (Ana Isabel López-Salazar)

»Já num sublime e púbrico teatro
Se assenta o Rei Inglês com toda a corte;
Estavam três e três e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Battro,
De força, esforço e de ânimo mais forte,
Outros doze sair, como os Ingleses,
No campo, contra os onze Portugueses.

VI, 61 (Camila Usta)

«Mastican los caballos espumando
Los áureos frenos, con feroz talante;
En las armas el sol está brillando,
Como en cristal o rígido diamante;
Y movíase entre uno y otro bando
Ruido sobre el partido disonante
De ir doce a once allí, cuando la gente
A agitarse comienza alegremente.

VI, 62 (Camila Usta)

«Vuelven todos el rostro dó se oía
La causa principal del rebullicio;
Y ven a un caballero, que traía
Armas, caballo y bélico servicio.
Al Rey y damas habla, y compañía

A los once va a hacer, que era Magrício;
Y abraza a los amigos, pues su oferta
Que de cumplir había, es cosa cierta.

VI, 63 (Camila Usta)

«La dama en cuanto oyó que es el que suele,
Viniendo a defender su nombre y fama,
Se alegra y viste con la piel del Hele,
Que el vulgo más que las virtudes ama.
Ya el eco dando, la trompeta impele
Los belicosos ánimos que inflama;
espuelas pican, sueltan riendas luego,
Bajan lanzas, la tierra escupe fuego.

VI, 64 (Camila Usta)

«Al pisar de los brutos, que se abaja
Dirás el suelo, y que a tus plantas muge;
El corazón en lo interior trabaja
De gozo y de temor al vivo empuje.
Ya el eco dando, la trompeta impele
los belicosos ánimos que inflama;
Espuelas pican, sueltan riendas luego,
Bajan lanzas, la tierra escupe fuego.

VI, 65 (Camila Usta)

«De allí alguno sacó perpetuo sueño
Y un instante bastó para acaballo;
De una parte un corcel corre, sin dueño,
Y de otra parte, el dueño sin caballo.
Cae la soberbia inglesa de su empeño,
Que a dos o tres ya alcanza el triste tallo;
Y aquellos que han buscado el trance rudo

Hallaron, más que arnés, malla y escudo.

VI, 66 (Camila Usta)

«Gastar palabras en contar extremos
De fieros golpes, crudas estocadas,
Es de esos que del tiempo conocemos
Gastadores, en fábulas soñadas.
Basta, por fin, del caso que expliquemos
Que con proezas grandes y variadas,
Quedó por nós la palma y la victoria,
Y triunfantes las damas, y con gloria.

VI, 67 (Camila Usta)

«Junta el Duque a los doce vencedores
En sus salas, con fiestas y alegría:
Cocineros emplea y cazadores,
De las damas la hermosa compañía,
Para dar a sus nobles salvadores
Banquetes mil, cada hora, y cada día,
Mientras parar los doce en Inglaterra
Puedan, ausentes de su dulce tierra.

VI, 68 (José Manuel Correoso)

«Mas dicen que con todo el buen Magricio,
Codicioso de ver las cosas grandes,
Apartóse y fue a dar donde un servicio
Notable a la Condesa hizo de Flandes;
Y como quien no es ya ningún novicio,
Mavorte, en todo asunto en que tú mandes,
Mató en campo un francés, que en mal destino
Tuvo allí de Torcuato y de Corvino.

VI, 69 (José Manuel Correoso)

«De los doce también en Alemaña
Uno tuvo furioso desafío,
Con un germano astuto, que con maña
Quiso burlar su honor, con fraude impío.»
Esto cuenta Velloso; y la compaña
Le pide que no deje en tal desvío
A Magricio y Condesa, ni tampoco
Al que venció al Germano estime en poco.

VI, 70 (José Manuel Correoso)

Mas cuando están la historia ya aguardando,
Vea aquí que el Mestre, que en sus artes anda,
Toca el pito; y se agitan despertando
Los marinos de la una y la otra banda;
Y porque viene el viento refrescando,
Los rizos de la gavia coger manda;
Y dice: «Alerta estad, que el viento crece
De aquella negra nube que aparece.»

VI, 71 (José Manuel Correoso)

Y los rizos no bien toman veloces,
Cuando estalla la súbita procela:
«¡Amaina (dice el Mestre a grandes voces)
Amaina (grita) amaina la gran vela!»
Mas no esperan que amainen los feroces
Vientos, que ya la lona rota vuela,
Convertida en pedazos, con tal ruido,
Que parece que el mundo es destruido.

VI, 72 (José Manuel Correoso)

Álzase aquí la grita de la gente,

Del súbito temor el alma yerta,
Que la vela al volar, la nao pendiente
Dejó, y de mar henchida la cubierta.
«¡Alija (gritó el Mestre rudamente:),
Alija todo al mar, orden y alerta!
!A la bomba den unos, no parando;
Apretad, que nos vamos anegando!»

VI, 73 (José Manuel Correoso)

Y corren los soldados animosos,
Dando a la bomba, mas su ardor contrastan
De la mar los balances temerosos,
Que contra el bordo opuesto los aplastan.
Tres marinos, de bríos poderosos,
A manejar la caña ya no bastan;
Trabas la ponen de una y otra parte,
Sin que de hombres alcance fuerza y arte.

VI, 74 (José Manuel Correoso)

Tales los vientos son, que no pudieran
Mostrar más fuerza de ímpetus crueles,
Si a la sazón que derribar tuvieran
Dos torres de fortísimas Babeles.
En los mares, que altísimos crecieran,
El pequeño grandor de unos bateles
Muestran las grandes naos, y da espanto
De ver cómo en las olas duran tanto.

VI, 75 (María Luisa Guerrero)

La mayor en que está Pablo de Gama,
Roto el palo maestro, va contino
El mar tragando ya; la gente clama

a Aquel que a nos salvar a todos vino.
No menos gritos de doquier derrama
 La nave de Coello, ya sin tino,
Con quien el Mestre tuvo tanto tiento,
Que antes amaina que estallara el viento.

VI, 76 (María Luisa Guerrero)

Ora junto a las nubes los subían
Las ondas de Neptuno furibundo;
 Ora a tocar dirás que descendían
Las íntimas entrañas del profundo.
Noto, Austro, Bóreas y Aquilón querían
Fieros romper la máquina del mundo;
 La noche oscura y fea se alumbraba
De rayos con que el polo se inflamaba.

VI, 77 (María Luisa Guerrero)

Las aves de Alción su triste canto
Junto a las bravas costas despidieron,
 Al recordar aquel pasado llanto,
Que las aguas furiosas les trajeron.
 Los delfines amantes entre tanto
En las cuevas marítimas se hundieron,
De la borrasca huyendo, y vientos duros,
 Que ni allí les permite estar seguros.

VI, 78 (María Luisa Guerrero)

Nunca tan vivos rayos fabricara
Contra el ciego furor de los gigantes
 El que del entenado bien forjara,
Gran herrero, las armas rutilantes,
 Ni tantas el gran Júpiter lanzara

a la tierra centellas fulminantes,
En el diluvio que tan solo huyeron
Los que en gente las piedras convirtieron.

VI, 79 (María Luisa Guerrero)

¡Cuántos montes entonces derribaron
Las ondas que batían denodadas!
¡Cuántos árboles viejos arrancaron
De los vientos las furias desatadas!
Las violadas raíces no pensaron
Que fuesen nunca al cielo reviradas,
Ni las hondas arenas que pudiese
Tanto el mar, que sobre él las revolviese.

VI, 80 (María Luisa Guerrero)

Vasco de Gama, al ver que tan de cierto
El fin de su deseo se perdía,
Viendo el mar, ora hasta el infierno abierto,
Ora que hasta los cielos se subía,
Confuso de temor, de vida incierto,
Pues que ningún remedio le valía,
A aquel remedio acude venerando,
Que puede lo imposible, así exclamando:

VI, 81 (María Luisa Guerrero)

«¡Oh celestial Autor de cuanto existe,
Que mar, y tierra, y cielo, señoreas!
Tú, que a todo Israel refugio diste
Por mitad de las aguas Eritreas;
Tú, que a Pablo libraste y defendiste
De sirtes arenosas y ondas feas,
Y con su grey guardaste a aquel segundo

Poblador de anegado y vacuo mundo:

VI, 82 (María Luisa Guerrero)

«Si tengo muchos trances peligrosos
De Caribdis y Escilas ya pasados,
De otras Sirtes y bajos arenosos,
De otros Aeroceraunios dominados,
Al fin de tantos riesgos trabajosos,
¿Por qué somos de Tí desamparados,
Cuando esta empresa nuestra no te ofende,
Sino que solo a tu servicio tiende?

VI, 83 (Juan Varela-Portas)

»Ó ditosos aqueles que puderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, enquanto fortes sostiveram
A santa Fé nas terras Mauritanas;
De quem feitos ilustres se souberam,
De quem ficam memórias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdê-la,
Doce fazendo a morte as honras dela!».

VI, 84 (Juan Varela-Portas)

Assim dizendo, os ventos que lutavam
Como touros indómitos bramando,
Mais e mais a tormenta acrescentavam,
Pela miúda enxárcia assoviando.
Relâmpados medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vêm representando
Cair o céu dos eixos sobre a Terra,
Consigo os Elementos terem guerra.

VI, 85 (Juan Varela-Portas)

Mas já a amorosa estrela cintilava
Diante do Sol claro, no Horizonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra e o largo mar, com leda fronte.
A deusa que nos céus a governava,
De quem foge o ensífero Orionte,
Tanto que o mar e a cara armada vira,
Tocada junto foi de medo e de ira.

VI, 86 (Juan Varela-Portas)

«Estas obras de Baco são, por certo,
(Disse), mas não será que avante leve
Tão danada tenção, que descoberto
Me será sempre o mil a que se atreve».
Isto dizendo, desce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Enquanto manda as Ninfas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

VI, 87 (Juan Varela-Portas)

Grinaldas manda pôr de várias cores
Sobre cabelos louros a porfia.
Quem não dirá que nascem roxas flores
Sobre ouro natural, que Amor enfia?
Abrandar determina, por amores,
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas Ninfas belas,
Que mais formosas vinham que as estrelas.

VI, 88 (Juan Varela-Portas)

Assim foi; porque, tanto que chegaram

À vista delas, logo lhe falecem
As forças com que dantes pelejaram,
E já como rendidos lhe obedecem.
Os pés e mãos parece que lhe ataram
Os cabelos que os raios escurecem.
A Bóreas, que do peito mais queria,
Assim disse a belíssima Oritia:

VI, 89 (Juan Varela-Portas)

«Não creias, fero Bóreas, que te creio
Que me tiveste nunca amor constante,
Que brandura é de amor mais certo arreio,
E não convém furor a firme amante.
Se já não pões a tanta insânia freio,
Não esperes de mi, daqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te;
Que amor, contigo, em medo se converte».

VI, 90 (Juan Varela-Portas)

Assim mesmo a formosa Galateia
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias há que em vê-la se recreia,
E bem crê que com ele tudo acabe.
Não sabe o bravo tanto bem se o creia,
Que o coração no peito lhe não cabe;
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz, se logo abranda.

VI, 91 (Alba Diz)

De igual arte las otras amansaban
De súbito a los otros amadores;
Y a Venus bella luego se entregaban,

Amansados la fuerza y los furores;
Y ella les prometió, viendo que amaban,
Sempiterno favor en sus amores;
Y en sus manos de rosa el homenaje
Toma de su lealtad en aquel viaje.

VI, 92 (Alba Diz)

Ya daba el alba clara en los oteros
Que fertiliza el Ganges y el sol dora,
Cuando desde el gavión los marineros
Divisaron la tierra por prora.
Pasados la borrasca y mares fieros,
Ya ningún miedo el pecho les azora;
Y alegre dice el nauta Melindaño:
«Tierra de Calecut, si no me engaño.»

VI, 93 (Alba Diz)

«Esa tierra que allí la atención llama
Es la que vuestro afán tanto apetece;
Y si del mundo más ya no reclama,
Vuestro largo trabajo aquí fenece.»
No puede entonces contenerse Gama
De gozo, en ver que la India le aparece;
Y altos los brazos y la vista al suelo,
Favor tan alto lo agradece al cielo.

VI, 94 (Alba Diz)

Daba a Dios gracias, y razón tenía,
Que no solo la tierra le mostraba
Que buscado con tanto riesgo había,
Por quien trabajos tantos afrontaba;
Sino que libertado se veía

De muerte, con que el mar le amenazaba
De los vientos alzado el duro empeño,
Como quien despertó de horrible sueño.

VI, 95 (Alba Diz)

Por medio de estos hórridos castigos,
De estos graves trabajos y temores,
Alcanzan los que son de fama amigos,
Las honras inmortales y mayores;
No cobijados siempre en los antigos
Troncos de sus insignes genitores;
No en los dorados lechos, ni entre finas,
De Moscovia, cubiertas cibelinas;

VI, 96 (Alba Diz)

No con manjares nuevos y exquisitos,
No con paseos plácidos y ociosos,
No con varios deleites infinitos
Que afeminan los pechos generosos,
No con nunca vencidos apetitos
Que la fortuna tiene, tan mimosos,
Cuerpo vil, que no dejan que te mudes
Para ocasión ninguna de virtudes;

VI, 97 (Alba Diz)

Sino con aspirar con fuerte brazo
A honor, del propio honor con las ayudas,
Vistiendo el duro arnés sin embarazo,
Sufriendo tempestades y ondas crudas,
Venciendo yerto frío, en el regazo
De regiones de abrigo y sol desnudas,
Tragando el alimento ya podrido,

Con el tormento y el dolor cocido;

VI, 98 (Alba Diz)

Y el corazón forzando, que se enfriá,
A esperar bien seguro, alegre, entero,
El globo que encendió la saña impía,
Y lleva pierna o brazo al compañero.
De ese arte el pecho humano callo cría,
Despreciador de rango y de dinero,
De dinero y favor que la ventura
Forjó, que no virtud costosa y dura.

VI, 99 (Alba Diz)

De ese arte se esclarece el pensamiento,
Que hacen las experiencias contenido;
Y ve de allí, como desde alto asiento,
El bajo trato humano retorcido.
El que obre así, con alto y recto intento,
Y no de otros afectos poseído,
Subirá (como debe) a excelso mando,
Contra su voluntad, y no rogando.

CANTO SÉTIMO

VII, 1 (Óliver Brack)

Já se viam chegados junto à terra
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Índicas se encerra
E o Ganges, que no céu terreno mora.

Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante!

VII, 2 (Óliver Brack)

A vós, ó geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo,
Não digo ainda no mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o céu rotundo;
Vós, a quem não somente algum perigo
Estorva conquistar o povo imundo,
Mas nem cobiça ou pouca obediência
Da Madre que nos céus está em essência;

VII, 3 (Óliver Brack)

Vós, Portugueses, poucos quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais;
Vós, que à custa de vossas várias mortes
A lei da vida eterna dilatais:
Assim do céu deitadas são as sortes
Que vós, por muito poucos que sejais,
Muito façais na santa Cristandade.
Que tanto, ó Cristo, exaltas a humildade!

VII, 4 (Óliver Brack)

Vede-los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apacenta;
Do sucessor de Pedro rebelado,
Novo pastor e nova seita inventa;
Vede-lo em feias guerras ocupado,
Que ainda co cego error se não contenta,

Não contra o superbíssimo Otomano,
Mas por sair do jugo soberano.

VII, 5 (Óliver Brack)

Vede-lo duro Inglês, que se nomeia
Rei da velha e santíssima cidade,
Que o torpe Ismaelita senhoreia
(Quem viu honra tão longe da verdade?),
Entre as Boreais neves se recreia,
Nova maneira faz de Cristandade:
Para os de Cristo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.

VII, 6 (Óliver Brack)

Guarda-lhe, por entanto, um falso Rei
A cidade Hierosólima terreste,
Enquanto ele não guarda a santa lei
Da cidade Hierosólima celeste.
Pois de ti, Galo indigno, que direi?
Que o nome «Cristianíssimo» quiseste,
Não para defendê-lo nem guardá-lo,
Mas para ser contra ele e derrubá-lo!

VII, 7 (Óliver Brack)

Achas que tens direito em senhorios
De Cristãos, sendo o teu tão largo e tanto,
E não contra o Cinígio e Nilo rios,
Inimigos do antigo nome santo?
Ali se hão de provar da espada os fios
Em quem quer reprovar da Igreja o canto.
De Carlos, de Luís, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

VII, 8 (Oliver Brack)

Pois que direi daqueles que em delícias,
Que o vil ócio no mundo traz consigo,
Gastam as vidas, logram as divícias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nascem da tirania inimicícias,
Que o povo forte tem de si inimigo:
Contigo, Itália, falo, já submersa
Em Vícios mil, e de ti mesma adversa.

VII, 9 (Rafaela Silva)

Ó míseros Cristãos, pela ventura
Sois os dentes, de Cadmo desparzidos,
Que uns aos outros se dão à morte dura,
Sendo todos de um ventre produzidos?
Não vedes a divina Sepultura
Possuída de Cães, que, sempre unidos,
Vos vêm tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

VII, 10 (Rafaela Silva)

Vedes que têm por uso e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem o exército inquieto
Contra os povos que são de Cristo amantes;
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De samear cizâncias repugnantes.
Olhai se estais seguros de perigos,
Que eles, e vós, sois vossos inimigos.

VII, 11 (Rafaela Silva)

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheias,
Não vedes que Pactolo e Hermo rios
 Ambos volvem auríferas areias?
Em Lídia, Assíria, lavram de ouro os fios;
 África esconde em si luzentes veias;
 Mova-vos já, sequer, riqueza tanta,
Pois mover-vos não pode a Casa Santa.

VII, 12 (Rafaela Silva)

Aquelas invenções feras e novas
De instrumentos mortais da artilharia,
 Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Bizâncio e de Turquia.
 Fazei que torne lá às silvestres covas
Dos Cáspios montes, e da Cítia fria
 A Turca geração, que multiplica
Na polícia da vossa Europa rica.

VII, 13 (Rafaela Silva)

Gregos, Traces, Arménios, Georgianos,
Bradando vos estão que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
 Preceptos do Alcorão (duro tributo!).
 Em castigar os feitos inumanos
Vos gloriai de peito forte e astuto,
 E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos muito possantes.

VII, 14 (Rafaela Silva)

Mas, entanto que cegos o sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,

Não faltarão Cristãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana:
De África tem marítimos assentos;
É na Ásia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E, se mais mundo houvera, lá chegara.

VII, 15 (Rafaela Silva)

E vejamos, entanto, que acontece
Àqueles tão famosos navegantes,
Depois que a branda Vénus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes;
Depois que a larga terra lhe aparece,
Fim de suas porfias tão constantes,
Onde vem samear de Cristo a lei
E dar novo costume e novo Rei.

VII, 16 (Rafaela Silva)

Tanto que à nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecu, onde eram moradores.
Para lá logo as proas se inclinaram,
Porque esta era a cidade, das melhores
Do Malabar, melhor, onde vivia
O Rei que a terra toda possuía.

VII, 17 (Marta López Vilar)

Além do Indo jaz e aquém do Gange
Um terreno muito grande e assaz famoso
Que pela parte Austral o mar abrange
E para o Norte o Emódio cavernoso.

Jugo de Reis diversos o constrange
A várias leis: alguns o vicioso
Mahoma, alguns os Ídolos adoram,
Alguns os animais que entre eles moram.

VII, 18 (Marta López Vilar)

Lá bem no grande monte que, cortando
Tão larga terra, toda Ásia discorre,
Que nomes tão diversos vai tomando
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes saem donde vêm manando
Os rios cuja grão corrente morre
No mar Índico, e cercam todo o peso
Do terreno, fazendo-o quersoneso.

VII, 19 (Marta López Vilar)

Entre um e outro rio, em grande espaço
Sai da larga terra uma longa ponta,
Quase piramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão ínsula confronta;
E junto donde nasce o largo braço
Gangético, o rumor antigo conta
Que os vizinhos, da terra moradores,
Do cheiro se mantêm das finas flores.

VII, 20 (Marta López Vilar)

Mas agora de nomes e de usança
Novos e vários são os habitantes:
Os Deliis, os Patanes, que em possança
De terra e gente, são mais abundantes;
Decanis, Oriás, que a esperança
Têm de sua salvação nas ressonantes

águas do Gange; e a terra de Bengala,
Fértil de sorte que outra não lhe iguala.

VII, 21 (Marta López Vilar)

O Reino de Cambaia belicoso
(Dizem que foi de Poro, Rei potente);
O Reino de Narsinga, poderoso
Mais de ouro e pedras que de forte gente.
Aqui se enxerga, lá do mar undoso,
Um monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro.

VII, 22 (Marta López Vilar)

Da terra os naturais lhe chamam Gate,
Do pé do qual, pequena quantidade,
Se estende uma fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade.
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecu tem a ilustre dignidade
De cabeça de Império, rica e bela;
Samorim se intitula o senhor dela.

VII, 23 (Marta López Vilar)

Chegada a frota ao rico senhorio,
Um Português, mandado, logo parte
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio,
Que ali nas ondas entra, a não vista arte,
A cor, o gesto estranho, o trajo novo
Fez concorrer avê-lo todo o povo.

VII, 24 (Marta López Vilar)

Entre a gente que a vê-lo concorria,
Se chega um Mahometa, que nascido
Fora na região da Berberia,
Lá onde fora Anteu obedecido.
(Ou, pela vizinhança, já teria
O Reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assinalado de seu ferro;
Fortuna o trouxe a tão loiro desterro).

VII, 25 (Liberto Campillo)

Em vendo o mensageiro, com jocundo
Rosto, como quem sabe a língua Hispana,
Lhe disse: «Quem te trouxe a estoutro mundo,
Tão longe da tua pátria Lusitana?»
«- Abrindo (lhe responde) o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana;
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se acrecente».

VII, 26 (Liberto Campillo)

Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as opressões que na passagem
Do mar o Lusitano lhe contava.
Mas vendo, enfim, que a força da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz que estava fora da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

VII, 27 (Liberto Campillo)

E que, entanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria;
E depois que se um pouco recreasse,
Co ele para a armada tornaria,
Que alegria não pode ser tamanha
Que achar gente vizinha em terra estranha.

VII, 28 (Liberto Campillo)

O Português aceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe oferece;
Como se longa fora já a amizade,
Co ele come e bebe e lhe obedece.
Ambos se tornam logo da cidade
Para a frota, que o Mouro bem conhece;
Sobem à capitaina, e toda a gente
Monçaide recebeu benignamente.

VII, 29 (Liberto Campillo)

O Capitão o abraça, em cabo ledo,
Ouvindo clara a língua de Castela;
Junto de si o assenta e, pronto e quedo,
Pela terra pergunta e cousas dela.
Qual se ajuntava em Ródope o arvoredo,
Só por ouvir o amante da donzela
Eurídice, tocando a lira de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

VII, 30 (Liberto Campillo)

Ele começa: «Ó gente, que a Natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,

Que destino tão grande ou que ventura
Vos trouxe a cometerdes tal caminho?
Não é sem causa, não, oculta e escura,
Vir do longínquo Tejo e ignoto Minho,
Por mares nunca doutro lenho arados,
A Reinos tão remotos e apartados.

VII, 31 (Liberto Campillo)

»Deus, por certo, vos traz, porque pretende
Algum serviço seu por vós obrado;
Por isso só vos guia e vos defende
Dos inimigos, do mar, do vento irado.
Sabei que estais na Índia, onde se estende
Diverso povo, rico e prosperado
De ouro luzente e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

VII, 32 (Liberto Campillo)

»Esta província, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama;
Do culto antigo os ídolos adora,
Que cá por estas partes se derrama;
De diversos Reis é, mas dum só fora
Noutro tempo, segundo a antiga fama;
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei que este Reino teve unido e inteiro.

VII, 33 (Ruth Martínez Alcorco)

«Entonces ocurrió que aquí vinieran
De allá del seno Arábigo otras gentes,
Que el culto Mahomético trujeran,
En el que me instruyeron mis parientes,

Y también que con preces convirtieran
A Perimal, muy sabias y elocuentes;
El cual tomó la ley con fervor tanto,
Que propúsose en ella morir santo.

VII, 34 (Ruth Martínez Alcorco)

«Arma naves, y activo y cuidadoso.

Mercadería espléndida previene,
Y a ofrecerse con todo religioso
Va donde cultos el Profeta obtiene.

Mas antes el su reino poderoso
En los suyos reparte, pues no tiene
Propio heredero, y por afectos hace
Libre al esclavo, rico al que le place.

VII, 35 (Ruth Martínez Alcorco)

«Cochim al uno, al otro Cananores,
A este Chalé, y a aquel la isla Pimienta,
A quién Coulón, a quién da Cranganores,
Y al que más lo sirvió, más le contenta,
Pero un mozo que ha sido sus amores,
Después de todo dar, se le presenta,
Y a este ya Calecut solo le aplica,
Ciudad por su comercio noble y rica.

VII, 36 (Ruth Martínez Alcorco)

Mas se la da con título fastoso
De Emperador que sobre todos mande.
Esto acabado, parte presuroso
A donde en santa vida a morir ande;
Y de aquí queda el nombre de glorioso
Samorim (más que todos digno y grande),

Al mozo y sucesores, de dó viene
Este que hoy el imperio manda y tiene.

VII, 37 (Ruth Martínez Alcorco)

«La ley de toda gente, excelsa o chica,
De fábulas parece de quien sueña;
Anda desnuda, y solo un paño aplica
A aquello que a cubrir natura enseña.
Dos clases hay de grey: la grande y rica,
Naire tiene por nombre, y la pequeña
Polea se llama, a quien su ley le manda
No mezclarse a la antigua veneranda.

VII, 38 (Ruth Martínez Alcorco)

«Porque el que siempre tiene un mismo oficio
De otro tomar mujer no puede en suerte,
Ni sus hijos seguir otro ejercicio
Sino el de su familia hasta la muerte.
Para los Naires es deshonra y vicio
Ser tocados por Poleas; y si advierte
Alguno haberlo sido, o se lo indica,
Con ceremonias mil se purifica.

VII, 39 (Ruth Martínez Alcorco)

«Así el antiguo pueblo de Judea
No tocaba a la gente de Samaria.
Otras cosas no os digo en que se emplea
Esta gente, de usanza extraña y varia.
Solo el Naire es dispuesto a la pelea,
Solo él defiende de agresión contraria
A su Rey, a llevar acostumbrado
A izquierda escudo, espada al diestro lado.

VII, 40 (Ruth Martínez Alcorco)

«Brahmenes son sus hombres religiosos,
Nombre antiguo de excelsa preminencia,
Y observan los preceptos muy famosos
De uno que el primer nombre dio a la ciencia;
 No matan nada vivo, y temerosos,
 De carne observan rígida abstinencia;
 De mujer solo, en grato ayuntamiento,
 Tienen menos estrecho mandamiento.

VII, 41 (Raquel Delgado López)

«Ellas comunes son, mas solamente
Para los de la grey de sus maridos:
 ¡Felice condición, dichosa gente,
 Que no son por los celos ofendidos!
Estos y otros más usos variamente
Son por los Malabares muy cumplidos.
Rica es la tierra en suelo y en marina,
Comerciante en el mar del Nilo al China.»

VII, 42 (Raquel Delgado López)

Esto el Moro decía: mas vagando
 La fama ya por la ciudad andaba
Del viaje de esta gente extraña, cuando
 A saber la verdad el Rey mandaba.
Ya vienen por las calles caminando,
 (Y toda edad y sexo les cercaba)
Los Grandes, que a traer son elegidos
 Al jefe de los nautas atrevidos.

VII, 43 (Raquel Delgado López)

Este, que ya del Rey tiene licencia
Para desembarcar, acompañado
De nobles Portugueses, con urgencia
Parte, de ricas galas adornado.
De colores la hermosa diferencia
La vista alegra al pueblo alborozado;
Y el remo hiere, acompasado y frío,
Primero el mar, y luego el fresco río.

VII, 44 (Raquel Delgado López)

En la playa un rector del reino había
Que en lengua suya Catüal se llama,
Rodeado de Naires, que venía
Con desusada fiesta al noble Gama.
Ya en sus brazos en alto le tenía
Y de un portátil lecho en rica cama
Le coloca (según estilo usado),
Que por fornidos hombros es llevado.

VII, 45 (Raquel Delgado López)

De este arte el Malabar, de este arte el Luso,
Caminan a dó el Rey ya les espera;
Los otros Portugueses van, al uso
De sus infantes, en escuadra fiera.
El pueblo que concurre está confuso
De ver la extraña gente, y bien quisiera
Preguntar; mas de tiempo asaz pasado
Entenderse en Babel les fue vedado.

VII, 46 (Raquel Delgado López)

El Gama y Catual iban diciendo
Cosas que la ocasión les ofrecía;

Monzaide, entre los dos, va traduciendo
Las palabras que de ambos entendía.
Por la ciudad en tanto discurriendo,
 A dó sublime fábrica se erguía
De templo suntuosísimo llegaban;
Por las puertas del cual juntos entraban.

VII, 47 (Raquel Delgado López)

En él están de dioses las figuras
Escultas en madera y piedra fría:
Varias en gesto, varias en pinturas,
Según que allí el demonio las fingía:
 Se ven abominables esculturas
Cual Quimera, que en miembro mil varía,
 Los Cristianos, a Dios acostumbrados
A ver en forma humana, están pasmados.

VII, 48 (Raquel Delgado López)

Este, con cuernos en la frente erguidos,
 Cual Júpiter Hamón en Libia estaba;
Aquel, dos rostros en un busto unidos,
 Como el antiguo Jano se mostraba;
Uno con muchos brazos esparcidos,
 A Briareo parece que imitaba;
Otro, con faz de perro está que azora,
 Cual a Anubis Menfítico se adora.

VII, 49 (Alejandro Rodríguez)

Hecha allí de aquel ciego pueblo impío
 La adoración fanática frecuente,
Caminan ya derecho, sin desvío,
 Donde está el Rey de la pagana gente.

Van, engrosando el bárbaro gentío,
Los que a ver van al Capitán valiente,
Y están por las ventanas y tejados,
Mujeres, mozos, viejos agolpados.

VII, 50 (Alejandro Rodríguez)

Ya llegan cerca, y no con pasos lentos,
De los jardines bellos y olorosos,
Que en sí cierran los regios aposentos,
No muy altos de muros, mas suntuosos;
Que edifican los nobles sus asientos
Cercados de arboledos deleitosos;
Y así viven los Reyes de esa gente
En la ciudad y el campo juntamente.

VII, 51 (Alejandro Rodríguez)

Del cercado en las puertas, con destreza
De la Dedálea facultad, se nota,
En trazadas figuras la nobleza,
De la India y su historia más ignota;
Y recuérdanse allí con tal viveza
Los sucesos de aquella edad remota,
Que quien bien los conoce y ha aprendido,
Goza de la verdad en lo fingido.

VII, 52 (Alejandro Rodríguez)

Era un inmenso ejército, que pisa
La oriental tierra que el Hidaspe lava;
Le rige un Capitán de barba lisa
Que con tirso frondíferos peleaba
(Por él edificada estaba Nisa,
Al pie de un río que a su voz manaba),

Y es tal, que si Sémele allí estuviera,
Que su hijo es aquel pronto dijera.

VII, 53 (Alejandro Rodríguez)

Más delante, bebiendo, seca el río
Muy grande multitud de Asiria gente,
Sujeta al femenino señorío
De mujer, cuanto bella, incontinente.
Allí esculpido tiene el nunca frío
A su lado, feroz ginete ardiente,
Con quien sostiene un hijo competencia.
¡Nefando amor, brutal concupiscencia!

VII, 54 (Alejandro Rodríguez)

De allí más apartadas tremolaban
(Tercera monarquía) las gloriosas
Banderas de la Grecia, y subyugaban
Del Gange hasta las aguas caudalosas.
A un capitán mancebo se postraban
Circundado de palmas valerosas,
Que no ya de Filipo, mas de fijo
Se proclama de Júpiter por hijo.

VII, 55 (Alejandro Rodríguez)

Admirando el Lusíada estas memorias,
Al Capitán el Catüal le dice:
«Pronto tiempo vendrá que otras victorias
Las que viendo ora estáis despreconice;
Aquí se han de escribir nuevas historias
De gente extraña que vendrá felice,
Que nuestros sabios magos lo alcanzaron,
Cuando tiempos futuros consultaron.

VII, 56 (Alejandro Rodríguez)

«Y les dijo además su maga ciencia
Que para contrastar fuerza tamaña,
No valdrá de los hombres resistencia.
Que es contra el cielo inútil mortal maña;
Y añadió que la bética excelencia,
En paz y en guerra, de la gente extraña
Será tal, que hará el nombre esclarecido
Del vencedor, la fama del vencido.»

VII, 57 (Gonçalo Camarate)

Assim falando, entravam já na sala,
Onde aquele potente Emperador
Numa camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço e no lavor.
No recostado gesto se assinala
Um venerando e próspero senhor;
Um pano de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemas se adereça.

VII, 58 (Gonçalo Camarate)

Bem junto dele, um velho reverente,
Cos giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da erva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.
Um Brâmene, pessoa proeminente,
Para o Gama vem com passo brando,
Para que ao grande Príncipe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.

VII, 59 (Gonçalo Camarate)

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, pronto em vista
 Estava o Samori no trajo e jeito
 Da gente, nunca de antes dele vista.
Lançando a grave voz do sábio peito,
 Que grande autoridade logo aquista
 Na opinião do Rei e do povo todo,
 O Capitão lhe fala deste modo:

VII, 60 (Gonçalo Camarate)

«Um grande Rei, de lá das partes onde
 O céu volúvel, com perpétua roda,
Da terra a luz solar com a terra esconde,
 Tingindo a que deixou, de escura noda,
 Ouvindo do rumor que lá responde
 O eco, como em ti da Índia toda
 O principado está e a majestade,
 Vínculo quer contigo de amizade.

VII, 61 (Gonçalo Camarate)

»E por longos rodeios a ti manda
 Por te fazer saber que tudo aquilo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda,
 De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
 E desde a fria plaga de Gelanda
Até bem donde o Sol não muda o estilo
 Nos dias, sobre a gente de Etiópia,
 Tudo tem no seu Reino em grande cópia.

VII, 62 (Gonçalo Camarate)

»E se queres com pactos e lianças
 De paz e de amizade sacra e nua,

Comércio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua e tua,
Por que cresçam as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos Reinos, será certamente
De ti proveito, e dele glória ingente.

VII, 63 (Gonçalo Camarate)

»E sendo assim que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará pronto a toda adversidade
Que por guerra a teu Reino se ofereça,
Com gente, armas e naus, de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça;
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mim certíssima resposta.»

VII, 64 (Gonçalo Camarate)

Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia
Que, em ver embaixadores de nação
Tão remota, grão glória recebia;
Mas neste caso a última tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O Rei e a gente e terra que dissera;

VII, 65 (Sandra Aparecida Teixeira de Faria)

E que, entanto, podia do trabalho
Passado ir repousar; e em tempo breve
Daria a seu despacho um justo talho,
Com que a seu Rei reposta alegre leve.

Já nisto punha a noite o usado atalho
Às humanas canseiras, por que ceve
De doce sono os membros trabalhados,
Os olhos ocupando, ao ócio dados.

VII, 66 (Sandra Aparecida Teixeira de Faria)

Agasalhados foram juntamente
O Gama e Portugeses no aposento
Do nobre Regedor da índica gente,
Com festas e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente
De seu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

VII, 67 (Sandra Aparecida Teixeira de Faria)

Tanto que os ígneos carros do formoso
Mancebo Délia viu, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova.
Já lhe pergunta pronto e curioso,
Se tem notícia inteira e certa prova
Dos estranhos, quem são; que ouvido tinha
Que é gente de sua pátria muito vizinha;

VII, 68 (Sandra Aparecida Teixeira de Faria)

Que particularmente ali lhe desse
Informação mui larga, pois faria
Nisso serviço ao Rei, por que soubesse
O que neste negócio se faria.
Monçaide torna: - «Posto que eu quisesse
Dizer-te disto mais, não saberia;

Somente sei que é gente lá de Espanha,
Onde o meu ninho e o Sol no mar se banha.

VII, 69 (Sandra Aparecida Teixeira de Faria)

»Têm a lei dum Profeta que gerado
Foi sem fazer na carne detimento
Da mãe, tal que por bafo está aprovado
Do Deus que tem do mundo o regimento.
O que entre meus antigos é vulgado
Deles, é que o valor sanguinolento
Das armas no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

VII, 70 (Sandra Aparecida Teixeira de Faria)

»Porque eles, com virtude sobre-humana,
Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo e fresco Guadiana,
Com feitos memoráveis e famosos:
E não contentes ainda, e na Africana
Parte, cortando os mares procelosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades e altos muros.

VII, 71 (Sandra Aparecida Teixeira de Faria)

»Não menos têm mostrado esforço e manha
Em quaisquer outras guerras que aconteçam,
Ou das gentes beligeras de Espanha,
Ou lá dalguns que do Pirene deçam.
Assim que nunca, enfim, com lança estranha
Se tem que por vencidos se conheçam;
Nem se sabe ainda, não, te afirmo e asselo,
Para estes Anibais nenhum Marcelo.

VII, 72 (Sandra Aparecida Teixeira de Faria)

»E se esta informação não for inteira
Tanto quanto convém, deles pretende
Informar-te, que é gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja e ofende;
Vai ver-lhe a frota, as armas e a maneira
Do fundido metal que tudo rende,
E folgarás de veres a polícia
Portuguesa, na paz e na milícia.»

VII, 73 (Barbara Fraticelli)

Já com desejos o Idolatra ardia
De ver isto que o Mouro lhe contava;
Manda esquipar batéis, que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava.
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geração, que o mar coalhava.
À capitaina sobem, forte e bela,
Onde Paulo os recebe a bordo dela.

VII, 74 (Barbara Fraticelli)

Purpúreos são os toldos, e as bandeiras
Do rico fio são que o bicho gera;
Nelas estão pintadas as guerreiras
Obras que o forte braço já fizera;
Batalhas têm campais, aventureiras,
Desafios cruéis, pintura fera,
Que, tanto que ao Gentio se apresenta,
Atento nela os olhos apascenta.

VII, 75 (Barbara Fraticelli)

Pelo que vê pergunta; mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente,
E que aquele deleite que tanto ama
A seita Epicureia experimente.

Dos espumantes vasos se derrama
O licor que Noé mostrara à gente:
Mas comer o Gentio não pretende,
Que a seita que seguia lho defende.

VII, 76 (Barbara Fraticelli)

A trombeta, que, em paz, no pensamento
Imagen faz de guerra, rompe os ares;
Co fogo o diabólico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens que, em retrato breve,
A muda poesia ali descreve.

VII, 77 (Barbara Fraticelli)

Alça-se em pé, co ele o Gama junto,
Coelho de outra parte e o Mauritano;
Os olhos põe no bético trasunto
De um velho branco, aspeito venerando,
Cujo nome não pode ser defunto
Enquanto houver no mundo trato humano:
No trajo a Grega usança está perfeita;
Um ramo, por insígnia, na direita.

VII, 78 (Barbara Fraticelli)

Um ramo na mão tinha... Mas, ó cego,
Eu, que cometo, insano e temerário,

Sem vós, Ninfas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão árduo, longo e vário!
 Vosso favor invoco, que navego
 Por alto mar, com vento tão contrário
 Que, se não me ajudais, hei grande medo
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

VII, 79 (Barbara Fraticelli)

Olhai que há tanto tempo que, cantando
 O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
 A Fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo e novos danos:
 Agora o mar, agora experimentando
 Os perigos Mavórcios inumanos,
 Qual Cánace, que à morte se condena,
Numa mão sempre a espada e noutra a pena.

VII, 80 (Barbara Fraticelli)

Agora, com pobreza avorrecida,
 Por hospícios alheios degradado;
 Agora, da esperança já adquirida,
De novo, mais que nunca, derribado;
 Agora às costas escapando a vida,
 Que dum fio pendia tão delgado
 Que não menos milagre foi salvar-se
 Que para o Rei Judaico acresentar-se.

VII, 81 (Guillermo Díaz Vara)

Y aun así, Ninfas mías, no bastaba
 Que tan grandes miserias me oprimiesen,
 Sino que aquellos que cantando andaba
 Tal precio por mis versos me volviesen.

A trueque de descansos que esperaba,
De coronas de lauro que me diesen,
Trabajos nunca vistos me inventaron,
Con que a estado tan triste me arrojaron.

VII, 82 (Guillermo Díaz Vara)

Ved joh Ninfas! qué ingenios de señores
Vuestro Tajo produce valerosos,
Que así saben premiar con sus favores
A quien los hace con cantar gloriosos.
¡Qué ejemplos a futuros escritores,
Que despierten a ingenios perezosos
Que aquellas cosas den a la memoria,
Que merecen tener eterna gloria!

VII, 83 (Guillermo Díaz Vara)

En tantos males, pues, séame dado
Solo que vuestro amor no me fallezca,
Principalmente aquí, que ya he llegado
Donde diversos hechos engrandezca:
Vuestro amparo me dad, que yo he jurado
No gastarle en quien bien no lo merezca,
Y ni por miedo al daño que ya espero,
Ensalzaré a los altos lisonjero.

VII, 84 (Guillermo Díaz Vara)

Ni creais que yo fama nunca diera
A aquel que al bien común de inmensas greyes
Su privado interés antepusiera,
Adverso a humanas y a divinas leyes.
Ni a ningún ambicioso que quisiera
A los mandos subir que dan los Reyes

Solo para, con torpes ejercicios,
Poder usar más ancho de sus vicios.

VII, 85 (Guillermo Díaz Vara)

A nadie que poder quiera bastante
Para el servicio de designio feo,
Y que por complacer al vulgo errante,
De más formas se vista que Protéo.
Ni tampoco penséis, Musas, que cante
Al que, hipócrita en traje honesto, veo,
Por contentar al Rey en nuevo oficio,
Robar y hacer al pueblo maleficio.

VII, 86 (Guillermo Díaz Vara)

Ni a quien juzga que es justo y caso estrecho
Guardar leyes del Rey severamente,
Y no piensa que es justo y de derecho
Que se pague el sudor de pobre gente;
Ni a quien siempre, con poco osado pecho,
Razones busca, y cuida que es prudente
Con mano avara al premio poner tasa
De trabajos ajenos que él no pasa.

VII, 87 (Guillermo Díaz Vara)

Yo solo he de decir los que expusieron
Por su Dios y su Rey la amada vida,
Que, haciéndola inmortal, la revivieron
A la luz de su gloria esclarecida.
Febo y las que hasta agora me siguieron
Me doblarán la llama concedida,
Mientras que tomo aliento, descansando,
Para seguir después mayor cantando.

CANTO OITAVO

VIII, 1 (Riccardo Guariglia)

Vimos que el Catüal se detenía
En la primer figura que hay pintada,
Que en la diestra por signo un ramo erguía,
Blanca barba luciendo dilatada.
Saber quién es y la razón quería
De por qué lleva la señal narrada;
Y dice Pablo, cuya voz discreta
El Mauritano al Indio le interpreta

VIII, 2 (Riccardo Guariglia)

«Estos varones todos que parecen
Tan fieros a la vista en sus aspectos,
Más fieros y más bravos aparecen
De su esfuerzo y valor por los efectos.
Antiguos son, y aun ora resplandecen
Grandes entre los hombres más perfectos.
Luso es este que ves, por quien la fama
A nuestro reino Lusitania llama.

VIII, 3 (Riccardo Guariglia)

«Fue hijo, o compañero del Tebano
De quien se cuenta el conquistar contíno;
Parece que a parar al suelo Hispano
Siguiendo el curso de sus armas vino.
Del Guadiana y del Duero el campo ufano,

Ya Elisio dicho, tanto le convino,
Que nombre allí dejar quiso a los nuesos,
Y sepultura a sus cansados huesos.

VIII, 4 (Riccardo Guariglia)

«El ramo que le ves como divisa,
El verde Tirso fue de Baco usado,
El cual a nuestra edad muestra y avisa
Que fue su hijo o compañero amado.
Ese otro que del Tajo el suelo pisa,
Después de haber tan largo mar sulcado,
Muros perpetuos a su orilla eleva
Y a Palas templo, de su amor en prueba.

VIII, 5 (Riccardo Guariglia)

«Es Ulises quien labra santa casa
Al Numen que le da lengua facunda
Que si en Asia a la grande Troya abrasa,
En Europa a Lisboa insigne funda.»
«¿Quién es ese otro acá que el campo arrasa,
Con presencia entre muertes furibunda,
Y destroza legiones cien guerreras,
Que las águilas llevan por banderas?»

VIII, 6 (Riccardo Guariglia)

Dice el gentil; y le responde Gama.
«Ese que ves, pastor fue de ganado:
Viriato sabe el mundo que se llama,
En espada más diestro que en cayado;
De Roma a escurecer llegó la fama,
Vencedor invencible y celebrado.
Con él no alcanzan, ni tener pudieron,

Los modos que con Pirro antes tuvieron.

VIII, 7 (Riccardo Guariglia)

«Con fuerza no, con maña vergonzosa
Le quitaron la vida: ¿qué os espanta?
Si la gente, aun la grande y generosa,
La ley a veces de virtud quebranta.
Contra su patria ese otro, que orgullosa
Le trata, con nosotros se levanta;
Y cierto escoge bien con quien se alzase,
Para que eternamente se ilustrase.

VIII, 8 (Riccardo Guariglia)

«También, con nós, abate las banderas
De esas aves de Júpiter amadas;
Que desde el tiempo aquel las más guerreras
Huestes son por nosotros ya arrolladas.
Ve de qué artes se vale, y qué maneras
Para ganar los pueblos amañadas:
Fatídica una cierva se lo avisa:
él es Sertorio, y ella su divisa.

VIII, 9 (Katalin Toth)

«Mira esotra bandera y ve esculpido
Al gran tronco de Reyes Lusíberos:
Nós Húngaro le hacemos, que nacido
En Turingia le dicen extranjeros.
Después que tiene al Moro ya vencido
Y a Galicia y Leoneses caballeros,
Porque la real raíz se santifique,
Pasa al Santo Sepulcro el Santo Enrique.»

VIII, 10 (Katalin Toth)

«Dime quién es ese otro, que me espanta
(Pregunta el Malabar maravillado),
Que escuadrones sin fin de gente tanta,
Con tan poca ha vencido y destrozado:
Que a tantos hijos de Ismael quebranta,
Tantas batallas da, jamás cansado,
Y que coronas huella en todas partes
A sus pies derribadas, y estandartes.»

VIII, 11 (Katalin Toth)

«-Es Alfonso Primero (dice Gama),
Que todo Portugal al Mauro toma;
Por quien jura al Estigio ya la fama,
Que más no ha de ensalzar glorias de Roma.
Este es aquel piadoso a quien Dios ama,
Por cuyo brazo al Moro adverso doma,
Y de su reino abátele los muros,
No dejando que hacer a los futuros.

VIII, 12 (Katalin Toth)

«Sí César y Alejandro así tuvieran
Tan pequeño poder, tan poca gente,
contra enemigos tantos cuantos eran
Los que venció este Príncipe excelente,
No creas que sus nombres se extendieran
Con renombre inmortal tan largamente;
Mas deja hazañas suyas, no explicables,
Que asaz las de su gente son notables.

VIII, 13 (Katalin Toth)

«Este a quien ves decir con gesto airado

Al derrotado alumno mal sufrido
Que recoja el ejército sembrado
Y en su campo se encierre defendido,
Es el que anciano al mozo ha libertado,
Y en vencedor le torna de vencido;
Egas Moñiz se llama el fuerte viejo,
De súbditos leales claro espejo.

VIII, 14 (Katalin Toth)

«¡Ved que va con sus hijos a entregarse!
La cuerda al cuello, en ropas de villano,
Porque el mozo no quiso ya doblarse,
Cual él lo ha prometido, al Castellano,
Cuando hizo con ofertas levantarse
El cerco en que cayó su soberano;
Con hijos y mujer busca la pena,
Y por salvar al Rey, él se condena.

VIII, 15 (Katalin Toth)

«No tanto el Cónsul hizo que, cercado
En las Caudinas horcas ignorante,
A pasar por debajo fue obligado
De aquel yugo Samnítico triunfante.
Este por el su pueblo desdeñado,
Entrega su persona, audaz, constante;
El otro a él y a lo que más le duele,
A la esposa sin culpa, al hijo imbele.

VIII, 16 (Natalia Armijos)

«Ved aquel que saliendo de celada
Da sobre el Rey que cerca un muro fuerte:
Ya le prende y la villa es descercada,

¡Hecho inmortal que coronó la suerte!
Vedle que va pintado en esta Armada.
Dando en el mar también al Moro muerte,
Cogiéndole las naves, con la gloria
De la primer marítima victoria.

VIII, 17 (Natalia Armijos)

«Es Don Fúas Rupiño, que en la tierra
Resplandece y la mar con el cruento
Fuego con que encendió, junto a la sierra
Abilense, del Moro el armamento.
Mira cuál, por tan justa y santa guerra,
De morir combatiendo está contento.
Desde las manos del Infiel el alma,
Sube al cielo, feliz con justa palma.

VIII, 18 (Natalia Armijos)

«¿Ves allí mucha gente de extranjero
Traje salir de grande armada y nueva,
Que a combatir ayuda al Rey primero
A Lisboa, y de sí da tanta prueba?,
¿Ves de Enrique, famoso caballero,
Una palma nacer junto a la cueva?
Milagro hace por ellos Dios no visto:
Hermanos son los mártires de Cristo.

VIII, 19 (Natalia Armijos)

«La espada un sacerdote lleva erguida
Contra Arronches, que toma por venganza
De Leiria, que de antes fue vencida
Del que por Mahomede enristra lanza:
Es Teotonio el Prior. Ve aquí ceñida

A Santarém, y ve la seguranza
De esta figura que alza la primera,
Sobre el muro, de quinas la bandera.

VIII, 20 (Natalia Armijos)

«Y mira aquí dó Sancho desbarata
Los moros de Vandalia en dura guerra;
Rompe las huestes, al Alférez mata,
Y el Hispano pendón echa por tierra:
Es Mem Moñiz, que el gran valor retrata
Del padre, que en su tumba no le cierra,
¡Digno es de esas banderas, pues la suya
Ensalza ¡oh castellano! a costa tuyal!

VIII, 21 (Natalia Armijos)

Mira aquel que desciende por la lanza,
Con las cabezas dos de los vigías,
La celada ocultando con que alcanza
La ciudad, por sus artes y osadías;
La cual toma por armas la semblanza
Del vencedor que las cabezas frías
Lleva en la mano: ¡esfuerzo jamás hecho!
¡De Giraldo sin Miedo este es el pecho!

VIII, 22 (Natalia Armijos)

«¿No ves a un castellano, que agraviado
De Alfonso Nono por el odio antiguo
Al Moro, con los Laras, se ha pasado,
De Portugal haciéndose enemigo?
De Abrantes la ciudad toma, ayudado
De Maura multitud que trae consigo.
Mas ve que un Portugués con poca gente

Lo desbarata y prende bravamente.

VIII, 23 (Ana Paula Laborinho)

»Martim Lopes se chama o cavaleiro,
Que destes levar pode a palma e o louro.
Mas olha um Eclesiástico guerreiro,
Que em lança de aço torna o Bago de ouro.
Vê-lo, entre os duvidosos, tão intelecto
Em não negar batalha ao bravo Mouro;
Olha o sinal no céu que lhe aparece,
Com que nos poucos seus o esforço cresce.

VIII, 24 (Ana Paula Laborinho)

»Vês? Vão os Reis de Córdova e Sevilha
Rotos, cos outros dous, e não de espaço.
Rotos? mas antes mortos: maravilha
Feita de Deus, que não de humano braço.
Vês? Já a vila de Alcácere se humilha,
Sem lhe valer defesa ou muro de aço,
A Dom Mateus, obispo de Lisboa,
Que a coroa da palma ali coroa.

VIII, 25 (Ana Paula Laborinho)

»Olha um Mestre que desce de Castela,
Português de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e já nela
Não acha quem por armas lhe resista;
Com manha, esforço e com benigna estrela,
Vilas, castelos toma à escala vista.
Vês Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores?

VIII, 26 (Ana Paula Laborinho)

»Vês, com bética astúcia ao Mouro ganha
Silves, que ele ganhou com força ingente:

É Dom Paio Correia, cuja manha
E grande esforço faz inveja à gente.

Mas não passes os três que em França e Espanha
Se fazem conhecer perpetuamente
Em desafios, justas e torneus,
Nelas deixando públicos troféus.

VIII, 27 (Ana Paula Laborinho)

»Vê-los co nome vêm de aventureiros
A Castela, onde o preço sós levaram
Dos jogos de Belona verdadeiros,
Que com dano de alguns se exercitaram.

Vê mortos os soberbos cavaleiros
Que o principal dos três desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomeia,
Que pode não temer a lei Leteia.

VIII, 28 (Ana Paula Laborinho)

»Atenta num que a fama tanto estende
Que de nenhum passado se contenta;
Que a pátria, que de um fraco fio pende,
Sobre seus duros ombros a sustenta.
Não no vês tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança, inerte e lenta,
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural, e não de alheio?

VIII, 29 (Ana Paula Laborinho)

»Olha: por seu conselho e ousadia,

De Deus guiada só, e de santa estrela,
Só pode o que impossível parecia:
Vencer o povo ingente de Castela.
Vês, por indústria, esforço e valentia,
Outro estrago e vitória clara e bela,
Na gente, assim feroz como infinita,
Que entre o Tarteso e Guadiana habita?

VIII, 30 (Bárbara Caleres Pereira)

«¿Mas no ves cuasi aquí desbaratado
El poder Lusitano, por la ausencia
Del Capitán devoto, que apartado
Invoca en su oración la Trina Esencia?
Vélo, con prisa de su gente hallado,
Que le dice que falta resistencia
Contra tal fuerza, y pídele que acuda
Para que a los ya flacos lleve ayuda.

VIII, 31 (Bárbara Caleres Pereira)

«Pero ve con qué santa confianza,
Que no era tiempo aún le respondía,
Como quien tiene en Dios la aseguranza
Del triunfo que luego le daría.
Así Numa al oír que la pujanza
Del contrario las tierras le corría,
Responde al que la nueva le está dando:
¿Pues no miras que estoy sacrificando?

VIII, 32 (Bárbara Caleres Pereira)

«Si ora el nombre a decir quieres que pruebe
Del que fiado en Dios así campea,
Escipión Portugués llamarse debe,

Mas con el de Nuñ'Álvarez se arrea.
¡Patria dichosa que a tal hijo lleve!
Padre aún mejor, que en cuanto el sol rodea
El gran globo de Ceres y Neptuno,
Nunca cual este se hallará ninguno.

VIII, 33 (Bárbara Caleres Pereira)

«Ve que en la misma guerra presa apaña
Este otro Capitán de poca gente.
Comendadores vence en la campaña,
Y su botín rescata bravamente.
Ve que otra vez la lanza en sangre baña
Solo por libertar con celo ardiente
Al preso amigo: ¡ejemplo de leales,
Pero Rodríguez es de Landroales.

VIII, 34 (Bárbara Caleres Pereira)

«Mira el traidor aquel, y cómo paga
El perjurio que fizó, y vil engaño:
Es Gil Fernández d'Elvas quien le amaga,
Y hace luego sufrir el mayor daño:
Do Jerez roba el campo y le encenaga
En la sangre del mísero aledaño.
Y mira a Ruiz Pereira cual de frente,
Escudo a las galeras es potente.

VIII, 35 (Bárbara Caleres Pereira)

«Ve cómo diez y siete Lusitanos
De lo alto de ese otero se defienden,
Fuertes, de cuatrocientos castellanos,
Que por cogerlos en redor se estienden;
Mas pronto anunciarán ayes vanos

Que no se guardan solo, mas que ofenden.
¡Acción que debe el mundo hacer eterna
Grande en la edad antigua y la moderna!

VIII, 36 (Bárbara Caleres Pereira)

«Sábese, de muy lejos, que trescientos
Contra unos mil Romanos pelearon
En tiempos que civiles ardimientos
De Viriato las glorias levantaron,
Que de aquellos, logrando vencimientos,
Herencia memorable nos dejaron,
(Como después probamos en cien luchas)
De arrostrar pocas fuerzas a las muchas.

VIII, 37 (Elena Alonso Casillas)

«Los infantes ve aquí, Pedro y Enrique,
de Juan progenie ilustre y generosa;
Hace aquel que su fama certifique
Germania, con su muerte valerosa;
Este, que ella en los mares le publique
Por su descubridor, y la orgullosa
Ceuta postre su Islámica jactancia
Y rinda, con sus puertas, su arrogancia.

VIII, 38 (Elena Alonso Casillas)

«Mira al Conde Don Pedro, que sustenta
Dos cercos contra toda Berbería;
Y otro Conde ve allí que representa
En la tierra, de Marte la osadía;
Con defender no solo se contenta
a Alcacér contra inmensa compañía,
Mas de su Rey la vida, en grave apuro,

Salva y pierde la suya allí en el muro.

VIII, 39 (Elena Alonso Casillas)

«Verías muchos más que los pintores
Aquí también de cierto pintarían;
Mas les faltan pinceles y colores,
Honra, premio y favor que ingenios crían:
Culpa es de los viciosos sucesores,
Que en verdad se degradan y desvían
Del lustre y del valor de sus pasados,
En gustos y altiveces atollados.

VIII, 40 (Elena Alonso Casillas)

«Los altos padres que principio dieron
a la generación que de ellos baja,
Mucho por la virtud entonce hicieron,
Que también por formar nietos trabaja.
¡Ciegos que de las penas que sufrieron
Si la fama las glorias nunca ataja,
Oscuros deja siempre a sus menores,
Con dejarles descansos corruptores!

VIII, 41 (Elena Alonso Casillas)

«También hay otros grandes y abastados
Que de troncos ilustres no provienen,
Por la culpa de Reyes, que a privados
Dan más que a los que esfuerzo y saber tienen
a estos, sí, que a los suyos ver pintados
No place, y diz que orgullos no convienen;
Y es su contrario natural la tabla,
Y quieren mal a la pintura que habla.

VIII, 42 (Elena Alonso Casillas)

«No niego que hay a veces descendientes
De generoso tronco y casa rica,
Cuya nobleza en usos excelentes
Su blasón heredado magnifica;
Y si la antigua luz de sus parientes
Con su valer no aumenta y clarifica,
Al menos no se apaga ni hace escura,
Mas de estos halla pocos la pintura.»

VIII, 43 (Elena Alonso Casillas)

Gama así con acentos no prolijos
Los hechos cuenta que, con varia tinta,
Claros, perfectos, del pincel son hijos
Del artífice docto que allí pinta.
El Catüal los ojos prestos, fijos
Tiene en la historia vívida y distinta,
Mil veces preguntando y mil oyendo
Las gustosas batallas que está viendo.

VIII, 44 (Juan António Liedo)

Mas ya la luz mostrábase dudosa
Porque la inmensa lámpara se hundía
Bajo del horizonte, y luminosa
Llevaba a los antípodas el día;
Cuando la Naire gente numerosa
De la gran Capitana ya salía
A buscar el reposo, que descansa
Los lasos miembros en la noche mansa.

VIII, 45 (Juan António Liedo)

En tanto los Arúspices famosos

De la ciencia Gentil, que en sacrificios
Dicen adivinar casos dudosos
Por señales diabólicas o indicios,
Por el Rey mismo enviados, estudiosos
Ejercían el arte y sus oficios
Sobre esta gente y su venida estraña
Del mar remoto de la ignota España.

VIII, 46 (Juan António Liedo)

Dales signo el demonio verdadero
De aquel nuevo pueblo les sería
Cautividad y yugo postrimero,
Destrucción de su gente y su valía;
Y espantado el atónito agorero
Al Rey le va a decir (cual lo entendían)
Las señales que halló fieras y estrañas
De las víctimas viendo las entrañas.

VIII, 47 (Juan António Liedo)

Y a todo esto se añade que a un devoto
Que profesa la ley de Mahomedé,
Del odio concebido no remoto
A la fe santa que sufrir no puede,
En forma del Profeta, que tan noto
Del hijo de la esclava Agar procede,
Baco, que de sus odios no desiste,
En sueños se le muestra fiero y triste.

VIII, 48 (Juan António Liedo)

Y le dice: «¡Oh mi gente!, estad alerta
Del daño que os prepara el enemigo,
Que por los mares ya el camino acierta,

Antes que estéis más cerca del castigo.»
Esto escuchando, el Moro se despierta
 De la visión absorto; mas consigo
Piensa que es de común sueño el efeto,
Y se vuelve a dormir tranquilo y quieto.

VIII, 49 (Juan António Liedo)

Y torna Baco, y dice: «¿No conoces
Al gran legislador que a tus pasados
El precepto enseñó, que reconoces,
Sin el cual fuérais muchos bautizados?
 Yo velo, si tú duermes a mis voces;
Pues sabe que los otros, que llegados
 Serán después, harán daño infinito,
En el culto que al hombre dejé escrito.

VIII, 50 (Juan António Liedo)

«Mientras flaca es la fuerza de esta gente,
 Ordenad que con fe se la resista,
Pues cuando sale el sol, bien fácilmente
 Se puede en él poner fija la vista:
Mas así que subió claro y ardiente,
Ciego queda el que a verle un tiempo asista,
 Cual quedareis vosotros, si raíces
 Permitís que estos críen ¡infelices!»

VIII, 51 (Joaquín Juliá Quevedo)

Dice Baco; y se ausenta, con su trama
 Espantado dejando al Agareno;
Salta del lecho, y luces pide y clama,
 Labrando en él el férvido veneno;
Y en cuanto aquella, a quien el sol inflama,

Muestra su rostro angélico y sereno,
Junta a los jefes de la torpe secta
Y del sueño les da versión perfecta.

VIII, 52 (Joaquín Juliá Quevedo)

Pareceres diversos contrarios
Allí se oyen según que lo entendían;
Engañosa traición y ardides varios,
Perfidias inventaban y decían;
Mas dejando consejos temerarios,
La destrucción del Luso pretendían
Con artes más sutiles y mejores,
Y empiezan a ganar a los rectores.

VIII, 53 (Joaquín Juliá Quevedo)

Con joyas, oro, y dádivas secretas
Vienen a su opinión los principales;
Y con razones prueban muy discretas
Que a su ruina ya van los naturales,
Diciendo aquellas ser gentes inquietas
Que, los mares corriendo Occidentales,
Viven del robo y vil fraude malina,
Sin Rey, sin ley humana, ni divina.

VIII, 54 (Joaquín Juliá Quevedo)

¡Oh cuánto debe el Rey que bien gobierna
Ver que los consejeros y privados
De honor, conciencia y de virtud interna,
Y de sincero amor, sean dotados!
Pues como se halla en sede tan superna,
Mal puede de los hondos y apartados
Negocios adquirir relato entero

Más que el del labio mismo consejero.

VIII, 55 (Joaquín Juliá Quevedo)

Mas tampoco diré que cuesta tanto
La conciencia encontrar límpida y cierta,
Que solo se halle en pobre humilde manto,
Dó acaso la ambición ande encubierta.
Y hombre hay también, que bueno, y justo, y santo,
En negocios del mundo poco acierta;
Que mal podrá cuidarlos entre el dolo
Dulce conciencia puesta en Dios tan solo.

VIII, 56 (Joaquín Juliá Quevedo)

En tanto los avaros Catüales
Que al Gentílico pueblo gobernaban,
Inducidos por gentes infernales,
Despacho al Portugués dificultaban.
Mas Gama, que no busca en las señales
De cuanto allí los Moros preparaban,
Si no a su Rey llevar relato cierto
Del mundo que dejaba descubierto,

VIII, 57 (Joaquín Juliá Quevedo)

De eso cura no más; que bien sabía
Que después que llevara esa certeza,
Armas, naves y gente mandaría
Manuel, que ocupa allá la suma alteza,
Con que a su yugo y ley sometería
De esos mares y tierras la grandeza;
Puesto que él no era más que un diligente
Descubridor del mundo del Oriente.

VIII, 58 (Marialuisa Pappalardo)

Falar ao Rei gentio determina,
Por que com seu despacho se tornasse,
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei, que da notícia falsa e indina
Não era de espantar se se espantasse,
Que tão crédulo era em seus agouros,
E mais sendo afirmados pelos Mouros,

VIII, 59 (Marialuisa Pappalardo)

Este temor lhe esfria o baixo peito.
Por outra parte, a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeito,
Um desejo imortal lhe acende e atiça:
Que bem vê que grandíssimo proveito
Fará, se com verdade e com justiça,
O contrato fizer por longos anos,
Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.

VIII, 60 (Marialuisa Pappalardo)

Sobre isto, nos conselhos que tomava,
Achava muito contrários pareceres;
Que naqueles com quem se aconselhava
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande Capitão chamar mandava,
A quem chegado disse: - «Se quiseres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

VIII, 61 (Marialuisa Pappalardo)

»Eu sou bem informado que a embaixada

Que de teu Rei me deste, que é fingida;
Porque nem tu tens Rei, nem pátria amada,
 Mas vagabundo vás passando a vida;
Que quem da Hespéria última alongada,
 Rei ou senhor de insânia desmedida,
Há de vir cometer, com naus e frotas,
 Tão incertas viagens e remotas?

VIII, 62 (Marialuisa Pappalardo)

»E se de grandes Reinos poderosos
 O teu Rei tem a régia majestade,
Que presentes me trazes valerosos,
 Sinais de tua incógnita verdade?
Com peças e dões altos, sumptuosos,
 Se lia dos Reis altos a amizade;
Que sinal nem penhor não é bastante
 As palavras dum vago navegante.

VIII, 63 (Marialuisa Pappalardo)

»Se porventura vindes desterrados,
Como já foram homens de alta sorte,
 Em meu Reino sereis agasalhados,
Que toda a terra é pátria para o forte;
 Ou se piratas sois, ao mar usados,
Dizei-mo sem temor de infâmia ou morte,
 Que, por se sustentar, em toda idade
 Tudo faz a vital necessidade.»

VIII, 64 (Marialuisa Pappalardo)

Isto assim dito, o Gama, que já tinha
 Suspeitas das insídias que ordenava
 O Mahomético ódio, donde vinha

Aquilo que tão mal o Rei cuidava,
Com uma alta confiança, que convinha,
Com que seguro crédito alcançava,
Que Vénus Acidália lhe influía,
Tais palavras do sábio peito abria:

VIII, 65

«Se os antigos delitos que a malícia
Humana cometeu na prisca idade
Não causaram que o vaso da niquícia,
Açoute tão cruel da Cristandade,
Viera pôr perpétua inimicícia
Na geração de Adão, coa falsidade,
Ó poderoso Rei, da torpe seita,
Não conceberas tu tão má suspeita.

VIII, 66

»Mas porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes opressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrário que acharias
Se não cresses a quem não crer devias.

VIII, 67

»Porque, se eu de rapinas só vivesse,
Undívago ou da pátria desterrado,
Como crês que tão longe me viesse
Buscar assento incógnito e apartado?
Por que esperanças, ou por que interesse

Viria experimentando o mar irado,
Os Antárcticos frios e os ardores
Que sofrem do Carneiro os moradores?

VIII, 68

»Se com grandes presentes de alta estima
O crédito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o estranho clima
Onde a Natura pôs teu Reino antigo.
Mas, se a Fortuna tanto me sublima
Que eu torne à minha pátria e Reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico
Com que minha tornada certifico.

VIII, 69

»Se te parece inopinado feito,
Que Rei da última Hespéria a ti me mande,
O coração sublime, o régio peito,
Nenhum caso possível tem por grande.
Bem parece que o nobre e grão conceito
Do Lusitano espírito demande
Maior crédito e fé de mais alteza,
Que creia dele tanta fortaleza.

VIII, 70

»Sabe que há muitos anos que os antigos
Reis nossos firmemente propuseram
De vencer os trabalhos e perigos,
Que sempre às grandes coisas se opuseram;
E, descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber que fim tinham e onde estavam

As derradeiras praias que lavavam.

VIII, 71

»Conceito dino foi do ramo claro
Do venturoso Rei que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho caro
O morador de Abila derradeiro.
Este, por sua indústria e engenho raro,
Num madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte que faz clara
De Argos, da Hidra a luz, da Lebre e da Ara.

VIII, 72 (Gil Sevillano González)

«Aumentando en los pechos las primeras
Venturas la osadía, descubrieron
Poco a poco más vías estranjeras,
Que siempre unos tras otros prosiguieron.
Las gentes que del África postreras
Las Siete Llamas en lo Austral no vieron,
Fueron vistas de nos, atrás dejando
a los que están los Trópicos quemando.

VIII, 73 (Gil Sevillano González)

«Así con fuerte pecho hemos vencido
Y alta constancia a la fortuna impía,
Hasta que a tu terreno hemos venido
Al mundo a abrir del mar la mejor vía.
Entre el furor del golfo entumecido,
De negro cielo, y tempestad bravía,
A ti llegamos, de quien pido ardiente
Solo señal que a nuestro Rey presente.

VIII, 74 (Gil Sevillano González)

«Esta es, Rey, la verdad; pues nunca haría
Por un incierto bien, un flojo premio,
(Como esperar, no siendo así, podría)
Tan largo y vano artificial proemio;
Mas antes descansar me dejaría
En el no descansado y fiero gremio
De Tetis, cual pirata descreído
Con ajeno trabajo enriquecido.

VIII, 75 (Gil Sevillano González)

Así que ¡oh Rey!, si tienes mis verdades
Como cosa leal, y no amañada,
Une a breve despacho tus bondades,
Sin quitarme el placer de la tornada;
Y si aún juzgas mis dichos falsedades,
Médítalo mejor, que bien probada,
Mi causa en claro juicio puede verse,
Que fácil la verdad es de entenderse.»

VIII, 76 (Gil Sevillano González)

Atento estaba el Rey a la pujanza
Con que Gama sus pruebas sostenía:
Concibe de él completa seguridad
En su alma fe, certeza en su hidalguía;
Estima de su acento la confianza,
Juzga su autoridad de gran valía,
Y comienza a tener por mal servidos,
¡Estulto! a los Catuales corrompidos.

VIII, 77 (Gil Sevillano González)

Esto, junto a las ansias del provecho

Que espera del contrato Lusitaño,
Hácele obedecer más, al derecho
Del Capitán que al Sarraceno engaño.
En fin, dícelo a Gama que de hecho
Vaya a la escuadra y sin temor de daño,
Mande a tierra a su gusto toda prenda
Que por la especería trueque o venda.

VIII, 78 (Gil Sevillano González)

Que envie mercancía, en fin, le manda
Que en los reinos Gangéticos no hubiere,
Si trae alguna al caso de la banda
De allá dó empieza el mar, la tierra muere.
Ya de la real presencia veneranda
Parte Gama a dó barco pedir quiere
Al Catual, que las naves y aparejos
Rige, pues que los suyos se hallan lejos.

VIII, 79 (José Antonio Gómez Rodríguez)

Barco le pide que a las naos le lleve,
Mas el Catual, con proceder rehacio,
Nada concede, y a idear se atreve
Cómo le haga traición en corto espacio.
Le lleva al muelle, con la mente aleve
De detenerle lejos del palacio,
Donde sin que su Rey noticia tenga,
Su infame intento a consumarle venga.

VIII, 80 (José Antonio Gómez Rodríguez)

Dícele que muy lejos le podría
Barco facilitar en que partiese,
O que mejor para el siguiente día

Su poco urgente embarque difiriese.
 Ya, con tardanzas tantas, comprendía
 Gama que este Gentil de acuerdo fuese,
(Lo que hasta aquel momento no creyera)
 Con la Maura intención cobarde y fiera.

VIII, 81 (José Antonio Gómez Rodríguez)

Era este Catual de los que estaban
Ganados de los Moros por la gente,
Y de los que las villas gobernaban,
El Principal del Samorim potente.
Así que de sus fraudes aguardaban
El logro, por su medio solamente;
Y él, que con ellos pérvido conspira,
Ni la esperanza ni la acción retira.

VIII, 82 (José Antonio Gómez Rodríguez)

Gama (aunque en vano) activo le requiere
Le dé un batel, pues su misión es esa,
Y que así lo ha mandado, le refiere,
El Samorim, que en ello se interesa.
Le pide la razón por qué difiere
Sacar la mercancía Portuguesa,
Y alegra no poder ser derogado
Aquello que ya el Rey tiene mandado.

VIII, 83 (José Antonio Gómez Rodríguez)

Razones tales el Catual corruto
Atiende poco, y sigue revolviendo
En su mente y sutil ingenio astuto
Algún fraude diabólico, estupendo,
Ya cómo bañar pueda el fierro bruto

En la sangre odiosísima está viendo,
Y ya cómo las llaves abrasase,
Por que ninguno a Portugal tornase.

VIII, 84 (José Antonio Gómez Rodríguez)

Que no vuelva ninguno: eso prescribe
El consejo infernal de Mahometanos;
Porque a saber no llegue la que vive
Eoda tierra el Rey de Lusitanos.
No parte Gama, en fin, que lo prohíbe
El regidor de bárbaros profanos;
Y no hay, sin licencia, quien se arroje,
Porque todos los barcos los recoge.

VIII, 85 (José Antonio Gómez Rodríguez)

Del Capitán al grito y las razones,
El Catüal le responde que mandase
Acercar sus distantes galeones,
Para que así mejor fuese y tornase;
Que enemiga parece, y de ladrones
Flota que tan lejana se apartase,
Y que no es bien que evite sus abrigos;
Que no es el desconfiar prueba de amigos.»

VIII, 86 (Juan Albino Méndez Pérez)

Conoce en estos dichos el buen Gama
Que pretende las naos en el puerto
Meter el Indio, porque a fierro y llama
Con furor las asalte descubierto.
Su inventiva en proyectos mil derrama;
Y fantaseando en él buscar lo cierto
Del mal que amaga lo que a cargo tiene,

Todo lo trama, y piensa, y lo previene.

VIII, 87 (Juan Albino Méndez Pérez)

Cual reflejo de luz que del pulido
Acero salta, o del cristal hermoso,
Del sol brillante, por el rayo herido,
Que a otra parte a tocar va luminoso,
Y de la astuta mano ser movido,
Desde la estancia del muchacho ocioso,
Anda por la calle, y muros, y tejado,
Trémulo aquí, y allí no sosegado:

VIII, 88 (Juan Albino Méndez Pérez)

Vagando así la mente fluctuaba
De Gama, preso ya, cuando al sentido
La viene que Coello le aguardaba
En la playa, quizá d'él advertido.
Así que el avisarle solo ansiaba,
Que a la flota volviese, prevenido
De los engaños, y traición maldita,
Que les reserva el pérfido Ismaelita.

VIII, 89 (Juan Albino Méndez Pérez)

Así ha de hacer quien quiera, en don de Marte
Copiar hombres famosos e igualarlos;
Con la idea volar de una a otra parte;
Adivinar peligros y evitarlos,
Con militar ingenio y sutil arte
Atraer a enemigos, o engañarlos,
Pensar en todo, en fin, que no es servible
El capitán que diga: «Era increíble.»

VIII, 90 (Juan Albino Méndez Pérez)

Insiste el Malabar en que esté preso,
Si hasta el muelle no manda entrar la armada
 él, constante y en ira noble acceso,
 Su amenaza y furor no estima en nada;
 Que antes quiere cargar él solo el peso
 De cuanto mal dispone la malvada
 Gente infiel, que esponer a la ventura
 La flota de su Rey que está segura.

VIII, 91 (Juan Albino Méndez Pérez)

Allí sigue esa noche detenido,
 Y parte de otro día, cuando pide
 Y resuelve ir al Rey; mas reprimido
Es por guardia caudal, que se lo impide.
 Aquí ocurre al Gentil otro partido,
 Pues del Rey el castigo pesa y mide,
 Si entiende su maldad, la cual al cabo
 Sabrá, si más detiene al jefe bravo.

VIII, 92 (Juan Albino Méndez Pérez)

Las especies que el Luso trueca o vende
 Dícele que traer ordene a tierra,
 Pues su comercio establecer pretende;
 Que quien no quiere trato, busca guerra.
Aunque el torpe designio Gama entiende
 Que en su dañado corazon se encierra,
 Consiente, pues al fin así podría
 Ganar su libertad por mercancía.

VIII, 93 (Carmen Caballero Martínez)

Conciertan que el Gentil armar ordene

Embarcaciones propias en que venga;
Que aventurar sus barcos mal le viene,
No el Malabar los robe o los detenga.

Las almadías salen que él previene,
A traer lo de España que convenga,
Y Gama escribe a Pablo que disponga
Cuál mercancía por rescate esponga.

VIII, 94 (Carmen Caballero Martínez)

Viene la carga al puerto donde luego
El Catüal a agasajarla sale:
Con ella han de quedar Álvaro y Diego
Para buscar lo que con ella iguale.
Si más que obligación, y mando, y ruego,
En pecho vil el premio puede y vale,
Bien lo muestra el Gentil a quien lo entienda
Pues si a Gama soltó, fue por la hacienda.

VIII, 95 (Carmen Caballero Martínez)

Por ella lo soltó, pues prenda cara
Tiene allí de la cual sacar pudiese,
Interés muy mayor del que ganara,
Si al Capitán más tiempo detuviese.
Él, viendo que sería estultez clara
Que nuevamente a la ciudad volviese,
Después que a sus galeras ha llegado
Estar se deja en ellas descansado.

VIII, 96 (Carmen Caballero Martínez)

En ellas quieto está, si cuidadoso
Hasta ver lo que el tiempo trae consigo;
Que no se fía más del codicioso

Regidor, ya corrupto y enemigo.
Hora aquí vea el ánimo juicioso
Cuánto puede en el rico y el mendigo
El interés y sórdida fatiga
Del dinero, que a todos nos obliga.

VIII, 97 (Carmen Caballero Martínez)

Por hacerse señor el Rey Treicio
De gran riqueza, mata a Polidoro;
Entra por el fortísimo edificio
A la hija de Acrisio lluvia de oro;
Tanto puede en Tarpeya avaro vicio,
Que, a trueque de extranjero vil tesoro,
Entrega al enemigo el muro aciago,
Entre el cual, casi ahogada, muere en pago.

VIII, 98 (Carmen Caballero Martínez)

¡El interés! Él rinde armas caudales,
El inicuo y traidor vuelve al amigo;
Él hace a nobles madres desleales,
Y Capitanes rinde al enemigo:
Él corrompe purezas virginales,
Sin temer honra, fama, ni castigo;
Él deprava a veces las ciencias,
Cegando los juicios y conciencias.

VIII, 99 (Carmen Caballero Martínez)

Él interpreta más que sutilmente
Textos, y leyes forja, y las deshace;
Él los perjurios causa entre la gente;
A los Reyes a veces monstruos hace;
Y hasta aquellos que solo a Dios clemente

Se dedican, oireis que se complace,
En corromper, al pie de sus laúdes,
No sin color entones de virtudes.

CANTO NONO

IX, 1 (Carolina Gil Rostra)

Tiveram longamente na cidade,
Sem vender-se, a fazenda os dois feitores,
Que os infieis, por manha e falsidade,
Fazem que não lha comprem mercadores;
Que todo seu propósito e vontade
Era deter ali os descobridores
Da Índia tanto tempo que viessem
De Meca as naus, que as suas desfizessem.

IX, 2 (Carolina Gil Rostra)

Lá no seio Eritreu, onde fundada
Arsínoe foi do Egípcio Ptolomeu,
(Do nome da irmã sua assim chamada,
Que depois em Suez se converteu),
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceu
Com a superstição falsa e profana
Da religiosa água Maumetana.

IX, 3 (Carolina Gil Rostra)

Gidá se chama o porto aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florescia,

De que tinha proveito grande e grato
O Soldão que esse Reino possuía.
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infiéis, formosa companhia
De grandes naus, pelo índico Oceano,
Especiaria vem buscar cada ano.

IX, 4 (Carolina Gil Rostra)

Por estas naus os Mouros esperavam,
Que, como fossem grandes e possantes,
Aquelas, que o comércio lhe tomavam,
Com flamas abrasassem crepitantes.
Neste socorro tanto confiavam
Que já não querem mais dos navegantes
Senão que tanto tempo ali tardassem
Que da famosa Meca as naus chegassem.

IX, 5 (Carolina Gil Rostra)

Mas o Governador dos céus e gentes,
Que, para quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a efeito o fim fadado,
Influiu piedosos acidentes
De afeição em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraíso.

IX, 6 (Carolina Gil Rostra)

Este, de quem se os Mouros não guardavam,
Por ser Mouro como eles (antes era
Participante em quanto maquinavam),
A tenção lhe descobre torpe e fera.

Muitas vezes as naus que longe estavam
Visita, e com piedade considera
O dano sem razão que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

IX, 7 (Carolina Gil Rostra)

Informa o cauto Gama das armadas
Que de Arábica Meca vêm cada ano,
Que agora são dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento deste dano.
Diz-lhe que vêm de gente carregadas
E dos trovões horrendos de Vulcano,
E que pode ser delas oprimido,
Segundo estava mal apercebido.

IX, 8 (Julia Aranzazu Ramos Sevillano)

O Gama, que também considerava
O tempo que para a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Melhor do Rei, que os Maumetanos ama,
Aos feitores que em terra estão, mandava
Que se tornem às naus; e, por que a fama
Desta súbita vinda os não impeça,
Lhe manda que a fizessem escondida.

IX, 9 (Julia Aranzazu Ramos Sevillano)

Porém não tardou muito que, voando,
Um rumor não soasse com verdade:
Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sábio Capitão, com brevidade

Faz represária nuns que às naus vieram
A vender a pedraria que trouxeram.

IX, 10 (Julia Aranzazu Ramos Sevillano)

Eram estes antigos mercadores
Ricos em Calecu e conhecidos;
Da falta deles, logo entre os melhores
Sentido foi que estão no mar retidos.
Mas já nas naus os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante e, repartidos
Pelo trabalho, uns puxam pela amarra,
Outros quebram co peito duro a barra,

IX, 11 (Julia Aranzazu Ramos Sevillano)

Outros pendem da verga e já desatam
A vela, que com grita se soltava,
Quando, com maior grita, ao Rei relatam
A pressa com que a armada se levava.
As mulheres e filhos, que se matam,
Daqueles que vão presos, onde estava
O Samorim se queixam que perdidos
Uns têm os pais, as outras os maridos.

IX, 12 (Julia Aranzazu Ramos Sevillano)

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda, livremente,
Apesar dos inimigos Maumetanos,
Por que lhe torne a sua presa gente.
Desculpas manda o Rei de seus enganos;
Recebe o Capitão de melhormente
Os presos que as desculpas e, tornando
Alguns negros, se parte, as velas dando.

IX, 13 (Julia Aranzazu Ramos Sevillano)

Parte-se costa abaixo, porque entende
Que em vão co Rei gentio trabalhava
Em querer dele paz, a qual pretende
Por firmar o comércio que tratava.

Mas como aquela terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna à pátria cara,
Certos sinais levando do que achara.

IX, 14 (Julia Aranzazu Ramos Sevillano)

Leva alguns Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samorim mandara
Quando os presos feitores lhe tornou;
Leva pimenta ardente, que comprara;
A seca flor de Banda não ficou,
A noz e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, coa canela
Com que Ceilão é rica, ilustre e bela.

IX, 15 (M^a Rosa Álvarez Sellers)

Isto tudo lhe houvera a diligêcia
De Monçaide fiel, que também leva,
Que, inspirado de Angélica influêcia,
Quer no livro de Cristo que se escreva.
Ó ditoso Africano, que a clemêcia
Divina assim tirou de escura treva,
E tão longe da pátria achou maneira
Para subir à pátria verdadeira!

IX, 16 (M^a Rosa Álvarez Sellers)

Apartadas assim da ardente costa
As venturosa naus, levando a proa
Para onde a Natureza tinha posta
A meta Austrina da Esperança Boa,
Levando alegres novas e resposta
Da parte Oriental para Lisboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, tímidos e ledos.

IX, 17 (M^a Rosa Álvarez Sellers)

O prazer de chegar à pátria cara,
A seus penates caros e parentes,
Para contar a peregrina e rara
Navegação, os vários céus e gentes;
Vir a lograr o prémio, que ganhara,
Por tão longos trabalhos e acidentes,
Cada um tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para ele é vaso estreito.

IX, 18 (M^a Rosa Álvarez Sellers)

Porém a deusa Cípria, que ordenada
Era, para favor dos Lusitanos,
Do Padre eterno, e por bom génio dada,
Que sempre os guia já de longos anos;
A glória por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes, alegria.

IX, 19 (M^a Rosa Álvarez Sellers)

Depois de ter um pouco revolvido
Na mente o largo mar que navegaram,

Os trabalhos, que pelo Deus nascido
Nas Anfíoneas Tebas se causaram,
Já trazia de longe no sentido,
Para prémio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso,
No Reino de cristal, líquido e manso;

IX, 20 (M^a Rosa Álvarez Sellers)

Algum repouso, enfim, com que pudesse
Refocilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho que encurta a breve idade.
Parece-lhe razão que conta desse
A seu filho, por cuja potestade
Os Deuses faz descer ao vil terreno
E os humanos subir ao céu sereno.

IX, 21 (M^a Rosa Álvarez Sellers)

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe aparelhada, lá no meio
Das águas, alguma ínsula divina,
Ornada de esmaltado e verde arreio;
Que muitas tem no reino que confina
Da mãe primeira co terreno seio,
Afora as que possui soberanas
Para dentro das portas Herculanas.

IX, 22 (Célia Maria Guido Mendes)

Ali quer que as aquáticas donzelas
Esperem os fortíssimos barões
(Todas as que têm título de belas,
Glória dos olhos, dor dos corações)

Com danças e coreias, porque nelas
Influirá secretas afeições,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se afeiçoarem.

IX, 23 (Célia Maria Guido Mendes)

Tal manha buscou já para que aquele
Que de Anquises pariu, bem recebido
Fosse no campo que a bovina pele
Tomou de espaço, por subtil partido.
Seu filho vai buscar, porque só nele
Tem todo seu poder, fero Cupido,
Que, assim como naquela empresa antiga
A ajudou já, nestoura a ajude e siga.

IX, 24 (Célia Maria Guido Mendes)

No carro ajunta as aves que na vida
Vão da morte as exéquias celebrando,
E aquelas em que já foi convertida
Perístera, as boninas apanhando.
Em derredor da Deusa, já partida,
No ar lascivos beijos se vão dando.
Ela, por onde passa, o ar e o vento
Sereno faz, com brando movimento.

IX, 25 (Célia Maria Guido Mendes)

Já sobre os Idálios montes pende,
Onde o filho frecheiro estava então,
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer uma famosa expedição
Contra o mundo rebelde, por que emende
Erros grandes, que há dias nele estão,

Amando cousas que nos foram dadas,
Não para ser amadas, mas usadas.

IX, 26 (Célia Maria Guido Mendes)

Via Actéon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que, por seguir um feio animal fero,
Foge da gente e bela forma humana;
E por castigo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana.
(E guarde-se não seja ainda comido
Desses cães que agora ama, e consumido).

IX, 27 (Célia Maria Guido Mendes)

Evê do mundo todo os principais
Que nenhum no bem púbrico imagina;
Vê neles que não têm amor a mais
Que a si somente, e a quem Filáucia ensina.
Vê que esses que frequentam os reais
Paços, por verdadeira e sã doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florescente.

IX, 28 (Célia Maria Guido Mendes)

Vê que aqueles que devem à pobreza
Amor divino e ao povo caridade,
Amam somente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade.
Da feia tirania e de aspereza
Fazem direito e vã severidade;
Leis em favor do Rei se estabelecem,
As em favor do povo só perecem.

IX, 29 (Carina Mourão Pires dos Santos)

Vê, enfim, que ninguém ama o que deve,
Senão o que somente mal deseja;
Não quer que tanto tempo se releve
O castigo que duro e justo seja.
Seus ministros ajunta, por que leve
Exércitos conformes à peleja
Que espera ter coa mal regida gente
Que lhe não for agora obediente.

IX, 30 (Carina Mourão Pires dos Santos)

Muitos destes meninos voadores
Estão em várias obras trabalhando:
Uns amolando ferros passadores,
Outros hásteas de setas delgaçando;
Trabalhando, cantando estão de amores,
Vários casos em verso modulando;
Melodia sonora e concertada,
Suave a letra, angélica a soada.

IX, 31 (Carina Mourão Pires dos Santos)

Nas frágoas imortais onde forjavam
Para as setas as pontas penetrantes,
Por lenha corações ardendo estavam,
Vivas entradas ainda palpitantes.
As águas onde os ferros temperavam,
Lágrimas são de míseros amantes;
A viva flama, o nunca morto lume,
Desejo é só que queima e não consume.

IX, 32 (Carina Mourão Pires dos Santos)

Alguns exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe ruda;
Crebros suspiros pelo ar soavam
Dos que feridos vão da seta aguda.
Formosas Ninfas são as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não somente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os ainda não nascidos.

IX, 33 (Carina Mourão Pires dos Santos)

Formosas são algumas e outras feias,
Segundo a qualidade for das chagas,
Que o veneno espalhado pelas veias
Curam-no às vezes ásperas triagas.
Alguns ficam ligados em cadeias
Por palavras subtis de sábias magas:
Isto acontece às vezes, quando as setas
Acertam de levar ervas secretas.

IX, 34 (Carina Mourão Pires dos Santos)

Destes tiros assim desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido miserando;
E também nos heróis de altos estados
Exemplos mil se vêem de amor nefando,
Qual o das moças Bíbli e Cinireia,
Um mancebo de Assíria, um de Judeia.

IX, 35 (Carina Mourão Pires dos Santos)

E vós, ó poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes;

E por baixos e rudos, vós, senhoras,
Também vos tomam nas Vulcâneas redes.
Uns esperando andais noturnas horas,
Outros subis telhados e paredes;
Mas eu creio que deste amor indino
É mais culpa a da mãe que a do menino.

IX, 36 (Fernando Marques Pinhal)

Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cisnes mansamente;
E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, descia diligente.
O frecheiro, que contra o céu se atreve,
A recebê-la vem, ledo e contente;
Vêm todos os Cupidos servidores
Beijar a mão à Deusa dos amores.

IX, 37 (Fernando Marques Pinhal)

Ela, por que não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: «Amado filho, em cuja mão
Toda minha potência está fundada;
Filho, em quem minhas forças sempre estão,
Tu, que as armas Tifeias tens em nada,
A socorrer-me a tua potestade
Me traz especial necessidade.

IX, 38 (Fernando Marques Pinhal)

»Bem vês as Lusitânicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei, minhas amigas,
Que me hão de venerar e ter em preço.

E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me ofereço
A lhe dar tanta ajuda, em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

IX, 39 (Fernando Marques Pinhal)

»E porque das insídias do odioso
Baco foram na Índia molestados,
E das injúrias sós do mar undoso
Puderam mais ser mortos que cansados,
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados,
Tomando aquele prémio e doce glória
Do trabalho que faz clara a memória.

IX, 40 (Fernando Marques Pinhal)

»E para isso queria que, feridas
As filhas de Nereu no ponto fundo,
De amor dos Lusitanos incendidas,
Que vêm de descobrir o novo mundo,
Todas numa ilha juntas e subidas,
(Ilha que nas entranhas do profundo
Oceano terei aparelhada,
De dões de Flora e Zéfiro adornada);

IX, 41 (Fernando Marques Pinhal)

»Ali, com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoríferos e rosas,
Em cristalinos paços singulares,
Formosos leitos, e elas mais formosas;
Enfim, com mil deleites não vulgares,
Os esperem as Ninfas amorosas,

De amor feridas, para lhe entregarem
Quanto delas os olhos cobiçarem.

IX, 42 (Fernando Marques Pinhal)

»Quero que haja no reino Neptunino,
Onde eu nasci, progénie forte e bela;
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potência se rebela,
Por que entendam que muro adamantino,
Nem triste hipocrisia val contra ela;
Mal haverá na terra quem se guarde
Se teu fogo imortal nas águas arde.».

IX, 43 (Sofia Cristina Gomes da Silva)

Assim Vénus propôs; e o filho inico,
Para lhe obedecer, já se apercebe:
Manda trazer o arco ebúrneo rico,
Onde as setas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledo a Cípria, e impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe;
A rédea larga às aves, cujo canto
A Faetonteia morte chorou tanto.

IX, 44 (Sofia Cristina Gomes da Silva)

Mas diz Cupido que era necessária
Uma famosa e célebre terceira,
Que, posto que mil vezes lhe é contrária,
Outras muitas a tem por companheira:
A Deusa Giganteia, temerária,
Jactante, mentirosa e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e, por onde voa,
O que vê, com mil bocas apregoa.

IX, 45 (Sofia Cristina Gomes da Silva)

Vão-na buscar e mandam-na diante,
Que celebrando vá com tuba clara
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os d'outrem celebrara.
Já murmurando, a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhara;
Fala verdade, havida por verdade,
Que junto a Deusa traz Credulidade.

IX, 46 (Sofia Cristina Gomes da Silva)

O louvor grande, o rumor excelente,
No coração dos Deuses que indignados
Foram por Baco contra a ilustre gente,
Mudando, os fez um pouco afeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quaisquer propósitos tomados,
Já julga por mau zelo e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

IX, 47 (Sofia Cristina Gomes da Silva)

Despede nisto o fero moço as setas
Uma após outra: gême o mar cos tiros;
Direitas pelas ondas inquietas
Algumas vão, e algumas fazem giros;
Caem as Ninfas, lançam das secretas
Entranhas ardentíssimos suspiros;
Cai qualquer, sem ver o vulto que ama,
Que tanto como a vista pode a fama.

IX, 48 (Sofia Cristina Gomes da Silva)

Os cornos ajuntou da ebúrnea lua,
Com força, o moço indómito, excessiva,
Que Tétis quer ferir mais que nenhūa,
Porque mais que nenhūa lhe era esquia.

Já não fica na aljava seta algūa,
Nem nos equóreos campos Ninfā viva;
E se, feridas, ainda estão vivendo,
Será para sentir que vão morrendo.

IX, 49 (Sofia Cristina Gomes da Silva)

Dai lugar, altas e cerúleas ondas,
Que, vedes, Vénus traz a medicina,
Mostrando as brancas velas e redondas,
Que vêm por cima da água Neptunina.

Para que tu recíproco respondas,
Ardente Amor, à flama feminina,
É forçado que a pudicícia honesta
Faça quanto lhe Vénus amoesta.

IX, 50 (Mónica EOI Alicante)

Já todo o belo coro se aparelha
Das Nereidas, e junto caminhava
Em coreias gentis, usança velha,
Para a ilha a que Vénus as guiava.
Ali a formosa Deusa lhe aconselha
O que ela fez mil vezes, quando amava.
Elas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho oferecidas.

IX, 51 (Mónica EOI Alicante)

Cortando vão as naus a larga via
Do mar ingente para a pátria amada,

Desejando prover-se de água fria,
Para a grande viagem prolongada,
Quando, juntas, com súbita alegria,
Houveram vista da ilha namorada,
Rompendo pelo céu a mãe formosa
De Menónio, suave e deleitosa.

IX, 52 (Mónica EOI Alicante)

De longe a Ilha viram, fresca e bela,
Que Vénus pelas ondas lha levava
(Bem como o vento leva branca vela)
Para onde a forte armada se enxergava;
Que, por que não passassem, sem que nela
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as naus navegam a movia
A Acidália, que tudo, enfim, podia.

IX, 53 (Mónica EOI Alicante)

Mas firme a fez e imóvel, como viu
Que era dos Nautas vista e demandada;
Qual ficou Delos, tanto que pariu
Latona Febo e a Deusa à caça usada.
Para lá logo a proa o mar abriu,
Onde a costa fazia uma enseada
Curva e quieta, cuja branca areia,
Pintou de ruivas conchas Citereia.

IX, 54 (Mónica EOI Alicante)

Três formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramíneo esmalte se adornavam,
Na formosa ilha alegre e deleitosa;

Claras fontes e límpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa linfa fugitiva.

IX, 55 (Mónica EOI Alicante)

Num vale ameno, que os outeiros fende,
Vinhama as claras águas ajuntar-se,
Onde uma mesa fazem, que se estende
Tão bela quanto pode imaginar-se;
Arvoredo gentil sobre ela pende,
Como que pronto está para afeitar-se,
Vendo-se no cristal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

IX, 56 (Mónica EOI Alicante)

Mil árvores estão ao céu subindo,
Com pomos odoríferos e belos:
A laranjeira tem no fruto lindo
A cor que tinha Dafne nos cabelos;
Encosta-se no chão, que está caindo,
A cidreira cos pesos amarelos;
Os formosos limões ali cheirando,
Estão virgíneas tetas imitando.

IX, 57 (Rui Jorge Torneiros do Carmo)

As árvores agrestes, que os outeiros
Têm com frondente coma ennobrecedos,
Álemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro Deus amados e queridos;
Mirtos de Citereia, cos pinheiros
De Cibele, por outro amor vencidos;

Está apontando o agudo cipariso
Para onde é posto o etéreo Paraíso.

IX, 58 (Rui Jorge Torneiros do Carmo)

Os dões que dá Pomona ali Natura
Produze, diferentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ela se dão muito melhores:
As cerejas purpúreas na pintura,
As amoras, que o nome têm de amores,
O pomo que da pátria Pérsia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

IX, 59 (Rui Jorge Torneiros do Carmo)

Abre a romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
Vide, cuns cachos roxos e outros verdes;
E vós, se na vossa árvore fecunda,
Peras piramidais, viver quiserdes,
Entregai-vos ao dano que cos bicos
Em vós fazem os pássaros inicos.

IX, 60 (Rui Jorge Torneiros do Carmo)

Pois a tapeçaria bela e fina
Com que se cobre o rústico terreno,
Faz ser a de Aqueménia menos dina,
Mas o sombrio vale mais ameno.
Ali a cabeça a flor Cifisia inclina
Sôbolo tanque lúcido e sereno;
Floresce o filho e neto de Ciniras,
Por quem tu, Deusa Páfia, inda suspiras.

IX, 61 (Rui Jorge Torneiros do Carmo)

Para julgar, difícil coisa fora,
No céu vendo e na terra as mesmas cores,
Se dava às flores cor a bela Aurora,
Ou se lha dão a ela as belas flores.
Pintando estava ali Zéfiro e Flora
As violas da cor dos amadores,
O lírio roxo, a fresca rosa bela,
Qual reluze nas faces da donzela;

IX, 62 (Rui Jorge Torneiros do Carmo)

A cândida cecém, das matutinas
Lágrimas rociada, e a manjerona.
Vêem-se as letras nas flores Hiacintinas,
Tão queridas do filho de Latona.
Bem se enxerga nos pomos e boninas
Que competia Clóris com Pomona.
Pois, se as aves no ar cantando voam,
Alegres animais o chão povoam.

IX, 63 (Rui Jorge Torneiros do Carmo)

Ao longo da água o níveo cisne canta;
Responde-lhe do ramo filomela;
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n'água cristalina e bela;
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou tímida gazela;
Ali no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve passarinho.

IX, 64 (Pedro Jorge Marques Guerra)

Nesta frescura tal desembarcavam
Já das naus os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as belas Deusas, como incautas.

Algumas, doces cítaras tocavam,
Algumas, harpas e sonoras flautas;
Outras, cos arcos de ouro se fingiam
Seguir os animais, que não seguiam.

IX, 65 (Pedro Jorge Marques Guerra)

Assim lhe aconselhara a mestra experta;
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que, vista dos barões a presa incerta,
Se fizessem primeiro desejas.
Algumas, que na forma descoberta
Do belo corpo estavam confiadas,
Posta a artifiosa formosura,
Nuas lavar-se deixam na água pura.

IX, 66 (Pedro Jorge Marques Guerra)

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés, de terra cobiçosos
(Que não há nenhum deles que não saia),
De acharem caça agreste desejosos,
Não cuidam que, sem laço ou redes, caia
Caça naqueles montes deleitosos,
Tão suave, doméstica e benina,
Qual ferida lha tinha já Ericina.

IX, 67 (Pedro Jorge Marques Guerra)

Alguns, que em espingardas e nas bestas
Para ferir os cervos se fiavam,

Pelos sombrios matos e florestas
Determinadamente se lançavam;
Outros, nas sombras, que de as altas sestas
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da água, que, suave e queda,
Por alvas pedras corre à praia leda.

IX, 68 (Pedro Jorge Marques Guerra)

Começam de enxergar subitamente,
Por entre verdes ramos, várias cores,
Cores de quem a vista julga e sente
Que não eram das rosas ou das flores,
Mas da lã fina e seda diferente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais formosas.

IX, 69 (Pedro Jorge Marques Guerra)

Dá Veloso, espantado, um grande grito:
«Senhores, caça estranha (disse) é esta!
Se ainda dura o Gentio antigo rito,
A Deusas é sagrada esta floresta.
Mais descobrimos do que humano espírito
Desejou nunca, e bem se manifesta
Que são grandes as coisas e excelentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

IX, 70 (Pedro Jorge Marques Guerra)

»Sigamos estas Deusas e vejamos
Se fantásticas são, se verdadeiras.»
Isto dito, velozes mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.

Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos,
Mas, mais industriosas que ligeiras,
Pouco e pouco, sorrindo e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

IX, 71 (Maria Ricardina Sampaio Gonçalves)

De uma os cabelos de ouro o vento leva,
Correndo, e de outra as fraldas delicadas;
Acende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes, súbito mostradas;
Uma de indústria cai, e já releva,
Com mostras mais macias que indignadas,
Que sobre ela, empecendo, também caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

IX, 72 (Maria Ricardina Sampaio Gonçalves)

Outros, por outra parte, vão topar
Com as Deusas despidas, que se lavam;
Elas começam súbito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam.
Umas, fingindo menos estimar
A vergonha que a força, se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que às mãos cobiçosas vão negando.

IX, 73 (Maria Ricardina Sampaio Gonçalves)

Outra, como acudindo mais depressa
À vergonha da Deusa caçadora,
Esconde o corpo n'água; outra se apressa
Por tomar os vestidos que tem fora.
Tal dos mancebos há que se arremessa,
Vestido assim e calçado (que, coa mora

De se despir, há medo que ainda tarde)
A matar na água o fogo que nele arde.

IX, 74 (Maria Ricardina Sampaio Gonçalves)

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na água a ave ferida,
Vendo ò rosto o férreo cano erguido
Para a garcenha ou pata conhecida,
Antes que soe o estouro, mal sofrido
Salta n'água e da presa não duvida,
Nadando vai e latindo: assim o mancebo
Remete à que não era irmã de Febo.

IX, 75 (Maria Ricardina Sampaio Gonçalves)

Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavaleiro e namorado,
A quem amor não dera um só desgosto
Mas sempre fora dele mal tratado,
E tinha já por firme pressuposto
Ser com amores mal afortunado,
Porém não que perdesse a esperança
De ainda poder seu fado ter mudança,

IX, 76 (Maria Ricardina Sampaio Gonçalves)

Quis aqui sua ventura, que corria
Após Efíre, exemplo de beleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deu, para dar-se, a natureza.
Já cansado, correndo, lhe dizia:
«Ó formosura indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera um corpo de quem levas a alma!

IX, 77 (Maria Ricardina Sampaio Gonçalves)

»Todas de correr cansam, Ninfá pura,
Rendendo-se à vontade do inimigo,
Tu só de mi só foges na espessura?
Quem te disse que eu era o que te sigo?
Se to tem dito já aquela ventura
Que em toda a parte sempre anda comigo,
Ó não na creias, porque eu, quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

IX, 78 (Célia Helena Carneiro Fraga)

»Não canses, que me cansas! E se queres
Fugir-me, por que não possa tocar-te,
Minha ventura é tal que, ainda que esperes,
Ela fará que não possa alcançar-te.
Espora; quero ver, se tu quiseres,
Que subtil modo busca de escapar-te;
E notarás, no fim deste sucesso,
Tra la spica e la man, qual muro he messo.

IX, 79 (Célia Helena Carneiro Fraga)

»Ó, não me fujas! Assim nunca o breve
Tempo fuja de tua formosura;
Que, só com refrear o passo leve,
Vencerás da fortuna a força dura.
Que emperador, que exército se atreve
A quebrantar a fúria da ventura
Que, em quanto desejei, me vai seguindo,
O que tu só farás não me fugindo!

IX, 80 (Célia Helena Carneiro Fraga)

»Pões-te da parte da desdita minha?
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.
Levas-me um coração que livre tinha?
Solta-mo e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tão mesquinha
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou, depois de presa,
Lhe mudaste a ventura e menos pesa?

IX, 81 (Célia Helena Carneiro Fraga)

»Nesta esperança só te vou seguindo:
Que ou tu não sofrerás o peso dela,
Ou na virtude de teu gesto lindo
Lhe mudarás a triste e dura estrela.
E se se lhe mudar, não vás fugindo,
Que Amor te ferirá, gentil donzela,
E tu me esperarás, se Amor te fere;
E se me esperas, não há mais que espere.».

IX, 82 (Célia Helena Carneiro Fraga)

Já não fugia a bela Ninfá tanto,
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas mágoas que dizia.
Volvendo o rosto, já sereno e santo,
Toda banhada em riso e alegria,
Cair se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

IX, 83 (Célia Helena Carneiro Fraga)

Ó que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que soava!

Que afagos tão suaves, que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhã e na sesta,
Que Vénus com prazeres inflamava,
Melhor é experimentá-lo que julgá-lo;
Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo.

IX, 84 (Célia Helena Carneiro Fraga)

Destarte, enfim, conformes já as formosas
Ninfas cos seus amados navegantes,
Os ornam de capelas deleitosas
De louro e de ouro e flores abundantes.
As mãos alvas lhes davam como esposas;
Com palavras formais e estipulantes
Se prometem eterna companhia,
Em vida e morte, de honra e alegria.

IX, 85 (Ana Gravata Ramos)

Uma delas maior, a quem se humilha
Todo o coro das Ninfas e obedece,
Que dizem ser de Celo e Vesta filha,
O que no gesto belo se parece,
Enchendo a terra e o mar de maravilha,
O Capitão ilustre, que o merece,
Recebe ali com pompa honesta e régia,
Mostrando-se senhora grande e egrégia.

IX, 86 (Ana Gravata Ramos)

Que, depois de lhe ter dito quem era,
Cum alto exórdio, de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender que ali viera
Por alta influição do imóvel fado,

Para lhe descobrir da unida esfera
Da terra imensa e mar não navegado
Os segredos, por alta profecia,
O que esta sua nação só merecia,

IX, 87 (Ana Gravata Ramos)

Tomando-o pela mão, o leva e guia
Para o cume dum monte alto e divino,
No qual uma rica fábrica se erguia,
De cristal toda e de ouro puro e fino.
A maior parte aqui passam do dia,
Em doces jogos e em prazer contíno.
Ela nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras, entre as flores.

IX, 88 (Ana Gravata Ramos)

Assim a formosa e a forte companhia
O dia quase todo estão passando
Numa alma, doce, incógnita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando.
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está guardando
O prémio lá no fim, bem merecido,
Com fama grande e nome alto e subido.

IX, 89 (Ana Gravata Ramos)

Que as Ninfas do Oceano tão formosas,
Tétis e a ilha angélica pintada,
Outra cousa não é que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada.
Aquelhas proeminências gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroada

De palma e louro, a glória e maravilha,
Estes são os deleites desta ilha.

IX, 90 (Ana Gravata Ramos)

Que as imortalidades que fingia
A antiguidade, que os ilustres ama,
Lá no estelante Olimpo, a quem subia
Sobre as asas ínclitas da Fama,
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trabalho imenso que se chama
Caminho da virtude, alto e fragoso,
Mas, no fim, doce, alegre e deleitoso,

IX, 91 (Ana Gravata Ramos)

Não eram senão prémios que reparte,
Por feitos imortais e soberanos,
O mundo cos varões que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos.
Que Júpiter, Mercúrio, Febo e Marte,
Eneias e Quirino e os dois Tebanos,
Ceres, Palas e Juno, com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

IX, 92 (Burghard Baltrusch)

Mas a Fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no mundo nomes tão estranhos
De Deuses, Semideuses, imortais,
Indígetes, Heróicos e de Magnos.
Por isso, ó vós que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do sono do ócio ignavo,
Que o ânimo, de livre, faz escravo.

IX, 93 (Burghard Baltrusch)

E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vício da tirania infame e urgente;
Porque essas honras vãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão à gente:
Melhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.

IX, 94 (Burghard Baltrusch)

Ou dai na paz as leis iguais, constantes,
Que aos grandes não dêem o dos pequenos;
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos inimigos Sarracenos:
Fareis os Reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais e nenhum menos:
Possuireis riquezas merecidas
Com as honras que ilustram tanto as vidas.

IX, 95 (Burghard Baltrusch)

E fareis claro o Rei que tanto amais,
Agora cos conselhos bem cuidados,
Agora coas espadas, que imortais
Vos farão, como os vossos já passados;
Impossibilidades não façais,
Que quem quis, sempre pôde; e numerados
Sereis entre os Heróis esclarecidos,
E nesta Ilha de Vénus recebidos.

CANTO DÉCIMO

X, 1 (Burghard Baltrusch)

Mas já o claro amador da Larisseia
Adúltera inclinava os animais
Lá pera o grande lago que rodeia
Temistitão nos fins Ocidentais;
O grande ardor do Sol Favónio enfreia
Co sopro que nos tanques naturais
Encrespa a água serena e despertava
Os lírios e jasmins, que a calma agrava,

X, 2 (Burghard Baltrusch)

Quando as fermosas Ninfas, cos amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam pera os paços radiantes
E de metais ornados reluzentes,
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d'altos manjares excelentes
Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

X, 3 (Burghard Baltrusch)

Ali, em cadeiras ricas, cristalinas,
Se assentam dous e dous, amante e dama;
Noutras, à cabeceira, d'ouro finas,
Está coa bela Deusa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a Egípcia antiga fama ,
Se acumulam os pratos de fulvo ouro,

Trazidos lá do Atlântico tesouro.

X, 4 (Laura González Valiente)

Los vinos odoríferos que encima
De las mesas se ven, no de Falerno,
De la Ambrosía son que tanto estima
Jove en el divo coro sempiterno;
Los vasos de labor dó no entra lima,
Alzan crespas espumas que a lo interno
Del corazon dan súbita alegría,
Saltando misturadas de agua fría.

X, 5 (Laura González Valiente)

Mil pláticas alegres se contaban;
Dulce risa sutil, dicho jocundo,
Entre uno y otro plato, despertaban
Apetito y contento sin segundo;
Y acordes instrumentos resonaban,
Que a las desnudas almas del profundo
Hicieran suavizar la eterna pena,
La voz siguiendo de inmortal Sirena.

X, 6 (Laura González Valiente)

Cantaba la deidad, y a los acentos
Que por los altos techos van sonando,
En consonancia igual los instrumentos
Siguen suaves, sus tonos concertando;
Ponen silencio súbito los vientos,
Y hacen ir mansamente murmurando
Las aguas, y en las casas naturales
Aduermen a los fieros animales.

X, 7 (Laura González Valiente)

Con dulce voz levanta al Empiréo
Altos varones que vendrán al mundo,
Cuyas nobles figuras vio Protéo
En vano globo diáfano y rotundo,
En sueño concedido a su deseo
Por Jove, él despues al mar profundo
Lo dijo, en vaticinio, y la memoria
Guardó esta ninfa de la clara historia.

X, 8 (Laura González Valiente)

Asunto es alto, y de valor no poco,
Lo que aprendió la ninfa en el gran lago,
Como Jopas un tiempo, o Demodoco,
El uno en la Feacia, otro en Cartago.
Hora, Calíope mía, aquí te invoco
De este trabajo al fin, para que en pago
Me des de lo que escribo (¿qué pretendo?)
El gusto de escribir, que voy perdiendo.

X, 9 (Laura González Valiente)

Van los años corriendo, y del estío
Me queda espacio que pasar pequeño:
La Fortuna mi ingenio torna frío,
Y ya en jactarme de él no pongo empeño:
Los disgustos me van llevando al río
Del negro olvido y del eterno sueño.
Mas dame tú cumplir, Musa del canto,
Lo que debo a mi patria, que amo tanto.

X, 10 (Laura González Valiente)

Cantaba la doncella que vendrían

Del Tajo, por los mares que abrió Gama,
Flotas que las riberas vencerían
Por dó el índico Océano se derrama;
Y que los Reyes que negar querían
Al yugo su cerviz, la ardiente llama
Del valor probarían duro y fuerte,
Hasta rendirse o recibir la muerte.

X, 11 (Fina Muñoz)

Cantaba de uno, entre altos Malabares,
Gran sacerdote de sus cultos rudos,
Que solo por guardar los singulares
Que estrechó con nosotros caros nudos,
Sufrirá ver sus campos y lugares,
Con incendios, furor y horrores crudos,
Servir de pasto al Samorim potente,
Por odio inmenso hacia la Lusa gente.

X, 12 (Fina Muñoz)

Y canta cómo pronto le llegare
De Belém a este mal remedio sano
Cuando, sin conocerlo, el mar llevare
Al gran Pacheco, Aquiles Lusitano.
Su peso sentirá cuando empujare,
La vasta mole al férvido Océano
Los troncos que en el mar quejas exhalan,
Porque contra natura allí los calan.

X, 13 (Fina Muñoz)

Y llegado a las playas Orientales,
Y del Rey de Cochim dejando al brío
Ayuda, y a sus pocos naturales

En brazos del salado y corvo río,
Hará estrago en los Naires infernales,
De Cambál en el paso, dando frío
Miedo al ardor inmenso del Oriente
De ver que tanto obró tan poca gente.

X, 14 (Fina Muñoz)

Llamará el Samorim más gente nueva:
De Bipúr vendrá el Rey, y el de Tanores;
Vendrán los de Narsinga, que alta prueba
Prometerán de esfuerzo a sus señores;
Hará que todo Naire, en fin, se mueva
Morador de Calcuta a Cananores,
Y que al común contrario hagan la guerra
Moros por mar, Indianos por la tierra.

X, 15 (Fina Muñoz)

Y por tierra y por mar desbaratando
A todos otra vez Pacheco erguido,
La grande multitud que irá matando,
Enterito al Malabar tendrá aturdido;
Y volverá el Gentil de nuevo, dando
Combate tras combate enfurecido,
Injuriando a la paz y haciendo votos
A sus dioses que ve sordos e inmotos.

X, 16 (Fina Muñoz)

Y no solo en defensas y reparos
Lidiará, mas quemando templos, casas;
e inceso el can de rabia, al ver preclaros
A los que sus ciudades dejan rasas,
Hará que los de vida poco avaros,

Por dos pasos a un tiempo, con sus masas
Embistan a Pacheco que, corriendo
De una a otra, lo irá todo rompiendo.

X, 17 (Fina Muñoz)

Canta que el mismo Rey irá en persona
A ver la lid por que a su gente anime;
Mas que un rugir tronante de Belona
Le tiñe en sangre, y su furor reprime;
Que no hay defensa a la imperial corona,
Ni resistencia que Pacheco estime;
Y apresta el Samorín artes, venenos;
Mas Dios lo quiere, y cada vez va a menos.

X, 18 (José Meirinhos)

Que tornará a vez séptima (cantava)
Pelejar co invicto e forte Luso,
A quem nenhum trabalho pesa e agrava;
Mas, contudo, este só o fará confuso.
Trará pera a batalha, horrenda e brava,
Máquinas de madeiros fora de uso,
Pera lhe abalroar as caravelas,
Que até li vāo lhe fora cometê-las.

X, 19 (José Meirinhos)

Pela águia levará serras de fogo
Pera abrasar-lhe quanta armada tenha;
Mas a militar arte e engenho logo
Fará ser vā a braveza com que venha.
- «Nenhum claro barão no Márcio jogo,
Que nas asas da Fama se sustenha,
Chega a este, que a palma a todos toma.

E perdoe-me a ilustre Grécia ou Roma.

X, 20 (José Meirinhos)

»Porque tantas batalhas, sustentadas
Com muito pouco mais de cem soldados,
Com tantas manhas e artes inventadas,
Tantos Cães não imbeles profligados,
Ou parecerão fábulas sonhadas,
Ou que os celestes Coros, invocados,
Decerão a ajudá-lo e lhe darão
Esforço, força, ardil e coração.

X, 21 (José Meirinhos)

»Aquele que nos campos Maratónios
O grão poder de Dário estrui e rende,
Ou quem, com quatro mil Lacedemónios,
O passo de Termópilas defende,
Nem o mancebo Cocles dos Ausónios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defensa da ponte, ou Quinto Fábio,
Foi como este na guerra forte e sábio.».

X, 22 (José Meirinhos)

Mas neste passo a Ninfá, o som canoro
Abaxando, fez ronco e entristecido,
Cantando em baxa voz, envolta em choro,
O grande esforço mal agardecido.
- «Ó Belisário (disse) que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te!

X, 23 (José Meirinhos)

»Aqui tens companheiro, assi nos feitos
Como no galardão injusto e duro;
Em ti e nele veremos altos peitos
A baxo estado vir, humilde e escuro.
Morrer nos hospitais, em pobres leitos,
Os que ao Rei e à Lei servem de muro!
Isto fazem os Reis cuja vontade
Manda mais que a justiça e que a verdade.

X, 24 (Carolina Almeida)

»Isto fazem os Reis quando embebidos
Nūa aparência branda que os contenta:
Dão os prémios, de Aiace merecidos,
À língua vā de Ulisses, fraudulenta.
Mas vingo-me: que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sábios cavaleiros,
Dão-os logo a avarentos lisonjeiros.

X, 25 (Carolina Almeida)

»Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Um tal vassalo, ó Rei, só nisto inico,
Se não és pera dar-lhe honroso estado,
É ele pera dar-te um Reino rico.
Enquanto for o mundo rodeado
Dos Apolíneos raios, eu te fico
Que ele seja entre a gente ilustre e claro,
E tu nisto culpado por avaro.

X, 26 (Carolina Almeida)

»Mas eis outro (cantava) intitulado

Vem com nome real e traz consigo
O filho, que no mar será ilustrado,
Tanto como qualquer Romano antigo.
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quíloa fértil, áspero castigo,
Fazendo nela Rei leal e humano,
Deitado fora o pérfido tirano.

X, 27 (Carolina Almeida)

»Também farão Mombaça, que se arreia
De casas sumptuosas e edifícios,
Co ferro e fogo seu queimada e feia,
Em pago dos passados malefícios.
Despois, na costa da Índia, andando cheia
De lenhos inimigos e artifícios
Contra os Lusos, com velas e com remos
O mancebo Lourenço fará extremos.

X, 28 (Carolina Almeida)

»Das grandes naus do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, coa férrea pela,
Que sai com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, masto, vela.
Despois, lançando arpéus ousadamente
Na capitaina imiga, dentro nela
Saltando o fará só com lança e espada
De quatrocentos Mouros despejada.

X, 29 (Carolina Almeida)

»Mas de Deus a escondida providência
(Que ela só sabe o bem de que se serve)
O porá onde esforço nem prudência

Poderá haver que a vida lhe reserve.
Em Chaúl, onde em sangue e resistência
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão que com vida se não saia
As armadas de Egipto e de Cambaia.

X, 30 (Hugo Viana)

»Ali o poder de muitos inimigos
(Que o grande esforço só com força rende),
Os ventos que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o ofende.
Aqui ressurjam todos os Antigos,
A ver o nobre ardor que aqui se aprende:
Outro Ceva verão, que, espedaçado,
Não sabe ser rendido nem domado.

X, 31 (Hugo Viana)

»Com toda ūa coxa fora, que em pedaços
Lhe leva um cego tiro que passara,
Se serve inda dos animosos braços
E do grão coração que lhe ficara.
Até que outro pelouro quebra os laços
Com que co alma o corpo se liara:
Ela, solta, voou da prisão fora
Onde súbito se acha vencedora.

X, 32 (Hugo Viana)

»Vai-te, alma, em paz, da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou, vingança já lhe ordena:
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,

Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos e trabucos,
A Cambaicos crueis e Mamelucos.

X, 33 (Hugo Viana)

»Eis vem o pai, com ânimo estupendo,
Trazendo fúria e mágoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, água nos olhos.
A nobre ira lhe vinha prometendo
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas naus; senti-lo-á o Nilo,
Podê-lo-á o Indo ver e o Gange ouvi-lo.

X, 34 (Hugo Viana)

»Qual o touro cioso, que se ensaia
Pera a crua peleja, os cornos tenta
No tronco dum carvalho ou alta faia
E, o ar ferindo, as forças experimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia,
Abaxando-lhe a túmida ousadia.

X, 35 (Hugo Viana)

»E logo, entrando fero na enseada
De Dio, ilustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecu, que remos tem por malhas.
A de Melique Iaz, acautelada,
Cos pelouros que tu, Vulcano, espalhas,
Fará ir ver o frio e fundo assento,

Secreto leito do húmido elemento.

X, 36 (Mafalda Cameiro)

»Mas a de Mir Hocém, que, abalroando,
A fúria esperará dos vingadores,
Verá braços e pernas ir nadando
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores.
Raios de fogo irão representando,
No cego ardor, os bravos domadores.
Quanto ali sentirão olhos e ouvidos
É fumo, ferro, flamas e alaridos.

X, 37 (Mafalda Cameiro)

»Mas ah, que desta próspera vitória,
Com que despois virá ao pátrio Tejo,
Quási lhe roubará a famosa glória
Um sucesso, que triste e negro vejo!
O Cabo Tormentório, que a memória
Cos ossos guardará, não terá pejo
De tirar deste mundo aquele espirto,
Que não tiraram toda a Índia e Egipto.

X, 38 (Mafalda Cameiro)

»Ali, Cafres selvagens poderão
O que destros imigos não puderam;
E rudos paus tostados sós farão
O que arcos e pelouros não fizeram.
Ocultos os juízos de Deus são;
As gentes vãs, que não nos entenderam,
Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,
Sendo só providêncial de Deus pura.

X, 39 (Mafalda Cameiro)

»Mas oh, que luz tamanha que abrir sinto
(Dizia a Ninfa, e a voz alevantava)
Lá no mar de Melinde, em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja e Brava,
Pelo Cunha também, que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar que lava
As ilhas do Austro, e praias que se chamam
De São Lourenço, e em todo o Sul se afamam!

X, 40 (Mafalda Cameiro)

»Esta luz é do fogo e das luzentes
Armas com que Albuquerque irá amansando
De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,
Que refusam o jugo honroso e brando.
Ali verão as setas estridentes
Reciprocar-se, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou; que Deus peleja
Por quem estende a fé da Madre Igreja.

X, 41 (Mafalda Cameiro)

»Ali do sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pela praia e mar se estendem
De Gerum, de Mazcate e Calaiate;
Até que à força só de braço aprendem
A abaxar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o reino inico
Das perlas de Barém tributo rico.

X, 42 (Fernanda Mendes)

»Que gloriosas palmas tecer vejo

Com que Vitória a fronte lhe coroa,
Quando, sem sombra vã de medo ou pejo,
Toma a ilha ilustríssima de Goa!
Despois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e ocasião espera boa
Com que a torne a tomar, que esforço e arte
Vencerão a Fortuna e o próprio Marte.

X, 43 (Fernanda Mendes)

»Eis já sobr'ela torna e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso e horrendo
Esquadrão de Gentios e de Mouros.
Irão soldados ínclitos fazendo
Mais que liões famélicos e touros,
Na luz que sempre celebrada e dina
Será da Egípcia Santa Caterina.

X, 44 (Fernanda Mendes)

»Nem tu menos fugir poderás deste,
Posto que rica e posto que assentada
Lá no grémio da Aurora, onde naceste,
Opulenta Malaca nomeada.
As setas venenosas que fizeste,
Os crises com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jaus valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.».

X, 45 (Fernanda Mendes)

Mais estanças cantara esta Sirena
Em louvor do ilustríssimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe ūa ira que o condena,

Posto que a fama sua o mundo cerque.
O grande Capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos glória eterna merque,
Mais há-de ser um brando companheiro
Pera os seus, que juiz cruel e inteiro.

X, 46 (Fernanda Mendes)

Mas em tempo que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A sazão e o lugar, fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes,
Parece de selváticas brutezas,
De peitos inumanos e insolentes,
Dar extremo suplício pela culpa
Que a fraca humanidade e Amor desculpa.

X, 47 (Fernanda Mendes)

Não será a culpa abominoso incesto
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adultério desonesto,
Mas cúa escrava vil, lasciva e escura.
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Cos seus ūa ira insana não refreia,
Põe, na fama alva, noda negra e feia.

X, 48 (Pedro Monteiro)

Viu Alexandre Apeles namorado
Da sua Campaspe, e deu-lha alegmente,
Não sendo seu soldado experimentado,
Nem vendo-se num cerco duro e urgente.
Sentiu Ciro que andava já abrasado

Araspas, de Panteia, em fogo ardente,
Que ele tomara em guarda, e prometia
Que nenhum mau desejo o venceria;

X, 49 (Pedro Monteiro)

Mas, vendo o ilustre Persa que vencido
Fora de Amor, que, enfim, não tem defensa,
Levemente o perdoa, e foi servido
Dele num caso grande, em recompensa.
Per força, de Judita foi marido
O férreo Balduíno; mas dispensa
Carlos, pai dela, posto em causas grandes,
Que viva e povoador seja de Frandes.

X, 50 (Pedro Monteiro)

Mas, prosseguindo a Ninfá o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremular e pôr espanto
Pelas roxas Arábicas ribeiras:
- «Medina abominábil teme tanto,
Quanto Meca e Gidá, coas derradeiras
Praias de Abássia; Barborá se teme
Do mal de que o empório Zeila geme.

X, 51 (Pedro Monteiro)

»A nobre ilha também de Taprobana,
Já pelo nome antigo tão famosa
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça cálida, cheirosa,
Dela dará tributo à Lusitana
Bandeira, quando, excelsa e gloriosa,
Vencendo se erguerá na torre erguida,

Em Columbo, dos próprios tão temida.

X, 52 (Pedro Monteiro)

»Também Sequeira, as ondas Eritreias
Dividindo, abrirá novo caminho
Pera ti, grande Império, que te arreias
De seres de Candace e Sabá ninho.
Maçuá, com cisternas de água cheias
Verá, e o porto Arquico, ali vizinho;
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

X, 53 (Pedro Monteiro)

»Virá depois Meneses, cujo ferro
Mais na Africa, que cá, terá provado;
Castigará de Ormuz soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Também tu, Gama, em pago do desterro
Em que estás e serásinda tornado,
Cos títulos de Conde e d'honras nobres
Virás mandar a terra que descobres.

X, 54 (Óliver Brack)

»Mas aquela fatal necessidade
De quem ninguém se exime dos humanos,
Ilustrado coa Régia dignidade,
Te tirará do mundo e seus enganos.
Outro Meneses logo, cuja idade
É maior na prudência que nos anos,
Governará; e fará o ditoso Henrique
Que perpétua memória dele fique.

X, 55 (Óliver Brack)

»Não vencerá somente os Malabares,
Destruindo Panane com Coulete,
Cometendo as bombardas, que, nos ares,
Se vingam só do peito que as comete;
Mas com virtudes, certo, singulares,
Vence os imigos d'alma todos sete;
De cobiça triunfa e incontinência,
Que em tal idade é suma de excelência.

X, 56 (Óliver Brack)

»Mas, despois que as Estrelas o chamarem,
Sucederás, ó forte Mascarenhas;
E, se injustos o mando te tomarem,
Prometo-te que fama eterna tenhas.
Pera teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

X, 57 (Óliver Brack)

»No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
Num só dia as injúrias de mil anos
Vingarás, co valor de ilustres peitos.
Trabalhos e perigos inumanos,
Abrolhos férreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, setas:
Tudo fico que rompas e sometas.

X, 58 (Óliver Brack)

»Mas na Índia, cobiça e ambição,

Que claramente põem aberto o rosto
Contra Deus e Justiça, te farão
Vitupério nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injúria vil e sem razão,
Com forças e poder em que está posto,
Não vence; que a vitória verdadeira
É saber ter justiça nua e inteira.

X, 59 (Oliver Brack)

»Mas, contudo, não nego que Sampaio
Será, no esforço, ilustre e assinalado,
Mostrando-se no mar um fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, pera que, amedrontado,
Despois a ser vencido dele venha
Cutiale, com quanta armada tenha.

X, 60 (José Higuera)

»E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaül temerá, de grande e ousada,
Fará, coa vista só, perdida e rota,
Por Heitor da Silveira e destroçada;
Por Heitor Português, de quem se nota
Que na costa Cambaica, sempre armada,
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

X, 61 (José Higuera)

»A Sampaio feroz sucederá
Cunha, que longo tempo tem o leme:
De Chale as torres altas erguerá,

Enquanto Dio ilustre dele treme;
O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue, porém, que nele gême
Melique, porque à força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

X, 62 (José Higuera)

»Trás este vem Noronha, cujo auspício
De Dio os Rumes feros afugenta;
Dio, que o peito e bélico exercício
De António da Silveira bem sustenta.
Fará em Noronha a morte o usado ofício,
Quando um teu ramo, ó Gama, se exprimenta
No governo do Império, cujo zelo
Com medo o Roxo Mar fará amarelo.

X, 63 (José Higuera)

»Das mãos do teu Estêvão vem tomar
As rédeas um, que já será ilustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata Francês, ao mar usado.
Despois, Capitão-mor do índico mar,
O muro de Damão, soberbo e armado,
Escala e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.

X, 64 (José Higuera)

»A este o Rei Cambaico soberbíssimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Por que contra o Mogor poderosíssimo
Lhe ajude a defender o senhorio.
Despois irá com peito esforçadíssimo

A tolher que não passe o Rei gentio
De Calecu, que assi com quantos veio
O fará retirar, de sangue cheio.

X, 65 (José Higuera)

»Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei, com muitos, em fugida;
E despois, junto ao Cabo Comorim,
 úa façanha faz esclarecida:
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co furor do ferro e fogo;
Em si verá Beadala o Márcio jogo.

X, 66 (Aviva Garribba)

»Tendo assi limpa a Índia dos imigos,
Virá despois com ceptro a governá-la
Sem que ache resistência nem perigos,
Que todos tremem dele e nenhum fala.
Só quis provar os ásperos castigos
Baticalá, que vira já Beadala.
De sangue e corpos mortos ficou cheia
E de fogo e trovões desfeita e feia.

X, 67 (Aviva Garribba)

»Este será Martinho, que de Marte
O nome tem coas obras derivado;
Tanto em armas ilustre em toda parte,
Quanto, em conselho, sábio e bem cuidado.
Suceder-lhe-á ali Castro, que o estandarte
Português terá sempre levantado,
Conforme sucessor ao sucedido,

Que um ergue Dio, outro o defende erguido.

X, 68 (Aviva Garribba)

»Persas ferozes, Abassis e Rumes,
Que trazido de Roma o nome têm,
Vários de gestos, vários de costumes
(Que mil nações ao cerco feras vêm),
Farão dos Céus ao mundo vãos queixumes
Porque uns poucos a terra lhe detêm.
Em sangue Português, juram, desridos,
De banhar os bigodes retorcidos.

X, 69 (Aviva Garribba)

»Basiliscos medonhos e liões,
Trabucos feros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas cos barões
Que tão ledos as mortes têm por certas;
Até que, nas maiores opressões,
Castro libertador, fazendo ofertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna e a Deus se sacrificuem.

X, 70 (Aviva Garribba)

»Fernando, um deles, ramo da alta pranta,
Onde o violento fogo, com ruído,
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será ali arrebatado e ao Céu subido.
Álvaro, quando o Inverno o mundo espanta
E tem o caminho húmido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,
Os ventos e despois os inimigos.

X, 71 (Aviva Garribba)

»Eis vem despois o pai, que as ondas corta
Co restante da gente Lusitana,
E com força e saber, que mais importa,
Batalha dá felice e soberana.
Uns, paredes subindo, escusam porta;
Outros a abrem na fera esquadra insana.
Feitos farão tão dinos de memória
Que não caibam em verso ou larga história.

X, 72 (Patrizia Botta)

»Este, despois, em campo se apresenta,
Vencedor forte e intrépido, ao possante
Rei de Cambaia e a vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante.
Não menos suas terras mal sustenta
O Hidalcão, do braço triunfante
Que castigando vai Dabul na costa;
Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

X, 73 (Patrizia Botta)

»Estes e outros Barões, por várias partes,
Dinos todos de fama e maravilha,
Fazendo-se na terra bravos Martes,
Virão lograr os gostos desta Ilha,
Varrendo triunfantes estandartes
Pelas ondas que corta a aguda quilha;
E acharão estas Ninfas e estas mesas,
Que glórias e honras são de árduas empresas.».

X, 74 (Patrizia Botta)

Assi cantava a Ninfá; e as outras todas,

Com sonoro aplauso, vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas
Que com tanto prazer se celebravam.

- «Por mais que da Fortuna andem as rodas
(Nūa cōnsona voz todas soavam),
Não vos hão-de faltar, gente famosa,
Honra, valor e fama gloriosa.».

X, 75 (Patrizia Botta)

Despois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na harmonia e doce suavidade
Viram os altos feitos que descobre,
Tétis, de graça ornada e gravidade,
Pera que com mais alta glória dobre
As festas deste alegre e claro dia,
Pera o felice Gama assi dizia:

X, 76 (Patrizia Botta)

- «Faz-te mercê, barão, a Sapiência
Suprema de, cos olhos corporais,
Veres o que não pode a vā ciência
Dos errados e míseros mortais.
Sigue-me firme e forte, com prudênciac
Por este monte espesso, tu cos mais.».
Assi lhe diz e o guia por um mato
Árduo, difícil, duro a humano trato.

X, 77 (Patrizia Botta)

Não andam muito que no erguido cume
Se acharam, onde um campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis, tais que presume

A vista que divino chão pisava.
Aqui um globo vêm no ar, que o lume
Claríssimo por ele penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superfície, claramente.

X, 78 (José Higuera)

Qual a matéria seja não se enxerga,
Mas enxerga-se bem que está composto
De vários orbes, que a Divina verga
Compôs, e um centro a todos só tem posto.
Volvendo, ora se abaxe, agora se erga,
Nunca s'ergue ou se abaxa, e um mesmo rosto
Por toda a parte tem; e em toda a parte
Começa e acaba, enfim, por divina arte,

X, 79 (José Higuera)

Uniforme, perfeito, em si sustido,
Qual, enfim, o Arquetipo que o criou.
Vendo o Gama este globo, comovido
De espanto e de desejo ali ficou.
Diz-lhe a Deusa: - «O transunto, reduzido
Em pequeno volume, aqui te dou
Do Mundo aos olhos teus, pera que vejas
Por onde vás e irás e o que desejas.

X, 80 (José Higuera)

«Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assi foi do Saber, alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo

Globo e sua superfície tão limada,
É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.

X, 81 (José Higuera)

»Este orbe que, primeiro, vai cercando
Os outros mais pequenos que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando
Que a vista cega e a mente vil também,
Empíreo se nomeia, onde logrando
Puras almas estão daquele Bem
Tamanho, que ele só se entende e alcança,
De quem não há no mundo semelhança.

X, 82 (José Higuera)

»Aqui, só verdadeiros, gloriosos
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,
Júpiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano.
Só pera fazer versos deleitosos
Servimos; e, se mais o trato humano
Nos pode dar, é só que o nome nosso
Nestas estrelas pôs o engenho vosso.

X, 83 (José Higuera)

»E também, porque a santa Providência,
Que em Júpiter aqui se representa,
Por espíritos mil que têm prudência
Governa o Mundo todo que sustenta
(Ensina-lo a profética ciência,
Em muitos dos exemplos que apresenta);
Os que são bons, guiando, favorecem,

Os maus, em quanto podem, nos empecem;

X, 84 (Cristina Gómez)

«Luego quiere el pincel, que asaz varía,
Ora deleite siendo, ora enseñando,
Nombres dar, que la antigua poesía
Los tiene por de dioses, fabulando.
Mas sacra Musa, a la alta compañía
De los ángeles solo así llamando,
Si sufre dar tal nombre preeminente
A los falsos, ficción es solamente.

X, 85 (Cristina Gómez)

«Es, en fin, siempre Dios, aunque segundas
Causas dispone, quien el orbe manda.
Y volviendo a narrar de las profundas
Obras de su potencia veneranda,
Deabajo de ese cerco dó las mundas
Almas divas están (el cual no anda)
Otro corre tan rápido, que estimo
Que no le ves; y es ese el móvil primo.

X, 86 (Cristina Gómez)

Y con su andar veloz, grande y seguro
Van todos los que dentro hay en su seno.
Por obra suya, atento Febo y puro,
Día y noche nos da, de impulso ajeno:
Deabajo de este leve anda otro duro,
Tan lento y subyugado al firme freno,
Que mientras el sol, de lumbre nunca escaso,
Doscientas vueltas hace, él anda un paso,

X, 87 (Cristina Gómez)

«Mira ese otro debajo, embellecido
Por otros cuerpos lisos y radiantes,
Que también curso en él tienen ceñido,
Y corren en sus ejes rutilantes:
Mira bien cuál se adorna y va vestido
Con ancha banda de oro, que brillantes
Doce animales cuenta figurados,
Aposentos a Febo reservados.

X, 88 (Cristina Gómez)

«Mira de esa otra parte la figura
Que los astros fulgentes van haciendo:
Mira el Carro, y patente a Cinosura,
a Andromeda, a su padre, al Drago horrendo,
Y ve de Casiopea la hermosura,
Y de Orionte el gesto ve tremendo,
Y muriendo y llorando al Cisne mira:
La Nao, la Liebre, el Can, la dulce Lira.

X, 89 (Cristina Gómez)

«Deabajo de este inmenso firmamento
El cielo es de Saturno, dios antiguo;
Júpiter sigue luego el movimiento,
Y abajo Marte, bélico enemigo;
Y es, cual ojo del sol en cuarto asiento,
Venus, que los amores trae consigo;
Mercurio, el de elocuencia soberana
Sigue, y debajo la trifaz Diana.

X, 90 (Carlos Pacho)

»Em todos estos orbes, diferente

Curso verás, nuns grave e noutrous leve;
Ora fogem do Centro longamente,
Ora da Terra estão caminho breve,
Bem como quis o Padre omnipotente,
Que o fogo fez e o ar, o vento e neve,
Os quais verás que jazem mais a dentro
E tem co Mar a Terra por seu centro.

X, 91 (Carlos Pacho)

»Neste centro, pousada dos humanos,
Que não somente, ousados, se contentam
De sofrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instável exprimentam,
Verás as várias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se apousentam
Várias nações que mandam vários Reis,
Vários costumes seus e várias leis.

X, 92 (Carlos Pacho)

»Vês Europa Cristã, mais alta e clara
Que as outras em polícia e fortaleza.
Vês África, dos bens do mundo avara,
Inculta e toda cheia de bruteza;
Co Cabo que até'aqui se vos negara,
Que assentou pera o Austro a Natureza.
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem Lei, quási infinita.

X, 93 (Carlos Pacho)

»Vê do Benomotapa o grande império,
De selvática gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vitupério

Padecerá, pola Fé santa sua.
Nace por este incógnito Hemispério
O metal por que mais a gente sua.
Vê que do lago donde se derrama
O Nilo, também vindo está Cuama.

X, 94 (Carlos Pacho)

»Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados, em seus ninhos,
Na justiça real e defensão
E na fidelidade dos vizinhos;
Olha deles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro de estorninhos
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que dfefenderá Nhaia com destreza.

X, 95 (Carlos Pacho)

»Olha lá as alagoas donde o Nilo
Nace, que não souberam os antigos;
Vê-lo rega, gerando o crocodilo,
Os povos Abassis, de Cristo amigos;
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos;
Vê Méroe, que ilha foi de antiga fama,
Que ora dos naturais Nobá se chama.

X, 96 (Luis Pablo Núñez)

»Nesta remota terra um filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
Há-de ser Dom Cristóvão o nome seu;
Mas contra o fim fatal não há reparo.
Vê cá a costa do mar, onde te deu

Melinde hospício gasalhoso e caro;
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi; entra em Quilmance.

X, 97 (Luis Pablo Núñez)

»O Cabo vê já Arómata chamado,
E agora Guardafú, dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores;
Este como limite está lançado
Que divide Ásia de África; e as melhores
Povoações que a parte África tem
Maçuá são, Arquico e Suaquéim.

X, 98 (Luis Pablo Núñez)

»Vês o extremo Suez, que antigamente
Dizem que foi dos Héroas a cidade
(Outros dizem que Arsínoe), e ao presente
Tem das frotas do Egipto a potestade.
Olha as águas nas quais abriu patente
Estrada o grão Mousés na antiga idade.
Ásia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opulenta.

X, 99 (Luis Pablo Núñez)

»Olha o monte Sinai, que se enobrece
Co sepulcro de Santa Caterina;
Olha Toro e Gidá, que lhe falece
Água das fontes, doce e cristalina;
Olha as portas do Estreito, que fenece
No reino da seca Ádem, que confina
Com a serra d'Arzira, pedra viva,

Onde chuva dos céus se não deriva.

X, 100 (Luis Pablo Núñez)

»Olha as Arábias três, que tanta terra
Tomam, todas da gente vaga e baça,
Donde vêm os cavalos pera a guerra,
 Ligeiros e ferozes, de alta raça;
Olha a costa que corre, até que cerra
Outro Estreito de Pérsia, e faz a traça
 O Cabo que co nome se apelida
 Da cidade Fartaque, ali sabida.

X, 101 (Luis Pablo Núñez)

»Olha Dófar, insigne porque manda
O mais cheiroso incenso pera as aras;
 Mas atenta: já cá destoutra banda
De Roçalgate, e praias sempre avaras,
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
 Pelas ribeiras que inda serão claras
Quando as galés do Turco e fera armada
 Virem de Castelbranco nua a espada.

X, 102 (Joana Gomes)

»Olha o Cabo Asaboro, que chamado
Agora é Moçandão, dos navegantes;
 Por aqui entra o lago que é fechado
De Arábia e Pérsias terras abundantes.
Atenta a ilha Barém, que o fundo ornado
 Tem das suas perlas ricas, e imitantes
 À cor da Aurora; e vê na água salgada
 Ter o Tígris e Eufrates ùa entrada.

X, 103 (Joana Gomes)

»Olha da grande Pérsia o império nobre,
Sempre posto no campo e nos cavalos,
Que se injuria de usar fundido cobre
E de não ter das armas sempre os calos.
Mas vê a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervalos,
Que da cidade Armuza, que ali esteve,
Ela o nome despois e a glória teve.

X, 104 (Joana Gomes)

»Aqui de Dom Filipe de Meneses
Se mostrará a virtude, em armas clara,
Quando, com muito poucos Portugueses,
Os muitos Párseos vencerá de Lara.
Virão provar os golpes e reveses
De Dom Pedro de Sousa, que provara
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra, à força só de espada.

X, 105 (Joana Gomes)

»Mas deixemos o Estreito e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpela,
Com todo o seu terreno mal querido
Da Natura e dos dões usados dela;
Carmânia teve já por apelido.
Mas vês o fermo Indo, que daquela
Altura nace, junto à qual, também
Doura altura correndo o Gange vem?

X, 106 (Joana Gomes)

»Olha a terra de Ulcinde, fertilíssima,

E de Jáquete a íntima enseada;
Do mar a enchente súbita, grandíssima,
E a vazante, que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê, riquíssima,
Onde do mar o seio faz entrada;
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

X, 107 (Joana Gomes)

»Vês corre a costa célebre Indiana
Pera o Sul, até o Cabo Comori,
Já chamado Cori, que Taprobana
(Que ora é Ceilão) defronte tem de si.
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá despois de ti,
Terá vitórias, terras e cidades,
Nas quais hão-de viver muitas idades.

X, 108 (Márcio Muniz)

»As províncias que entre um e o outro rio
Vês, com várias nações, são infinitas:
Um reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o Demónio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as relíquias santas e benditas
Do corpo de Tomé, barão sagrado,
Que a Jesu Cristo teve a mão no lado.

X, 109 (Márcio Muniz)

»Aqui a cidade foi que se chamava
Meliapor, ferrosa, grande e rica;
Os ídolos antigos adorava,

Como inda agora faz a gente inica.
Longe do mar naquele tempo estava,
Quando a Fé, que no mundo se pubrica,
Tomé vinha prègando, e já passara
Províncias mil do mundo, que ensinara.

X, 110 (Márcio Muniz)

»Chegado aqui, pregando e junto dando
A doentes saúde, a mortos vida,
Acaso traz um dia o mar, vagando,
Um lenho de grandeza desmedida.
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer dele madeira; e não duvida
Poder tirá-lo a terra, com possantes
Forças d' homens, de engenhos, de alifantes.

X, 111 (Márcio Muniz)

»Era tão grande o peso do madeiro
Que, só pera abalar-se, nada abasta;
Mas o núncio de Cristo verdadeiro
Menos trabalho em tal negócio gasta:
Ata o cordão que traz, por derradeiro,
No tronco, e facilmente o leva e arrasta
Pera onde faça um sumptuoso templo
Que ficasse aos futuros por exemplo.

X, 112 (Márcio Muniz)

»Sabia bem que se com fé formada
Mandar a um monte surdo que se mova,
Que obedecerá logo à voz sagrada,
Que assi lho ensinou Cristo, e ele o prova.
A gente ficou disto alvoraçada;

Os Brâmenes o têm por cousa nova;
Vendo os milagres, vendo a santidade,
Hão medo de perder autoridade.

X, 113 (Márcio Muniz)

»São estes sacerdotes dos Gentios
Em quem mais penetrado tinha enveja;
Buscam maneiras mil, buscam desvios,
Com que Tomé não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,
Um caso horrendo faz, que o mundo veja
Que inimiga não há, tão dura e fera,
Como a virtude falsa, da sincera.

X, 114 (James Nelson Novoa)

»Um filho próprio mata, e logo acusa
De homicídio Tomé, que era inocente;
Dá falsas testemunhas, como se usa;
Condenaram-no a morte brevemente.
O Santo, que não vê melhor escusa
Que apelar pera o Padre omnipotente,
Quer, diante do Rei e dos senhores,
Que se faça um milagre dos maiores.

X, 115 (James Nelson Novoa)

O corpo morto manda ser trazido,
Que ressucite e seja perguntado
Quem foi seu matador, e será crido
Por testemunho, o seu, mais aprovado.
Viram todos o moço vivo, erguido,
Em nome de Jesu crucificado:
Dá graças a Tomé, que lhe deu vida,

E descobre seu pai ser homicida.

X, 116 (James Nelson Novoa)

»Este milagre fez tamanho espanto
Que o Rei se banha logo na água santa,
E muitos após ele; um beija o manto,
Outro louvor do Deus de Tomé canta.
Os Brâmenes se encheram de ódio tanto,
Com seu veneno os morde enveja tanta,
Que, persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam matá-lo, em fim de tudo.

X, 117 (James Nelson Novoa)

»Um dia que pregando ao povo estava,
Fingiram entre a gente um arruído.
(Já Cristo neste tempo lhe ordenava
Que, padecendo, fosse ao Céu subido);
A multidão das pedras que voava
No Santo dá, já a tudo oferecido;
Um dos maus, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

X, 118 (James Nelson Novoa)

»Choraram-te, Tomé, o Gange e o Indo;
Chorou-te toda a terra que pisaste;
Mais te choram as almas que vestindo
Se iam da santa Fé que lhe ensinaste.
Mas os Anjos do Céu, cantando e rindo,
Te recebem na glória que ganhaste.
Pedimos-te que a Deus ajuda peças
Com que os teus Lusitanos favoreças.

X, 119 (James Nelson Novoa)

»E vós outros que os nomes usurpais
De mandados de Deus, como Tomé,
Dizei: -Se sois mandados, como estais
 Sem irdes a pregar a santa Fé?
Olhai que, se sois Sal e vos danais
Na pátria, onde profeta ninguém é,
Com que se salgarão em nossos dias
 (Infieis deixo) tantas heresias?-.

X, 120 (Celia López)

»Mas passo esta matéria perigosa
 E tornemos à costa debuxada.
Já com esta cidade tão famosa
Se faz curva a Gangética enseada;
Corre Narsinga, rica e poderosa;
Corre Orixa, de roupas abastada;
No fundo da enseada, o ilustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio;

X, 121 (Celia López)

»Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza
Que, inda que sejam grandes pecadores,
 Esta água santa os lava e dá pureza.
Vê Catigão, cidade das melhores
De Bengala província, que se preza
De abundante. Mas olha que está posta
Pera o Austro, daqui virada, a costa.

X, 122 (Celia López)

»Olha o reino Arracão; olha o assento

De Pegu, que já monstros povoaram,
Monstros filhos do feio ajuntamento
Dúa mulher e um cão, que sós se acharam.

Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumam, o que usaram
Por manha da Rainha que, inventando
Tal uso, deitou fora o error nefando.

X, 123 (Celia López)

»Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o império tão comprido;
Tenassari, Quedá, que é só cabeça
Das que pimenta ali têm produzido.
Mais avante fareis que se conheça
Malaca por empório ennobrecido,
Onde toda a província do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

X, 124 (Celia López)

»Dizem que desta terra coas possantes
Ondas o mar, entrando, dividiu
A nobre ilha Samatra, que já d'antes
Juntas ambas a gente antiga viu.
Quersoneso foi dita; e das prestantes
Veias d'ouro que a terra produziu,
'Aurea', por epíteto lhe ajuntaram;
Alguns que fosse Ofir imaginaram.

X, 125 (Celia López)

»Mas, na ponta da terra, Cingapura
Verás, onde o caminho às naus se estreita;
Daqui tornando a costa à Cinosura,

Se encurva e pera a Aurora se endireita.
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura
De Sião, que estes e outros mais sujeita;
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago que Chiamai se chama.

X, 126 (Lênia Márcia Mongelli)

Vês neste grão terreno os diferentes
Nomes de mil nações, nunca sabidas:
Os Laos, em terra e número potentes;
Avás, Bramás, por serras tão compridas;
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvagens vidas;
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente, usança crua.

X, 127 (Lênia Márcia Mongelli)

»Vês, passa por Camboja Mecom rio,
Que capitão das águas se interpreta;
Tantas recebe d' outro só no Estio,
Que alaga os campos largos e inquieta;
Tem as enchentes quais o Nilo frio;
A gente dele crê, como indiscreta,
Que pena e glória têm, despois de morte,
Os brutos animais de toda sorte.

X, 128 (Lênia Márcia Mongelli)

»Este receberá, plácido e brando,
No seu regaço os Cantos que molhados
Vêm do naufrágio triste e miserando,
Dos procelosos baxos escapados,
Das fomes, dos perigos grandes, quando

Será o injusto mando executado
Naquele cuja Lira sonorosa
Será mais afamada que ditosa.

X, 129 (Lênia Márcia Mongelli)

»Vês, corre a costa que Champá se chama,
Cuja mata é do pau cheiroso ornada;
Vês Cauchichina está, de escura fama,
E de Ainão vê a incógnita enseada;
Aqui o soberbo Império, que se afama
Com terras e riqueza não cuidada,
Da China corre, e ocupa o senhorio
Desde o Trópico ardente ao Cinto frio.

X, 130 (Lênia Márcia Mongelli)

»Olha o muro e edifício nunca crido,
Que entre um império e o outro se edifica,
Certíssimo sinal, e conhecido,
Da potência real, soberba e rica.
Estes, o Rei que têm, não foi nacido
Príncipe, nem dos pais aos filhos fica,
Mas elegem aquele que é famoso
Por cavaleiro, sábio e virtuoso.

X, 131 (Lênia Márcia Mongelli)

»Inda outra muita terra se te esconde
Até que venha o tempo de mostrar-se;
Mas não deixes no mar as Ilhas onde
A Natureza quis mais afamar-se:
Esta, meia escondida, que responde
De longe à China, donde vem buscar-se,
É Japão, onde nace a prata fina,

Que ilustrada será coa Lei divina.

X, 132 (Simona Ailenii)

»Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas Ilhas espalhadas:
Vê Tidore e Ternate, co fervente
Cume, que lança as flamas ondeadas.
As árvores verás do cravo ardente,
Co sangue Português inda compradas.
Aqui há as áureas aves, que não decem
Nunca à terra e só mortas aparecem.

X, 133 (Simona Ailenii)

»Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltam
Da vária cor que pinta o roxo fruto;
As aves variadas, que ali saltam,
Da verde noz tomando seu tributo.
Olha também Bornéu, onde não faltam
Lágrimas no licor coalhado e enxuto
Das árvores, que cânfora é chamado,
Com que da Ilha o nome é celebrado.

X, 134 (Simona Ailenii)

»Ali também Timor, que o lenho manda
Sândalo, salutífero e cheiroso;
Olha a Sunda, tão larga que ûa banda
Esconde pera o Sul dificultoso;
A gente do Sertão, que as terras anda,
Um rio diz que tem miraculoso,
Que, por onde ele só, sem outro, vai,
Converte em pedra o pau que nele cai.

X, 135 (Simona Ailenii)

»Vê naquela que o tempo tornou Ilha,
Que também flamas trémulas vapora,
A fonte que óleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor que o tronco chora,
- Cheiroso, mais que quanto estila a filha
De Ciniras na Arábia, onde ela mora-;
E vê que, tendo quanto as outras têm,
Branda seda e fino ouro dá também.

X, 136 (Simona Ailenii)

»Olha, em Ceilão, que o monte se elevanta
Tanto que as nuvens passa ou a vista engana;
Os naturais o têm por cousa santa,
Pola pedra onde está a pegada humana.
Nas ilhas de Maldiva nace a pranta
No profundo das águas, soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
É tido por antídoto excelente.

X, 137 (Simona Ailenii)

»Verás defronte estar do Roxo Estreito
Socotorá, co amaro aloé famosa;
Outras ilhas, no mar também sujeito
A vós, na costa de África arenosa,
Onde sai do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo oculta e preciosa.
De São Lourenço vê a Ilha afamada,
Que Madagáscar é dalguns chamada.

X, 138 (Flávio Reis)

»Eis aqui as novas partes do Oriente

Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas é também razão que, no Ponente,
Dum Lusitano um feito inda vejais,
Que, de seu Rei mostrando-se agravado,
Caminho há-de fazer nunca cuidado.

X, 139 (Flávio Reis)

»Vedes a grande terra que contina
Vai de Calisto ao seu contrário Pólo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal que a cor tem do louro Apolo.
Castela, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o colar ao rudo colo.
Várias províncias tem de várias gentes,
Em ritos e costumes, diferentes.

X, 140 (Flávio Reis)

»Mas cá onde mais se alarga, ali tereis
Parte também, co pau vermelho nota;
De Santa Cruz o nome lhe poreis;
Descobri-la-á a primeira vossa frota.
Ao longo desta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito, com verdade,
Português, porém não na lealdade.

X, 141(Flávio Reis)

»Dês que passar a via mais que meia
Que ao Antártico Pólo vai da Linha,
Dúa estatura quási giganteia

Homens verá, da terra ali vizinha;
E mais avante o Estreito que se arreia
Co nome dele agora, o qual caminha
Pera outro mar e terra que fica onde
Com suas frias asas o Austro a esconde.

X, 142 (Flávio Reis)

»Até qui Portugeses concedido
Vos é saberdes os futuros feitos
Que, pelo mar que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos que vos façam ser aceitos
Às eternas esposas e fermosas,
Que coroas vos tecem gloriosas,

X, 143 (Flávio Reis)

»Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquilo, pera a pátria amada.».
Assi lhe disse; e logo movimento
Fazem da Ilha alegre e namorada.
Levam refresco e nobre mantimento;
Levam a companhia desejada
Das Ninfas, que hão-de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

X, 144 (M^a Mercedes Rimón)

Fueron así cortando el mar sereno
Con viento siempre manso y nunca airado,
Hasta que a ver volvieron del terreno
Patrio el cielo, y el nido siempre amado.
Entran por el bocal del Tajo ameno.

Y a su patria y su Rey muy venerado
La gloria y premio dan, pues él la manda,
Y con títulos nuevos hoy la agranda.

X, 145 (M^a Mercedes Rimón)

Musa, no más; que ya la lira tengo
Destemplada, y la voz enronquecida;
Y no del canto, mas de ver que vengo
A cantar a una gente ensordecida.
No da la patria, no (yo lo sostengo),
Al ingenio favor; que está sumida
En el lucro no más, y en la aspereza
De apagada, y sombría, y vil tristeza.

X, 146 (M^a Mercedes Rimón)

Y no sé por qué influjo del destino
No goza esa alegría altiva y clara
Que los ánimos alza de contínuo,
Y hace dar al trabajo leda cara.
Por eso vos joh Rey! a quien divino
Querer el regio solio vos depara,
Mirad que sois (y ved las otras gentes)
Monarca de vasallos excelentes.

X, 147 (M^a Mercedes Rimón)

Ved cuán contentos, por tan varias vías,
Como leones van, y bravos toros,
Dando el cuerpo a las penas más impías,
Al ruego, y fierro, y flechas, y Peloros:
A caliente región, y a playas frías:
A los golpes de idólatras y Moros:
A peligros incógnitos del mundo,

A naufragios, a peces, al profundo.

X, 148 (M^a Mercedes Rimón)

A todo, en el servicio vuestro, listos,
Y tan lejos de vos, siempre obedientes
A los mandatos vuestros imprevistos,
Sin dar respuesta, alegres y pacientes:
Con saber solo que de vos son vistos,
Por vos embestirán hornos ardientes,
Demonios del infierno pavoroso,
Y os sacarán de todo victorioso.

X, 149 (M^a Mercedes Rimón)

Favorecedlos luego y alegradlos
Con vuestro halago y vuestra real presencia;
De rigorosas leyes aliviadlos,
Que así se abre el camino a eterna ciencia:
A los ejercitados levantadlos,
Si hermanan la virtud con la experiencia,
Hasta el consejo vuestro, pues que saben
Cómo, y cuándo, y a dó las cosas caben.

X, 150 (Emilio Gil Pérez)

Todos favorecei em seus ofícios,
Segundo têm das vidas o talento;
Tenham Religiosos exercícios
De rogarem, por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelos vícios
Comuns; toda ambição terão por vento,
Que o bom Religioso verdadeiro
Glória vã não pretende nem dinheiro.

X, 151 (Emilio Gil Pérez)

Os Cavaleiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrépido e fervente
Estendem não sómente a Lei de cima,
Masinda vosso Império preminente.
Pois aqueles que a tão remoto clima
Vos vão servir, com passo diligente,
Dous inimigos vencem: uns, os vivos,
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

X, 152 (Emilio Gil Pérez)

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Galos, ítalos e Ingleses,
Possam dizer que são pera mandados,
Mais que pera mandar, os Portugueses.
Tomai conselho só d'perimentados
Que viram largos anos, largos meses,
Que, posto que em cientes muito cabe.
Mais em particular o experto sabe.

X, 153 (Emilio Gil Pérez)

De Formião, filósofo elegante,
Vereis como Anibal escarnecia,
Quando das artes bélicas, diante
Dele, com larga voz tratava e lia.
A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.

X, 154 (Emilio Gil Pérez)

Mas eu que falo, humilde, baxo e rudo,

De vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei, contudo,
Que o louvor sai às vezes acabado.
Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiência misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

X, 155 (Emilio Gil Pérez)

Pera servir-vos, braço às armas feito,
Pera cantar-vos, mente às Musas dada;
Só me falece ser a vós aceito,
De quem virtude deve ser prezada.
Se me isto o Céu concede, e o vosso peito
Dina empresa tomar de ser cantada,
Como a pressaga mente vaticina
Olhando a vossa inclinação divina,

X, 156 (Emilio Gil Pérez)

Ou fazendo que, mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos e Trudante,
A minha já estimada e leda Musa
Fico que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandre em vós se veja,
Sem à dita de Aquiles ter enveja.

F I M

